

Carlos Lúcio Gontijo

O Contador de Formigas



O CONTADOR DE FORMIGAS

*“Se você não botar pra ferver
Se não deixar quebrar
Sem se importar em se perder
Jamais será aceito.”*

Estes são versos do primeiro livro lançado por Carlos Lúcio Gontijo - *Ventre do Mundo* - assim como também o são estes outros: “A vida vale mais para quem se divide. Não vale a pena ficar esperando.”

E só pode ser desse “ventre do mundo”, repleto de lirismo e antíteses como esta - “Um dia o riso lhe veio: mas ele o enxugou pensando ser pranto...”, que nasceu *O Contador de Formigas*. Parece que naquele ventre já ganhava vida o embrião desta obra em forma de romance e poesia que revela aos seus “velhos” leitores a alma por inteiro de um poeta-romancista, cujo traço mais marcante é a paixão ideológica. Pois *O Contador de Formigas* é a expressão dos fatos sociais e econômicos da nossa realidade, atravessada por todas as mazelas e contradições absurdas que lhe são próprias.

Com seu estilo próprio e sua vocação para o verso, o autor nos apresenta cada personagem ou fato marcante ou quebra-cabeça que se revela, com um poema em cujos versos toda a trama do destino de cada um aí está sintetizada. Assim é com o poema *Sina D'Água*, que nos apresenta *Mari'Stela*, mulher e guerreira, que não faz de sua escolha de engravidar-se de um padre, um castigo de Deus nem motivo para se afogar em lamentos e se exilar da vida, mas antes, como a água, “Cumprir com dignidade o seu castigo / De entregar-se doce ao mar salgado / Como se toda pena branda fosse / Depois de ter-se amado”.

O Contador de Formigas conta a história de um padre inglês - o padre Charles - que abandona sua vocação religiosa para se casar com *Mari'Stela*, uma “morena de pele escura”, e assim abraçar uma outra causa - a rejeitada e tão temida vocação para o social, provando desse modo “...

Carlos Lúcio Gontijo

O
Contador
de
Formigas

Ilustração

Nivaldo Marques Martins

Copyright © by CLG, 1998.
Direitos reservados a CLG
Av. João Augusto Fonseca e Silva, 1107 - 402
Contagem - MG - CEP 32341-100
Tel.: (031) 351-6924

○	Gontijo, Carlos Lúcio O contador de formigas romance e poesia - 1ª ed.- 2ª ed. Fevereiro - BeloHorizonte, 1999 164 páginas., il.	○
---	--	---

Revisão:

Berenicy Raelmy Silva

Composição:

Conceição Nina de Oliveira

Capa, ilustração e programação gráfica:

Nivaldo Marques Martins

Assim como o terço do cristão
verdadeiro não serve apenas para
contabilizar orações,
pesquisa de opinião,
com algum sentimento social,
não registra somente números:
antes, credita pessoas!

Um Autor Sozinho

Aqui, desejo expressar minha admiração pela tenacidade, pela garra que Carlos Lúcio Gontijo revela, no seu fazer literário, na sua intenção de levar ao público essa mensagem de afeição e de esperança nas pontualidades do homem brasileiro. No seu amor confesso e incondicional pelo Brasil e pelas coisas que são muito nossas. E isso praticamente sozinho, sem apoio de grandes editoras. Põe no papel sua visão de uma sociedade desigual, onde a injustiça, o desrespeito e o desamor ao próximo é a tônica.

Sabe, como poucos, manejar essa língua portuguesa tão sofrida quanto seu povo, tão maltratada quanto essa gente trabalhadora. Com inteligência, utiliza seu talento literário como se estivesse esgrimindo com as palavras, vibrando golpes certos e contundentes na consciência do leitor. São substantivos, adjetivos e verbos empregados com precisão, de forma expressiva e enriquecedora de situações que, em mãos menos hábeis, passariam como banais.

Fica-nos, pois, uma forte e instigante impressão, de algo novo na trajetória desse jovem autor, após o término da leitura de "O Contador de Formigas".

Válter Alves Lima

Jornalista

O Contador de Formigas

2ª Edição

COMEMORATIVA DOS 22 ANOS DE LITERATURA DO AUTOR

PREFÁCIO

O jornalista e escritor Carlos Lúcio Gontijo nos brinda com mais uma obra de grande riqueza humana. Poeta e prosador, já publicou cinco trabalhos: *Ventre do Mundo* (poesia, 1977), *Leite e Lua* (poesia, 1977), *Cio de Vento* (poesia, 1987), *Aroma de Mãe* (poesia e prosa, 1993) e *Pelas Partes Femininas* (poesia e prosa, 1996).

Agora traz *O Contador de Formigas* que li e reli com muito gosto. Adorei como diz a meninada de hoje. Não sei muito bem como classificá-lo, se prosa, poesia ou romance, porque o livro é tudo isto e ainda com graça e sensibilidade. Com enredo de grande criatividade e profundamente humano, a gente começa a ler e não consegue parar, de tão interessante. Versos de grande beleza iniciam cada um dos catorze capítulos da obra.

O Contador de Formigas relata dramas humanos vividos por gente de carne e osso e de fortes sentimentos humanos. Mari Stela, Mari como era chamada, tem um encontro fortuito, para escapar da chuva, com o padre Charles no lugarejo Indaiá da Pedra, ocasião em que o homem e mulher não conseguem dominar o instinto que une dois seres no amor. Neste encontro Mari engravida. A vida em Indaiá da Pedra é representativa de muitos dos povoados desta Minas e do Brasil. Vejam o escândalo armado. Mas, Mari conta com a humanidade da vizinha, a compreensão da velha tia com quem morava e a sagacidade do irmão Carlos. Ele, também, uma pessoa sensível, tomara como esposa a Verinha, jovem prostituta, que fora levada a este estado pela hipocrisia e injustiça social.

O padre Charles deixa a batina, mudam-se para uma cidade maior, onde nasce o filho Zóio Verde. A trama se desenvolve em clima de aprendizado e participação humana. Toma grande vulto

com a presença do filho Zóio Verde, o advogado Carlos, a Marilda vizinha e Noca do Bar (e a jeritataka), Amanda a inglesinha, a fazenda Formiga de Asas, o cachorro Agulha, o Vicente, filho do empregado e o aprendizado de vender cavalos com defeitos. Temos a figura extraordinária do Zé Alfinete, o alfaiate como somente existia nos lugarejos do interior, humano e sábio, que teve importante presença desde o início da narração. Aparece afinal a figura do Charles, que se transformara no Charles do IBGE, pois passou a trabalhar ali como estatístico.

A trama vai longe, ganha suspense e emociona com a filosofia do Charles, que em um delírio como um Sancho inglês, amante do Brasil, vê a solução estatística de contar as formigas, que poderiam destruir o “seu país”.

Não pretendo contar o enredo, entretanto desejo aguçar o leitor para o deguste deste livro. Que o veja com olhos, como diz o autor, o jornalista e escritor Carlos Lúcio Gontijo: “Os olhos são o cio das luzes, sem eles a claridade não teria razão”. Leitor amigo, recomendo este livro.

Aluísio Pimenta

Reitor da UEMG, ex-reitor da UFMG e ex-ministro da Cultura.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, meu sexto trabalho literário, não aos que estiveram ao meu lado por algum tempo, movidos por um interesse qualquer, mas aos que me acompanham, seguem minha trajetória e serão reconhecidos pela luz de minha amizade, sentindo-se homenageados sem que lhes decline os nomes.

As pessoas, feito os sinos, só deixam de tanger e expor seu canto e seu lamento se a igreja ruir. E a igreja dos seres humanos são a família e os amigos à sua volta. Por isso, a amizade, fenômeno tão difícil de ser alcançado, deve ser preservada como se fosse uma estrada, uma trilha, ou caminho, ao qual somos obrigados a visitar vez por outra, antes que os cipoais e ervas daninhas do cotidiano o destruam.

Voar é o alimento dos que têm raiz, dos que fazem ninhos, dos que sabem que as dores dessa vida são apenas podas do destino, experimentando nossa vontade de crescer, superar, renascer maior, ser fogaçu erguido das cinzas ou arbusto dado por morto e que viça verdejante e

INTRODUÇÃO

A mesma receita culinária costuma ganhar sabor especial - para melhor - nas mãos daquele mais afeito, que se doa, que se deixa ferver junto com os condimentos.

O efeito-estufa encasula a Terra e o clima vai ficando cada vez mais quente abaixo da linha do Equador, onde são mil e um os escândalos políticos, gases industriais e queima de florestas, abrindo rombos em cofres públicos e na camada de ozônio. Tamanhas intempéries nos levam a imaginar que só mesmo a providência divina poderá salvar-nos nesse Brasil tão rico em pesquisas e números estatísticos e tão pobre no encaminhamento de soluções.

Deus continua incansável em seu zelo para com os humanos. Um satélite norte-americano nos revelou que a Terra é bombardeada por até trinta cometas de água espacial a cada minuto. Figurativamente, bombeiros do céu cumprem a dura missão de apagar os incêndios ateados pelo combustível da indiferença e das disputas imorais entre os homens de má vontade do Planeta sem juízo.

Nada na vida é definitivo. O ruim pode piorar, quando não perseveramos na luta ou os preconceitos e as mazelas sociais são mitificados e empanados sob o manto da hipocrisia. Ao restaurarem, num dia do mês de junho de 1997, uma histórica Casa de Ópera em Ouro Preto, Minas Gerais, os técnicos encontraram, por acaso, uma porta nos fundos, pela

qual só entravam os operários e os pobres, que não tinham direito de assentar-se. Pode, à primeira vista, parecer aos menos avisados uma cruel discriminação, porém, àquela época os excluídos pelo menos possuíam uma porta de entrada e, hoje, não há proibição explícita, mas, no entanto, os subjugados pela miséria não podem freqüentar...

Não há como viver sem o contato imediato, sem o toque de *são-tomé* para crer. Isso é instinto natural do espírito encarnado, dos homens enfim, que não suportam o platonismo. Viver, trabalhar, sorrir, sofrer, ser feliz e infeliz são experiências pelas quais todos nós passamos. Não há bonança eterna nem dissabor infundável; a convivência em sociedade é um relacionamento que nos exige estreitamento e roçar de corpos e pensamentos, não existindo à nossa disposição, no mercado de consumo iluminado das vitrinas, uma “camisa-de-vênus” que nos proteja por inteiro das doenças e viroses a que estamos expostos no caminhar rumo ao destino que traçamos com nossos passos e o esforço de nosso braço.

Deus não virá a nosso chamado ou clamores letárgicos, pois já nos concedeu a graça de estarmos vivos e, em compensação, sempre se fará presente dentre nós cada vez que formos capazes de nos dar as mãos e amar o próximo. Essa é a filosofia de *O Contador de Formigas*, que nos descobre seres pequeninos e, ao mesmo tempo, de infinita grandeza quando guiados pelo plasma do sentimento de união, comunidade, igualdade e amizade. Palavras que não passam de clichês para uns e quimera para outros, contudo a sociedade dos homens não terá futuro sem a química dos sonhos “clorofilando-lhe” a árvore da vida, com o amor raiando e, silenciosamente, tomando conta de tudo feito a luz do sol de cada dia, provando-nos que não é a estrela que está longe: na maioria das vezes

SUMÁRIO

Capítulo I - SINA D'ÁGUA	13
Capítulo II - PRIVILÉGIO	23
Capítulo III - “ZÓIO VERDE”	33
Capítulo IV - QUARTO DE LUA	43
Capítulo V - ÔNIBUS COLETIVO	53
Capítulo VI - RADICAIS LIVRES	63
Capítulo VII - CONTO ESTATÍSTICO	73
Capítulo VIII - REALIDADE	83
Capítulo IX - VINDE A MIM AS CRIANCINHAS	91
Capítulo X - SEDA PRONTA	105
Capítulo XI - "SÓ-BEJA"	111
Capítulo XII - EVAPORAÇÃO	121
Capítulo XIII - ENCONTRO-CHAMA	127
Capítulo XIV - BRAÇOS DE LUZ	145

CAPÍTULO I

SINA D'ÁGUA



*A água é apáxonada pelo superior da terra
Condenada a hibernar em lençóis do subsolo
Não se resignou ao protocolo divino
E assim brotou em diversos lugares
Por alegria compõe versos em cachoeira
Corre prazenteira por todos os caminhos
Córregos, riachos, rios, lagoas onde faz ninhos
A água mundo afora estende seu abraço amigo
Em umidade festiva de eterno cio
Cumpre com dignidade o seu castigo
De entregar-se doce ao mar salgado
Como se toda pena branda fosse
Depois de ter-se amado...*

Carlos Lúcio Gontijo

*M*ari’Stela, morena de pele escura, como se costuma dizer quando o preconceito solicita amenizar o fato de a pessoa ser negra, cantava enquanto preparava o almoço. Morava com sua tia-mãe Sinhá Moça, que já era bem velha e mal conseguia andar pela casa.

Marilda, a vizinha mais próxima, cortou com um grito o silêncio de Indaiá da Pedra.

— Que felicidade, hein Mari?

Mari’Stela só ouviu, não respondeu, enquanto pensava consigo mesma. Eu, feliz? Sou como o rio que chora escondido, que deixa suas lágrimas caírem em forma de cachoeira, fazendo cantoria. Lembrou um poema antigo, intitulado “Amores em queda”, que trazia de cor na memória:

*O rio saliva cachoeira
Assim como eu desejo
O beijo do meu amor
Pro rio é queda-d’água
Pra mim é quebra-mágoa
O beijo do meu amor.*



O almoço já estava quase pronto. A tia-mãe Sinhá Moça

já resmungava, pois seu estômago funcionava como um relógio, e quando ela cobrava pressa pro almoço, sabia-se, sem necessidade de relógio, que iam dar 11 horas.

Mari’Stela, acalmando a ansiedade da tia-mãe, correu ao quarto e disse:

— Anda, tia, pode levantar-se e preparar para almoçar.

Mari’Stela, ainda jovem, com 26 anos, levava uma vida difícil. Uma tia velha para cuidar, o emprego de costureira na pequena confecção do Zé Alfinete, onde ia trabalhar das 13 até as 19 horas. Porém, ainda alimentava o sonho de deixar aquela vida e jamais se entregava à tristeza, tanto divertia nas poucas festas do lugarejo quanto rezava muito. Não perdia missa aos domingos. E, mesmo com toda a falta de tempo, sempre encontrou alguma folga para ajudar na igreja.

O padre era novo, a paróquia de Indaiá da Pedra era sua primeira experiência, lutando contra tudo, principalmente pelo fato de ser estrangeiro. Assim as circunstâncias deram a Mari’Stela e padre Charles, um jovem inglês, muito mais que um relacionamento comum entre fiel e religioso. Não faltavam, então, comentários maldosos.

Uma noite de chuva, Mari’Stela saiu da confecção do Zé Alfinete aproveitando um minuto de estiagem. Contudo, em meio do caminho a tempestade bateu forte, e o jeito foi postar-se debaixo da marquise da Casa Paroquial, onde morava padre Charles. Este escutou os passos de alguém correndo na chuva e abriu a janela, dando de frente com Mari’Stela. Todo obsequioso correu a abrir-lhe a porta. A moça resistiu o quanto pôde, mas tanto insistiu o padre que ela aquiesceu.

Lá estavam Mari’Stela e padre Charles. A luz da pequena

Indaiá da Pedra era como se fosse um abajur, que mal tinha potência para fazer funcionar uma geladeira e, além do mais, quando não apagava durante uma forte tempestade, virava um “tomatinho”, como o povo gostava de brincar.

De repente, Mari’Stela e padre Charles estavam a sós. Ela, uma mulher bonita, daquelas morenas de chamar a atenção, capaz de acender desejos no mais frio dos homens. O vestido colado no corpo desenhava-lhe as formas. As gotas de água que escorriam pelo seu rosto, desciam o seu pescoço e sumiam em seu decote, levando os olhos do padre Charles, perdido naquele mar, em carne e osso, como se fosse um mero navio de especiarias da salvação: sinos, cruzeiros, terços, castiçais, véus, eucaristia, Bíblia, hóstias, óleos santos... Entregaram-se, fizeram a oração pagã, cuja densidade e valor se medem pelo arfar de peitos e tremor de mãos descobrindo, abrindo janelas no horizonte do corpo amado, a que se ara semeando primaveras.

A chuva cessou e ambos se despediram carinhosamente, sabendo que haviam criado em si mesmos uma tempestade que lhes duraria por toda a vida e contra a qual não existia proteção alguma, pois não se ergue marquise no coração nem se pode inventar qualquer abrigo que proteja o espírito de sua própria dor, a qual o tempo cura, mas a cicatriz e a tatuagem interior permanecem indelévels.

Mari’Stela escasseou suas idas à igreja. Sentia-se uma intrusa, como se estivesse atrapalhando a recepção ou a comunicação entre o padre, seus fiéis e Deus. Não lhe foi difícil arrumar desculpa para o seu sumiço, pois sua tia-mãe Sinhá Moça já não andava e tomava todo o seu tempo disponível.

Tanto buscou afogar-se em afazeres que se esqueceu de olhar-se no espelho. Nem percebeu os quadris que se alargavam, a barriga um pouco proeminente, até que um dia, quando dava banho na tia-mãe, esta lhe “denunciou” com a voz rouca:

— Mari, você está-se descuidando da aparência. Deixou de fazer seu regime, está meio gordinha, não vai mais ao cabeleireiro. E isso me traz muita agonia, pois sei que eu estou lhe dando muito trabalho. Sua tia virou estúpido em sua vida.

— Que isso tia. Não tô gorda não. Nem a senhora é estorvo pra mim.

Arrumou a tia e a pôs na cama, indo em seguida tomar o seu banho. Apalpou-se toda, como há muito tempo não fazia. Fez as contas do dia de seu encontro amoroso com o padre Charles. Perdeu horas a fio calculando e recalculando, até ter absoluta certeza de que já se haviam passado três meses. Chegou a rir do esforço inútil que fizera para esquecer tudo, como se nada daquilo houvesse acontecido, apesar de ainda sentir arrepios de prazer...

Pelo sim, pelo não, tomou uma decisão: pela manhã, iria pedir à vizinha Marilda para ficar tomando conta de sua tia-mãe por uns três dias, a fim de ir fazer exames em Divisanópolis, a cidade grande mais próxima, porque não havia como fazer um teste de gravidez em Indaiá da Pedra sem levantar suspeitas. Não conseguiu dormir naquela noite em que apenas os grilos, os sapos e a tosse da tia-mãe Sinhá Moça quebravam o silêncio da madrugada.

Bem de manhãzinha, levantou e saiu pela porta da cozinha.

— Marilda, oh, Marilda!

— Que foi Mari’Stela? Aconteceu alguma coisa com a Sinhá?

— Não, Marilda. Sou eu quem está precisando de dar um pulinho até Divisanópolis. Estou carente de respirar os ares de outro lugar e ver as novidades. Afinal, eu vivo de costurar. E é bom ver como anda a moda. Assim, eu estou carecendo de um favor seu.

— É só falar!

— Dá para você ficar com tia Sinhá por uns três dias?

— Mas é claro. Você é muito jovem para ficar enfurnada dentro de casa. Conte comigo.

— Ah, que bom! Vou falar à tarde com o Zé Alfinete. Sei que ele não vai achar bom não, pois aquele solteirão do meu patrão só pensa em produção. Vai pôr-se logo a fazer as contas de quanto eu deixarei de costurar durante esses três dias. O homem só pensa em juntar, mesmo não tendo herdeiros. Eta mundo!

Resolvida essa primeira parte de seu plano, Mari’Stela voltou às suas tarefas: lavar roupa, limpar casa, ajeitar a tia, dar-lhe de comer, seguir o receituário do médico com seus remédios e colocá-la para tomar o sol da manhã.

— Tia, se o Zé Alfinete não criar caso, amanhã eu vou até Divisanópolis. A Marilda ficará cuidando da senhora.

— Que boa novidade, Mari! Quando você sai para aproveitar a vida, eu me sinto satisfeita e menos culpada por dar-lhe tanta preocupação.

— Que nada tia. Afinal, foi a senhora quem me criou.

Ao chegar no trabalho, Mari’Stela não se conteve: foi logo procurando o Zé Alfinete, pois queria imediatamente

encaminhar o assunto.

— Alfinete, preciso levar um papo com você.

— Vai falando Mari'Stela. Vai falando. Não estamos aqui para perder tempo com embromações.

— O caso, Alfinete, é que eu tenho que ir até Divisanópolis para dar uma descansada. Dar uma arejada. Visitar lojas e copiar uns modelos novos pra gente.

Zé Alfinete se pôs todo solícito, interessado em novidades que trouxessem benefícios à sua confecção.

— Se arrume moça. Que está esperando. Aproveite o horário do café e vá comprar sua passagem.

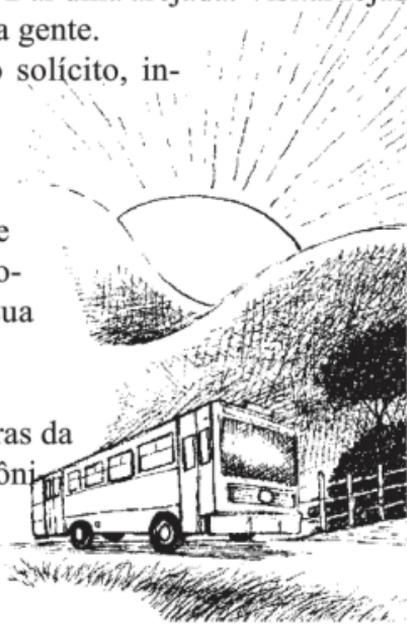
— Obrigada, patrão!

No dia seguinte, às 7 horas da manhã, Mari'Stela pegou seu ônibus, sob a certeza de que aquela era uma viagem em direção ao seu destino; o veículo transitava, de alguma forma, dentro

de seu corpo. Ela era o asfalto, unindo estradas e separando caminhos. Um beijo partido no lábio e eternizado em libido de luzes.

Enfim, Mari'Stela avista Divisanópolis, perdida não na penumbra da distância, mas obscurecida pelas sombras que percorriam seu espírito. Resoluta, pensou consigo mesma:

— Não vou procurar os primos. É melhor ficar hospedeira



dada numa pensão. E ir tratar logo de fazer os exames e ver se estou grávida ou não.

E assim procedeu.

Mal acomodou sua pequena bagagem num quarto modesto de pensão e foi enfrentar fila para a marcação dos exames. Seu jeito despachado e sua beleza lhe ajudaram a encontrar facilidades na imensa fila. Conversando com uma estranha, foi aconselhada a dar uma “choradinha” para conseguir o exame no mesmo dia, alegando que cuidava de uma tia doente e parálitica no interior. Assim agiu e assim obteve sucesso. Seu exame seria feito naquele mesmo dia, e o resultado poderia ser buscado no dia seguinte à tarde.

Voltou à pensão, tomou um banho, perfumou-se e foi procurar matar a fome numa lanchonete, o que, para ela que vivia de almoço e janta, era novidade. Depois, encaminhou-se para o leito, queria dormir cedo, descansar, para no outro dia visitar algumas lojas e olhar alguns modelos, o que representava uma das razões imaginadas por ela para não levantar suspeitas sobre sua viagem.

— Moça, já são oito horas - era a dona da pensão atendendo ao seu pedido.

Tomou café e saiu para a rua, iniciando um entrar e sair de lojas sem fim. Não demorou muito a chegar a hora de buscar o exame.

— O senhor pode me informar qual é a fila de pegar resultado?

— É ali moça.

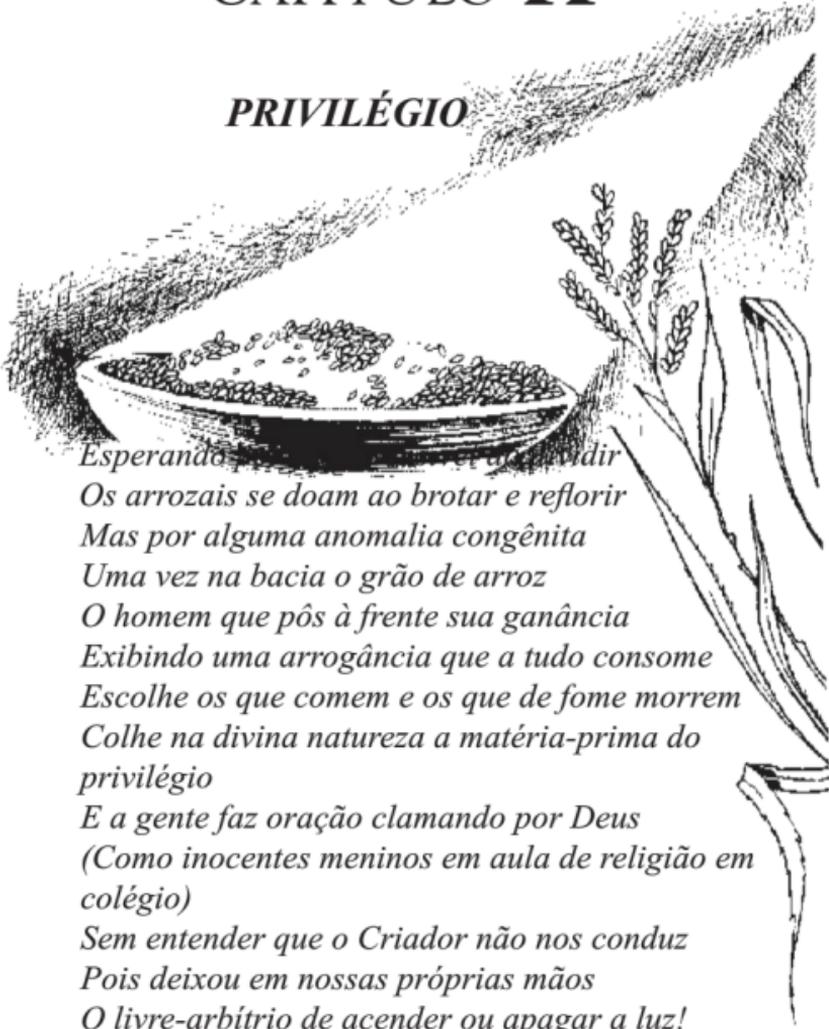
Não se dirigiu imediatamente à fila. Parou um pouco, andou até a esquina. Respirou fundo e disse em voz alta: “É

agora dona Mari'Stela. Fez, assumo! Seja como for, venha o que vier, não é possível que de um ato tão bonito apenas a infelicidade prospere. Não é possível que uma semente boa gere fruto ruim. Hei de ser devotada cultivadora do destino que me for traçado e fazê-lo florir”.

Era como se o seu espírito tivesse feito um exame paralelo e lhe estivesse passando, antecipadamente, o resultado positivo, que o parecer médico da ciência dos homens lhe confirmaria. Dessa forma, ao ter em mãos o resultado confirmador, Mari'Stela se impôs à sua sina, afastando de sua mente o pensamento injustificável de tomar a gravidez advinda de uma entrega consentida como se fosse um castigo. Lembrou-se do mau exemplo de sua mãe que se engravidou quando solteira, foi para o Rio de Janeiro, lá a gerou e, antes que a abandonasse, teve a sorte de receber o apoio da tia Sinhá Moça, que resolveu criar a sobrinha e esconder o segredo até a morte da irmã, a verdadeira mãe, que muitas vezes mudou de passeio para não cruzar com a filha. Mari'Stela não queria cometer o mesmo erro.

CAPÍTULO II

PRIVILÉGIO



*Esperando que o Criador
Os arrozais se doam ao brotar e reflorir
Mas por alguma anomalia congênita
Uma vez na bacia o grão de arroz
O homem que pôs à frente sua ganância
Exibindo uma arrogância que a tudo consome
Escolhe os que comem e os que de fome morrem
Colhe na divina natureza a matéria-prima do
privilégio
E a gente faz oração clamando por Deus
(Como inocentes meninos em aula de religião em
colégio)
Sem entender que o Criador não nos conduz
Pois deixou em nossas próprias mãos
O livre-arbítrio de acender ou apagar a luz!*

Carlos Lúcio Gontijo

*M*ari’Stela resolveu voltar para Indaiá da Pedra, mais à tardinha. Afinal, a viagem não durava duas horas. Optou pelo ônibus das 18 horas. E passou o dia comprando lembrancinhas para a tia-mãe, para a Marilda e outros amigos. Entre uma loja e outra, entrava numa lanchonete, numa sorveteria...

Enfim, já era hora de voltar! Mal assentou-se e pôs-se a pensar em seus planos, como agiria, o que faria. Abriu a janela levemente e afastou as cortinas do velho ônibus que roncava morro acima. Em sua mente, desenhou as estrelas que mачetavam o céu como se fossem cubos de gelo à disposição de quem tivesse nas mãos e no peito algum copo, um recipiente qualquer, cheio de sonhos - a bebida, o vinho que nos mantém vivos. E falava consigo mesma: “Eu vou fazer uso desses cubos de gelo, porque, apesar dos pesares e das dificuldades, eu ainda tenho coragem de sonhar”.

A viagem foi rápida. Marilda e o filho Antônio, um menino de nove anos, a esperavam no ponto de ônibus, não só para ajudá-la a carregar as malas mas, também, para não deixá-la caminhar sozinha sob a luz de “tomate” da pequena cidade.

— Tudo bem, Mari’Stela?

— Tudo bem, Marilda. Como está a tia Sinhá?

— Vai indo do mesmo jeito, cumprindo os seus dias na Terra.

— E a cidade grande, como está?

— Uma beleza, mas a gente, que não está acostumada com aquele corre-corre, fica meio-zonza. Porém, aproveitei bastante. Copiei os modelos pro Zé Alfinete, fiz umas comprinhas e trouxe uns presentinhos para os amigos. O seu está na sacola.

— Ah, Mari, não precisava!

Quando deram por si, já se achavam diante do portão de suas casas. A tia-mãe, que àquela hora costumava estar dormindo, postada em sua cadeira de rodas, esperava. E se abriu em sorrisos sinceros, estendendo os braços, feito horizonte para o sol de cada manhã. E ficaram até tarde conversando, trocando novidades e fofocas.

No outro dia, Mari'Stela fez suas tarefas de sempre e correu, antes de ir ao emprego à tarde, para ter uma conversa reservada com Carlos, seu meio-irmão, dois anos mais novo que ela, filho de Anabela, a mãe que a abandonara e a vida inteira a tratara como se não existisse. Carlos era o único dos quatro filhos de sua mãe verdadeira que a aceitava, e ela precisava orientar-se com alguém, pois, ao contrário de toda a cidade, perdera a liberdade de se confessar com o padre, que afinal se tornara motivo de suas aflições.

— Gostaria de falar com o Dr. Carlos, disse à secretária.

— Dr. Carlos, sua irmã quer falar com o senhor.

— Pode fazê-la entrar, Berenice.

— Nossa, Carlos, como está bonito o seu escritório. Tudo novo.

— É Mari, a vida é assim. Não ando bem financeiramente, mas, mesmo assim, tenho que me esforçar para manter

as aparências, porque, caso contrário, perco todos os clientes. Você sabe, ninguém procura advogado fracassado materialmente. Ainda mais num buraco desses. O que a traz aqui?

— Carlos, sem rodeios nem choradeira, pois sei que seu tempo é precioso, estou com um sério problema. Engravidei-me.

Carlos riu meio amarelo, procurando desde o início passar confiança à irmã.

— Ah, Mari, isso não é problema, muitas vezes é princípio de uma solução. E quem é o pai?

— Você nem imagina, Carlos!

— Bem, vou chutar: é o padre Charles.

— Ah, essa não. Se você sabe, todo mundo sabe!

— Não Mari, só eu sei, porque foi a mim que você contou de sua gravidez. O que todos comentam aqui à boca pequena é que vocês estão apaixonados.

— Bem, se é assim Carlos, tenho que sair da cidade. Refazer a minha vida.

— E o padre Charles, sabe?

— Não, eu não tive coragem de lhe contar nada. Tenho medo de sua reação.

— Então, deixe comigo, eu falo com ele, enquanto você planeja a sua saída da cidade. Essa gente daqui demora muito a se acomodar a situações. E muita gente a condenará não por estar grávida do padre Charles, mas por você não estar perdida em remorso, por estar consciente e ter alguma possibilidade de ser feliz, pois, bem ou mal, você tem quem a ampare. Não sei se você sabe Mari, mas o Brasil está cheio de meninas grávidas, com idade entre nove e quatorze anos, que andam

cuidando de seus bebês como se ainda brincassem de casinha, apresentando à sociedade a triste passagem originária do sexo propagado através de excitantes superposições de imagens e fotos sem legendas nem informação educativa. E esse, graças a Deus, não é o seu caso. Você tem vinte e seis anos, uma profissão, um lar.

Mari’Stela derramava lágrimas de alento e não de desespero...

E Carlos continuava:

— Você se lembra quando, com apenas dezenove anos, eu me apaixonei pela Verinha, prostituta do “Cabaré da Pedra”, que ali estava por nunca ter tido oportunidade na vida? Verinha fora vendida pelos pais a um capataz de canavial, no Nordeste, por uns simples trocadinhos. Até hoje ela nem consegue juntar os detalhes que a fizeram parar aqui nessa cidadezinha. Sofremos muito com a incompreensão das pessoas. Fomos para Belo Horizonte, onde nos casamos e formei-me advogado. Agora estou morando na cidade que nos expulsou de forma implícita. Eu sou advogado respeitado, todavia, o que me dá orgulho é saber Verinha se tornar líder comunitária, procurada por ricos e pobres, encarregada de ensaiar o coro e tocar o órgão da igreja.

Esse discurso, de exemplo de vida e perseverança, reanimou Mari’Stela. Foi tamanha a injeção de ânimo que ela logo mudou de assunto.

— Bem, Carlos, já que você conversará com o padre Charles, eu vou cuidar de uma pendenga que estou levando com o prefeito Antenor.

— O que é Mari, de que se trata?

— Ele inaugurou um posto de saúde no final de minha rua, que é um cubículo sem saída, pois termina em uma inexpugnável pedreira. Pois bem, o prefeito quer pintar de azul, amarelo, branco e verde todas as casas. Cada uma teria uma cor. E eu não vou autorizar essa maquiagem.

— Mas só você é contra?

— Não, é quase toda a rua, menos a Margarida, que disse dever muitos favores ao prefeito Antenor, que muitas vezes já lhe deu remédio de graça para aplacar os males de seus nove filhos.

— É de boca ou você tem algum documento assinado?

— Claro que tenho um documento, pois você sabe como são as pessoas. Ainda mais quando envolve política de interior, onde o prefeito tem por vício promoção de vingança rasteira, tirando o emprego das pessoas que se lhe opõem ou de seus parentes e até amigos. Ainda mais o Antenor da Farmácia, que há muito não é mais farmacêutico, mas um político que usa a doença dos pobres como alicerce para seus interesses políticos. O irmão de Marilda, um dos contadores da prefeitura, confidenciou-me que cada postinho de saúde, cada benefício ganho pela cidade, acarreta pelos menos 10% de lucro aos bolsos do prefeito, que aplica com todo o esmero a filosofia do rouba mas faz.

— É Mari, o zunzum é enorme no município, porém todos se calam, porque a força do poder Executivo é muito grande num lugarejo tão pobre. Infelizmente, Indaiá da Pedra é uma daquelas cidadezinhas que têm dono, onde uma elite endinheirada e malformada intelectualmente manda e desmanda.

— Mas, não é a mim que eles vão impingir seus desejos!

— Passa-me o documento com as assinaturas, que iremos trabalhar contra a maquiagem.

O certo é que Mari’Stela saiu do escritório do irmão mais esperançosa diante da vida. E a sua briga com o prefeito se transformou em seu paliativo, um refrigerio particular, e no assunto do dia, não abrindo brecha para o comentário de outra coisa na cidade. A rua em que morava Mari’Stela passou até a ser visitada, com alguns apostando que a pintura das casas começaria e outros garantindo que a Justiça impediria a maquiagem proposta pelo prefeito.

Nesse ínterim, Carlos fora conversar com o padre Charles a respeito da gravidez de Mari’Stela, o que ele nem de longe imaginava. Carlos escolheu a parte da manhã para falar com o padre. Em sua consciência firmava-se a idéia de que a conversa entre um advogado e um padre não seria difícil de ser mantida, pois ambos se encontravam culturalmente preparados para colocar proposições através do diálogo. Não digladiariam, com toda a certeza.

Carlos fora recebido pelo próprio padre Charles.

— Oi Carlos, é um prazer recebê-lo.

— Nada disso padre, eu é que tenho a honra de estar aqui.

Conversaram sobre a situação econômica, a pobreza do município, política e a reforma da igreja, que enfrentava grandes problemas de infiltrações. Até que Carlos resolveu dar início ao assunto.

— Padre, eu estou aqui por causa da Mari’Stela.

— Mas o que é? Ela está doente, a tia Sinhá piorou?

— Nada disso, padre Charles. Mari’Stela está grávida e o senhor é o pai.

O padre inglês ficou mais vermelho que um pimentão. Seu espírito foi à cumeeira da igreja e voltou. Carlos teve até que segurá-lo, de tão trêmulo que o pobre coitado ficou.

— Meu Deus, e agora. Não vou abandoná-la. Aliás, desde o nosso encontro ando pensando em deixar a batina. Agora, tenho uma razão mais forte ainda para apresentar-me à Diocese de minha jurisdição eclesiástica e dar início ao meu afastamento.

— Mas o que você fará?

— Chegou a hora de imitá-lo, Carlos.

— Como assim?

— Vou para Belo Horizonte, começar vida nova. Tenho formação em filosofia, sou especialista em literatura inglesa e sou sociólogo, o que me credencia a arrumar um bom emprego na área de ensino. Preciso encontrar-me com Mari’Stela e acertar os ponteiros. Mas diga a ela, hoje mesmo, que, apesar de assustado com o inesperado, estou feliz. Eu a amo, e haveremos de realizar, através do amor e do livre-arbítrio, um trabalho grandioso em nome de Deus, ao qual podemos chegar por intermédio dos mais variados caminhos. O Criador, mais que proclamado nos altares, precisa ser materializado em nossos gestos. Já vi gente que se dizia ateu, praticar o bem em prol da humanidade, de forma mais profusa que muito cristão.

Lágrimas rolaram no discursante e no ouvinte, como se toda a tempestade - dos olhos e dos céus - fosse uma espécie de cheia de Nilo, estratificando o húmus sobre o qual os homens erguem lavouras e semeiam seus sonhos.

Carlos se despediu do padre, que já era apenas Charles, pensando em dar a notícia para Mari’Stela à noite, quando ela estivesse em casa, após o trabalho. Como ficara muito tempo com o padre, resolveu não ir almoçar em casa, contentando-se com um sanduíche, comida às pressas no barzinho do Canhoto, seu velho amigo. Ao chegar em seu escritório foi logo avisado pela secretária:

— Dr. Carlos, tem um recado do juiz Abelardo sobre sua mesa.

Carlos apressou o passo. Abriu o bilhete e o leu entre risos:

“Carlos, sua irmã e vizinhos não terão suas casas pintadas. Como me disse Mari’Stela: Pintura nova em barraco faminto, não embeleza, inferniza!”

À noite, com o coração em festa, partiu rumo à casa de sua irmã Mari’Stela. Foi uma noite de alegria: ao mesmo tempo em que se alegrava porque sua rua não seria pintada à revelia pelo prefeito, Mari’Stela ardia em copiosa mistura de matizes dentro de seu coração.

Carlos tivera um dia cansativo, em que mexera com Justiça e coisas do coração. Em seu íntimo emoldurava o ensinamento de Gandhi, o indiano libertador de seu povo, que dizia: “A terra é suficiente para as necessidades básicas de todos, mas não para atender à cobiça dos homens”. Ao envolver-se com o problema sentimental da irmã, que em sua aflição ainda se dispunha a enfrentar o autoritarismo de um prefeito, voltou-lhe a certeza de que os problemas por que passa a humanidade exigem que trabalhemos, imediatamente, na formação de pessoas mais solidárias, no sentido de descortinar que a felicidade

de cada um necessita do contentamento de outros indivíduos e, também, de uma coexistência saudável com o bem comum cósmico, dos animais, das plantas, das águas e do ar.

Carlos articulava mentalmente que essa visão, aparentemente espiritual, imaterial, é, na realidade, um mecanismo fundamental para a construção de uma comunidade mundial menos desigual, em que o progresso seja mais equilibrado e que não use como combustível o ceifar de vidas humanas, criando exagerada injustiça na relação entre o capital e o trabalho e, depois, convocando a força policial a fim de conseguir a manutenção da suposta ordem social, erguida então sobre os pilares de extremada injustiça.

Ria sozinho, ao volante de seu carro, enquanto se dirigia de volta a casa: “Que bela união, Charles, um inglês com apurado senso social, e Mari’Stela com preocupação e luta por sua comunidade, e ainda eu, um advogado ligado às causas dos pequeninos”. Uma coisa era definitiva em sua cabeça, repetida de dentro para fora:

— Talvez, só consigamos erigir algum projeto mais eficaz no combate às mazelas e anomalias político-sociais quando, ao invés de medirmos as distâncias em quilômetros, passarmos a atentar para o fato de que o que nos separa de um ponto e outro é a nossa maneira de caminhar, assim como as barreiras do preconceito e das fronteiras são demarcadas tão-somente pelo nosso jeito de olhar. Em síntese, Deus imaginou um sol que nasceria para todos, mas alguns seres humanos “inventaram” a força do privilégio e tomaram em suas mãos a distribuição da claridade.

CAPÍTULO III

“ZÓIO VERDE,,



*Santos olhos daquele crioulo
Consolo de sua pele discriminada
Fizeram-lhe mais milagre que óleo santo
Serviram-lhe de carta de alforria e manto
Seus olhos sugeriam miscigenação e canaviais
Amenizando-lhe os saís e os castigos
Iam moendo-lhe garapa anestésica para o
preconceito
E assim tornou-se amigo aceito
(Como preto de alma branca)
Porque até de Deus tomaram conta
Não bastava aos senhorios riqueza e terra
Pela nobreza, era chamado de nego do zóio verde
Mais tarde só de “Zóio Verde” lembrado
Caboclo estimado que a todos assuntava
Enquanto usava seus olhos como pano de fundo
Para chorar escondido as dores deste mundo*

Carlos Lúcio Gontijo

*M*ari’Stela não cabia em si de tanta alegria, após a decisão de Charles. Em pouco mais de trinta dias iria para Belo Horizonte, onde se casaria. Correu até a casa de Marilda, para contar as novidades, que eram muito mais que uma boa-nova, pois significavam uma mutação, uma completa transformação de sua vida.

Ao sair, a porta da sala, movimentada pelo vento, bateu com tamanha força que a ferradura que nela ficava dependurada caiu. E logo ouviu o grito rouco da tia-mãe.

— Mari, rependure a ferradura. Ela nos protege contra o azar.

Mari voltou, recolocou a ferradura atrás da porta. E foi ao quarto da tia-mãe.

— Ah, Sinhá, estou tão feliz que nem preciso mais de ferradura.

— Que nada, menina, a felicidade é como tudo na vida. Pode acabar a qualquer momento. Nunca ouse ver a ferradura como um simples amuleto da sorte a ornamentar o galope de seus sonhos, mas a traduza como um símbolo, a lembrança do quanto devem ser duros os nossos pés para suportar os

espinhos, pedras e caminhos íngremes dessa vida.

— Tia, não precisa dar lição. Eu sei!

— Mas sua tia não está lhe dando lição. Só não quer que você esqueça.

Mari'Stela saiu, dessa vez sem derrubar a bendita ferradura, e foi falar com Marilda, que ficou boquiaberta, pois, mesmo morando ao lado, de nada desconfiava. Abraçou a amiga com alegria, mas, por outro lado, com muita tristeza, porque perderia a estimada companheira de infância e juventude.

Naquele mesmo dia, Mari'Stela teve a plena consciência de quanto a vida é cheia de reveses, não se podendo, realmente, tirar a ferradura detrás da porta. Sem mais nem menos, tia Sinhá Moça começou a passar mal à noite e foi piorando, piorando, até que se notou que, ao invés de médico, ela estava a precisar de um padre, um médico condutor de almas, capaz de dar algum conforto a quem parte dessa vida. Charles ainda era o padre da cidade, à espera de seu substituto. Carlos, o advogado, pegou o carro e num piscar de olhos estava com ele na sala. Tia Sinhá Moça disse em voz enovelada, embaraçada pelo arfar de seu peito:

— Tragam o padre. Só quero o Carlos e Mari no quarto.

— Está bem, dona Sinhá.

Entraram no quarto os três convocados por tia Sinhá Moça, para assistir à sua passagem. Havia um estranho cheiro de rosas no ar. Sentiam um desfraldar de brisa tocando suavemente as suas faces, apesar de a janela estar fechada e do verão encalorado e sem vento sobre o lugarejo. Tia Sinhá Moça era espírita, mas sempre respeitara a religião dos outros, afirmando

freqüentemente que o espiritismo era apenas a crença em outra vida e não uma religião. Acreditava no reflorir, no renascer, exatamente por crer em Deus, que, em sua onipotência, segundo supunha, se contentaria com a morte de sua criação, e, assim, com seu poder transformador substitui vida com vida, levando-nos como semente para prosperar em outras lavouras celestiais.

— Queridos filhos, se vocês não fecharem os olhos para a vida em toda a sua extensão, poderão visualizar outras paragens, outros aromas. Outras dimensões nos rodeiam, contudo somos culturalmente preparados para não vê-las. Enxergamos o que somos ensinados a ver. É um estreitamento da visão advindo da educação.

— Nós sabemos, Tia Sinhá, responderam.

— Então, se sabem, abençoem minha partida. E creiam: de onde estiver, estarei rezando por vocês. Para vocês, Charles e Mari’Stela, para que vençam o preconceito a que terão de enfrentar. Apoiem-se no Carlos, que tanto teve que lutar, para viver ao lado de Verinha. Deus os ilumine! - e foi-se...

Padre Charles aventurou-se a ser o primeiro a entrecortar o silêncio:

— Vim aqui para dar uma extrema-unção e recebi, junto com vocês, já como membro da família, uma sublime lição de vida. Olhar para a frente e tentarmos construir uma vida digna é a melhor forma de reverenciarmos tia Sinhá Moça. A vida faz aniversário todos os dias e todo dia é dia de virar flor e gerar frutos.

Mari’Stela e Carlos responderam a um só tempo: “É isso mesmo”.

Saíram do quarto e contaram aos outros a linda passagem de tia Sinhá Moça, que, no outro dia, tivera o mais concorrido enterro que se possa imaginar, fazendo jus àquela que foi a primeira professora do lugar. Ex-alunos de cabeças brancas e corpos arqueados pela idade seguiam enfileirados junto com crianças, autoridades e pessoas simples do povo.

Semana seguinte, Charles e Mari’Stela se consumiram em preparativos. Ele se mandara para Belo Horizonte, com a papelada para o casamento. Estrelas novas surgiam do nicho escuro da morte de tia Sinhá Moça, como se houvesse uma sinergia com o desconhecido. Ninguém se declarava, mas todos se sentiam mais fortes. Mari’Stela juntava as coisas sem chorar, conforme lhe pedira tia Sinhá, que sempre dizia: “Mari, quando eu já não estiver por aqui, não chore, pense somente nos momentos felizes que passamos juntas, como mãe e filha”.

Marilda, que ajudava Mari no junta-junta, gritara da sala:

— Mari, e essa ferradura?

— Traga-me, vou dependurá-la atrás da porta de minha nova casa. Sinhá afirmava que isso ajuda a cavalgada dos sonhos.

Rindo, Marilda levou a ferradura até o quarto. E Mari aproveitou para fazer-lhe uma oferta:

— Marilda, você paga aluguel e, desde a morte prematura de seu marido, vive com dificuldade para cuidar de seus dois filhos. Eu não preciso mais dessa casa e, se for de seu interesse, gostaria que você morasse nela, com a única obrigação de cuidar dela com carinho, pois, afinal, essa casa é o meu berço, minha raiz.

— Meu Deus, claro que aceito a sua oferta...

Iniciou-se uma chuva de pranto mas Mari’Stela foi logo lembrando-lhe:

— Tia Sinhá não gosta de
ra...

Charles não mais voltou cidade, o outro padre ainda não chegara. Missa só aos sábados, celebrada pelo padre de uma cidade vizinha, Monte do Antônio Santo. O irmão de Mari’Stela, Carlos, cuidava de tudo. Já havia contratado um caminhão para a mudança, cuidado da papelada de herança e tudo o mais. Em seus últimos dias em Indaiá da Pedra Mari’Stela fez questão de seguir sua rotina, continuando inclusive no seu emprego de costureira, na confecção do Zé Alfinete. À noite abria a janela e ficava a olhar a rua mal iluminada e que teve o meio-fio pintado de branco e amarelo, pelo prefeito que não pôde pintar a fachada das casas. Dois dias antes de deixar a cidade, aparece-lhe Carlos com um papel na mão irradiando alegria.

— Mari’Stela, Mari, abra logo a porta.

— Que foi Carlos, que aflição é essa?

— A Câmara Municipal da cidade vai dar o nome da tia Sinhá Moça à sua rua.

— Como assim?

— Oh, sua boba, a rua vai trocar de nome. Vai passar a chamar-se “Rua Professora Sinhá Moça”.

Dessa vez, não teve como segurar. Mari chorou, chorou e chorou.



— Agora chega, Mari. Vamos festejar. A Verinha está preparando uns quitutes. Vá lá e chame a Marilda. É um grande acontecimento...

Durante a reunião, aproveitaram para refazer os planos, pois a viagem de mudança não poderia ser mais no domingo e sim na segunda-feira, pela manhã, pois a inauguração da placa, com desenlace de fita, discurso e tudo, seria no domingo. E Carlos disse:

— Há atropelos que vêm para o bem. Já liguei para o Charles e ele virá no sábado. Vai ser bom. Assim você, Mari, e ele poderão viajar juntos para iniciar vida nova.

Belo Horizonte à vista. Mari'Stela, já com volumosa barriga, viajava silenciosa ao lado de Charles. Verinha e Carlos os levavam em seu carro.

Charles contava sobre seus planos. O emprego bem encaminhado numa escola, onde lecionaria inglês; o apartamento que alugara e que estava todo mobiliado, apenas esperando pelos detalhes femininos de Mari e as “heranças” de tia Sinhá.

— E esses serão muitos, pelo que conheço de Mari, disse Carlos.

Riram os quatro.

No mais era eles conversando e Mari'Stela olhando compenetrada a paisagem da estrada; depois as ruas da cidade, como se quisesse integrar-se rapidamente a tudo daquela metrópole, que seria o seu abrigo e onde nasceria o seu filho. Carlos os deixou na porta da casa em que eles morariam. Arromou uma desculpa tola para que eles entrassem sozinhos e gozassem da intimidade de que todo casal apaixonado precisa.

— Charles, que lindo. Onde você arrumou esse retrato de tia Sinhá?

— Peguei numa das gavetas de sua casa e mandei ampliar.

— Que lindo. Que gesto bonito.

Tomaram banho juntos. Charles era todo amor, Mari, perdida em paixão, inventava carícias, parecia ter mil lábios, entregando em sua saliva pedacinhos do rio de sua alma...

Soa a campainha. Era Carlos que viera saber direitinho o endereço do cartório, pois ele seria padrinho junto com Verinha, e Marilda, que chegaria de ônibus pela manhã. Pegou o endereço, inteirou-se da hora. E retirou-se feliz por ver aquele intenso derramar de azul de céu, num estender mútuo e consentido de espaços corporais interiores, onde as estrelas vêm banhar-se durante as tempestades.

Passou o verão. Charles entusiasmado com a profissão de professor no colégio, enquanto se preparava para um concurso na Universidade Federal e outro para a área técnica no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o popular IBGE. Queria passar nos dois. O parto se aproximava e Mari'Stela dizia a Charles:

— Nosso filho vai nascer no dia 27 de abril, feito tia Sinhá.

— Eta mulher supersticiosa. Também pudera, nessa casa tem até ferradura atrás da porta!

Os dias se passaram e, predestinação ou não, a adivinhação de Mari'Stela se concretizara: no dia 27 de abril lá estava o Charles de Jesus. Um menino graúdo, pele morena-escura, e com os olhos verdes do pai inglês.

— Viu, Charles. Toda árvore sabe a hora em que perderá suas folhas ou o momento em que gerará o seu fruto.

Era Mari’Stela filosofando sobre a sua previsão, numa analogia com a poda natural que a Natureza impõe a si mesma, sob a consciência de que são necessários o corte e a perda para revigorar os galhos e revijar o verde. E Charles complementou:

— O Jardineiro dos Céus sabe quando e onde podar, para reenergizar os universos sideral e dos homens.

Não demorou muito e tiveram a demonstração do quanto teriam que ser fortes para não se deixarem influenciar nem macular seus espíritos pelo preconceito e insinuações racistas.

Estavam no hospital a paparicar o filho quando adentraram o quarto três enfermeiras. Com uma à frente, caminhando a passos largos:

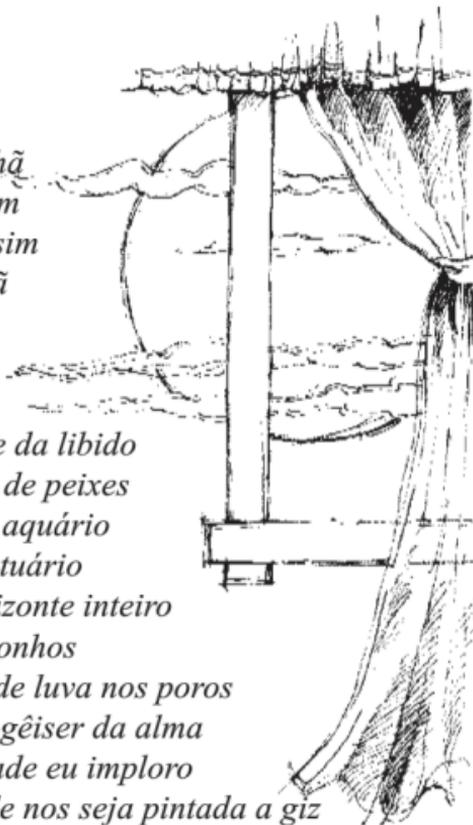
— Venham ver o preto de “zóio verde”. Vejam que “nego” bonito.

Olharam e festejaram o inusitado. “Zóio Verde” - estava decretado o apelido.

CAPÍTULO IV

QUARTO DE LUA

*Você nem era manhã
Para nascer em mim
E me amanhece assim
Em lua alvadia e sã
Perdida em sóis
Vadia nos ouvidos
Contida em senso
Lençóis no curtume da libido
Penso em cardume de peixes
Nosso quarto é um aquário
Nossos corpos, santuário
Quarto de lua, horizonte inteiro
Celeiro de vôos e sonhos
Componho toques de luva nos poros
Chuva de suor, rio-gêiser da alma
Em calma, eternidade eu imploro
Peço que a maldade nos seja pintada a giz
Para que a gente feliz e despreocupadamente
A apague entre um beijo e outro...*



Carlos Lúcio Gontijo

Tudo cheirava a novo na alma e materialmente falando, era outra a cidade, outras pessoas, outros vizinhos. Contudo não havia temor algum, pois Mari’Stela e Charles se sentiam seguros nos licores do amor, servidos no cálice que se deixa derramar nas curvas dos corpos amantes e que é sacramentado pelo espírito benfazejo que experimenta a grandeza do toque santificado pelo tato de mãos arrebatadas pelo sentimento verdadeiro, em que o coração faz da ponta dos dedos o seu horizonte de calor, transformando o leite em quarto de lua, em que a vida é servida por inteiro no prato saboroso dos desejos, feito self-service de mil paixões descobertas na mesma fruta colhida no corpo amado, fonte de matérias-primas, das quais, uma vez combinadas e bem misturadas, emanam mil aromas e gozos...

Charles conseguiu passar pelas etapas preestabelecidas. Iniciou dando aulas de inglês num pequeno colégio, fora aprovado em concurso para professor de Filosofia na Faculdade Federal de Minas Gerais e também obteve aprovação para técnico de nível universitário no IBGE, onde esperava utilizar sua formação de sociólogo. Primeiro, a Universidade o chamou e, depois, o IBGE. Quando isso aconteceu, ele abandonou as aulas no colégio, autoprogramando-se para uma luta em que

calculava batalhar dez anos, prevendo, então, poder abandonar a Universidade, ganhando tempo para ficar com a família, que era a sua razão maior de viver.

Mari'Stela, influenciada pelos pendores sociais do marido, resolveu reiniciar os estudos, aproveitando que possuía o curso de magistério, a que nunca dera o real valor pelo fato de ser a professora primária mal remunerada e, também, porque tinha muito trabalho em casa com a tia-mãe, não podendo ficar presa na correção de trabalhos e preparação de aulas. A confecção do Zé Alfinete pagava melhor e não lhe dava tarefas para complementar em casa. Assim, Mari'Stela fez cursinho pré-vestibular e acabou estudando psicologia em uma escola particular, paga com muito entusiasmo pelo marido.

Charles de Jesus se lhes apresentava a cada dia não apenas um filho amoroso e inteligente, mas de beleza que chamava a atenção de todos: físico desenvolvido, cabelos crespos bem assentados, olhos verdes a iluminar a bonita pele-noite de seu corpo. Tinha um montão de amigos e amigas, todos cantando em verso o mesmo codinome "Zóio Verde".

A família inteira se especializava em Brasil, pois Charles fazia questão de ter ao seu lado pessoas conscientes do país em que viviam, pretendendo dar ao seu filho, desde cedo, todo o embasamento, para que ele pudesse agir como um agente transformador da sociedade. E com isso, tornou-se hábito "a palestra do almoço", um compromisso de que participava até a empregada Sebastiana, que trouxeram de Indaiá da Pedra. Nem de longe a palestra era feita sob imposição: o que se extraía da participação de todos se confundia profusamente com reciprocidade e admiração, diante de um ex-padre de boa

oratória e argumentos convincentes e bem pautados.

— Pai, por que o senhor continua andando de ônibus coletivo? Por que não usa o seu carro para ir ao serviço, perguntou “Zóio Verde”, já com 12 anos.

— Filho, o ônibus me oferece a oportunidade de contactar com os problemas das pessoas, de assistir, por exemplo, ao desrespeito para com o ser humano.

— Como assim?

— Já viu, filho, como as pessoas são transportadas que nem gado pro corte. São obrigadas a fazer longos percursos em pé, sob o mais cruel desconforto.

— E o que isso tem a ver com o seu trabalho?

— Ah, Charles de Jesus, seu pai não quer ser um analista frio dos números. Quero perceber o homem, o ser humano, escondido no dado estatístico. Se as pessoas agissem assim, não aconteceriam deslizos preconceituosos como aquele que você me contou outro dia.

— Aquele do anjo branco?

— Isso mesmo. Você se lembra que a novela das oito colocou em seu enredo um personagem que, após sua morte, chegava aos céus, sendo acolhido pelos espíritos de escala superior e recebido num Olimpo fictício, perdido em relva verdejante, povoado por lindos anjos, todos de pele clara, olhos verdes ou azuis, e vasta cabeleira loura, ao estilo espiga de milho. Nada de anjo negro, que, racistamente, imaginavam poder macular aquela paisagem, tipo lençol branco, do mundo celestial prometido.

— Mas, pai, o que tem céu de novela a ver com o seu IBGE?

— Bem, filho, com o IBGE nada, mas com a sociedade

tudo. Infelizmente, a ousadia de mostrar-se racista até em uma tomada de cena místico-fantasiada dos céus não é expressão apenas do diretor da tal novela, mas também da sociedade brasileira como um todo. Entre nós os métodos pedagógicos de educação nas escolas falam a linguagem de apenas 20% de seus alunos, excluindo os outros 80%, que são levados a abandoná-las. Segundo o IBGE, os negros e mulatos representam 45% da força ativa de trabalho nacional, mas respondem por 82% do desemprego, projetando-nos uma explícita configuração de injustiça social. E ainda mais grave: quando no exercício do trabalho, não-desempregados, os mulatos ganham apenas metade do salário médio dos brancos, enquanto que os negros são obrigados a contentar-se com 41%. E, para terminar, Charles de Jesus, a coisa funciona mais ou menos assim: se temos um país negro de economia branca, por que não podemos conjecturar um céu em que apenas os brancos tenham acesso ao morrer?

— Vamos juntar seu material escolar, já é hora de ir pra aula.

— É, meu caro esposo, o homem é mesmo produto do meio. Aí está você todo preocupado com racismo. Também pudera: tem uma esposa e um filho mulatos.

Interveio Mari' Stela, destilando sua psicologia.

Era quinta-feira. Dia de passar no correio e enviar uma carta para Marilda, que lhe remeteria uma correspondência de volta na segunda. Isso era uma praxe inquebrantável na vida de Mari' Stela desde que saíra de Indaiá da Pedra, cidade de população com mentalidade atrasada e dada a colocar maldade em tudo. Até parecia que fofocar ajudava a passar os dias

lentos e longos...

— Marilda está toda feliz. Vê passarinho verde todo sábado!

— Sei não! dizia Ernestina, vizinha que substituíra Mari' Stela na confecção do Zé Alfinete a pedido da mesma.

Alfinete rebatia:

— Vamos parar com isso, mal-agradecida!

— Tô falando por falar, Zé. Mas que é estranho, é! Ainda mais vindo de mulher casada com padre e uma viúva convicta há tantos anos.

— Que despeito, hein Ernestina! Mari é mulher bem-sucedida, bem-amada. Hoje é até psicóloga com consultório e tudo, em Belo Horizonte.

O silêncio desceu com seu manto claro, diante de resposta tão bem colocada.

Marilda lia com ternura voraz mais uma carta de Mari' Stela, quando padre Cirilo, o pároco que substituíra Charles, bate em sua porta:

— Marilda, estou com um telegrama urgente para o ex-padre Charles.

— Como é que é?

— É que o pai dele falecera subitamente em Londres, Inglaterra. E alguém, na pressa, errou de endereço. Como você é amiga dele, estou passando-lhe a difícil incumbência de avisá-lo.

Marilda não perdeu tempo. Correu ao telefone e comunicou rapidamente.

Charles comprou passagem e se mandou para a Inglaterra, a fim de juntar-se à irmã na dor do sepultamento. Du-

rante 30 dias, permaneceu naquele país, pois desejava cuidar de toda a papelada, ajudando a sua irmã, uma solteirona que permaneceu a vida toda ao lado do pai viúvo e metido dia e noite no trabalho.

Entre um cartório, uma visita e outra a amigos e parentes, Charles ia traçando novos planos, visando a diminuir sua carga de atividades profissionais e passar mais tempo ao lado da família. Essa era, segundo deduzia, a melhor coisa que a herança de seu pai poderia proporcionar-lhe de forma decisiva e bem-vinda.

Charles repetia para si mesmo:

— Não posso conduzir-me pelo costume da sociedade brasileira, onde predomina uma cultura de capitalismo individual e cumulativo, sustentando os pilares de um espírito conservador e corporativista, capaz de enaltecer qualquer ditador que se exima no respeito a essa ordem injusta, que não permite a efetivação da necessária redistribuição de rendas. Na cabeça da sociedade materialista, passa-se a idéia de que existem ditadores bons e ruins, quando a realidade explícita é que ditadores são ditadores e nada mais que isso. Não, eu não posso transigir: o saldo bancário não pode virar o meu tirano particular. Vou pegar a minha parte da herança e comprar imóveis e uma fazendinha lá pelas bandas de Indaiá da Pedra, onde encontrei a luz e o caminho através de meu amor por Mari' Stela. No solo em que Mari foi criada eu, de certa forma, também me criei, pois sempre há espaço para crescimento em nosso interior. E como eu cresci nos braços de Mari, que inaugurou em mim a igreja da família, uma forma não menos importante de exercitar os ensinamentos de Cristo nessa terra,

é em Indaiá da Pedra que, no futuro, fincarei minhas raízes. É lá que almejo terminar os meus dias.

Assim erigiu seus pensamentos e assim realizou.

Mal chegou de regresso ao Brasil avisou ao reitor de sua Universidade que só daria aula até o final daquele ano. Mari e



Charles de Jesus festejaram a decisão e já se puseram a sonhar com os fins de semana no campo, numa fazenda próxima de Indaiá da Pedra, que não era

uma pedra no caminho de suas vidas, mas um alicerce, um aeroporto que tinham como pedra-de-toque, bússola e norte que os libertava para a coragem, a audácia de se projetar na asa-delta dos sonhos que somente são possíveis quando há ninho disponível e sinal aberto para se regressar à grande base. Em Indaiá da Pedra Mari fez-se mulher e Charles se transformara em mineiro da gema, um homem das montanhas.

Mari' Stela costumava dizer:

— Charles, nada fizemos de extraordinário, pois sempre acreditamos no consolo do abrigo.

— Isso é vero, Mari, mas nós tivemos a clarividência de, ao menos, enxergar a pedra mágica que tínhamos à nossa disposição.

Trocavam afagos e faziam planos no sofá, quando entram correndo pela sala o já quase mocinho Charles de Jesus e a empregada Sebastiana, que, muitas vezes, enquanto brincava regredia de 18 para 12 anos, igualando-se ao menino.

— Pai, ela me jogou água lá no jardim!

— Ah, filho, gente também é planta: cresce, dá fruto e,

como as árvores, vez por outra, precisa de uma poda. E por falar em poda, chega. Vamos parar.

Sebastiana foi para a cozinha, e o telefone tocou:

— Posso falar com o Zóio Verde?

— É para você - disse Mari'Stela ao filho.

— Alô, quem fala?

— É o Paulo.

— O que foi?

— Olha, você ganhou o concurso de redação.

— Que redação?

— Aquela de tema livre.

— Ah, já me lembrei. Que bom. Estou contente. Obrigado pela notícia.

Charles de Jesus correu para os braços do pai.

— Que foi filho? Que abraço é esse?

— Pai, ganhei o concurso de redação na escola, graças ao senhor.

— Uai, mas por quê?

— Está lembrado de quando o senhor nos falou à mesa sobre os anjos brancos que aparecem na novela. Pois é, eu escolhi o assunto como título e tema, afirmando que os anjos não são brancos nem negros. São apenas anjos, assim como as pessoas são apenas gente.

E houve comemoração, a família feliz, com direito a pizza, sorvete, guaraná e pingos de aroma de bons fluidos refletidos pelo “quarto de lua” que ficava ao lado, logo após a sala, no fim do corredor, onde Charles e Mari'Stela semeavam afagos de carinho no corpo e colhiam, na pele em flor, o fruto do amor.

CAPÍTULO V

ÔNIBUS COLETIVO



*Entalhes de figuras mal desenhadas
Feito carne desgrenhada nos açougues
Pedacos de gente, retalhos que nada valem
Transportados aos pentes e aos frangalhos
Dependurados nos balaústres dos ônibus
Ilustres trabalhadores desconhecidos
Não há quem ouvidos lhes dê
Quem os vislumbra finge que não os vê
São penumbras, almas penadas
Suprema delícia do sadismo capital
Que chama a polícia pro desordeiro
Um companheiro que se opôs à morte em vida
Cansado da sofrida sorte de cordeiro!*

Carlos Lúcio Gontijo

Charles comprou a fazenda junto com Mari’Stela, que o ajudou na escolha do terreno. Optaram por uma fazenda já com alguma infra-estrutura, como luz elétrica e pastagem formada. Eram 160 alqueires, sendo que mais da metade constituída por uma várzea plana e reta a sumir de vista. Combinaram só festejar a compra depois de colocar a fazenda em pleno funcionamento. Ou seja, queriam dar à área as características de trabalho, zelo, ordem e amor com que orientavam as suas vidas. Durante três anos, foram raros os fins de semana em que não estavam pregados no batente rural. Carlos, com sua penca de cinco filhos, gerados num tempo em que Verinha andou à procura de ter uma filha, ajudava-os com todo o empenho. E assim, a fazenda passou a ter criatório de peixes, rãs, coelhos, granja, pomar e muito gado.

Durante três anos o terreno era chamado de “a fazenda”, pois não se chegava a um acordo quanto ao nome. Colocaram na varanda da casa uma urna enorme, para que todos os que pretendessem sugerir algum nome jogassem sua sugestão, com a devida assinatura, pois Charles dizia que mandaria fazer uma placa com a denominação, a assinatura do “padrinho” e a data. Dessa forma, passados três anos, a fazenda era um brinco, e a festa fora marcada para o dia 27 de abril, juntando-se ao

aniversário do filho Charles de Jesus, que já era chamado pelo apelido até pelos pais, que não resistiram à livre e espontânea pressão da maioria: Zóio Verde, sem dúvida, colara feito visgo e estava longe de ser uma expressão racista, pelo contrário, era uma demonstração de carinho e estima, por aquele rapaz educado e dono de uma consciência social invejável, fruto da influência e, mais que isso, dos constantes exemplos dos pais.

— Pai, quais serão as regras do concurso?

— Ah, filho, se formos escolher o nome entre tantos bilhetes que estão nessa urna, vamos ficar com a mesma dúvida. Assim, como todos deram os seus palpites de boa vontade, vamos sortear o nome no meio da festa.

A entrada da fazenda, ainda sem nome, foi toda enfeitada de balões. E os amigos chegavam de toda a Indaiá da Pedra. Até Zé Alfinete comparecera, carregando os seus 85 anos e o inseparável Agulha, o cão que o acompanhava nos últimos dez anos. Marilda apareceu linda e falante como sempre, ao lado de Antônio e sua filha Stela - uma homenagem à amiga, sem dúvida; Carlos, Verinha e seus cinco filhos; o padre Cirilo, que abençoaria o local; o prefeito, o juiz, os amigos da capital - uma multidão.

Zé Alfinete fora escolhido para tirar o papel da urna e logo tomou a palavra.

- Gente, obrigado pela deferência. Podem confiar. Se eu barbeirar, o Agulha me morde.

- Anda depressa Zé, alguém gritou na multidão.

- Já tô com o papel na mão. O vencedor é “Formiga de Asas”. E o autor (epa)... Oh, gente não é proteção. O vencedor é o dono da fazenda. O Charles.

Vaias, aplausos e uma brincadeira generalizada segui-

ram-se. Charles, àquela altura, viu-se obrigado a explicar a razão do nome.

— Não posso negar-lhes que estou feliz por ter a minha sugestão sido a “espetada” pelo Alfinete. Amigos, ao chegar no Brasil, vindo da Inglaterra, passei uns dias no Norte-Nordeste do Brasil e ali ouvi um interessante dito popular que dizia que, “quando uma formiga quer se perder ela cria asas”. A assertiva é de cunho autoritário, originário da filosofia profetizada pelo coronelismo, que não resiste a um simples correr de olhos sobre a geografia social daquelas bandas. Ali, nos pomos a torcer, bem lá no nosso íntimo, para que aquelas pessoas oprimidas pela pobreza, pela falta de instrução, enfim pela miséria material e intelectual, ganhem asas e se percam. Porque essa seria a única maneira de elas se encontrarem, de se acharem na sublime perdição de ser elas mesmas, sem o toque de se encolherem ou se intimidarem sob o chicote invisível das oligarquias, que não modernizaram seus métodos nem sensibilizaram suas mentes e, assim, esvaziaram o pelourinho, não através de sua extinção, mas estendendo-o, de maneira eufemística, a todos os recantos, tornando o castigo da desigualdade um fenômeno mais abrangentemente aplicado, num esmerado esforço de socialização de castigos e prejuízos, ao passo que se ratifica a privatização de lucros, benefícios e *xangrilás* particulares. Ou seja, o pelourinho chega a todos os pobres e desprotegidos sem a necessidade de filas nem endereço. Os que tentam quebrar esses grilhões da injustiça são vistos com os mesmos olhos dos que enforcaram Tiradentes. Então, meus amigos, que sejamos formigas de asas e lutemos por nosso direito à felicidade; que furemos a desordem da fila de gado-de-corte em que nos perfilamos ordeiramente, como se a mesma fosse

justa.

— Viva o Charles do IBGE, gritou o colega e professor em Belo Horizonte, Roque Coelho, que, assim, propagava entre os presentes de Indaiá da Pedra o apelido que o ex-padre Charles tinha entre os amigos que fez na capital mineira. Charles do IBGE passara a ser o seu novo nome, no mesmo dia em que “batizava” sua fazenda.

Rodas de conversa se espalhavam pela casa da “Formiga de Asas” e seus arredores. Zóio Verde grita o pai; queria apresentá-lo a um grupo de novos amigos. Ele se orgulhava do pai que tinha. Feita a conhecida cerimônia de apresentação, Zóio Verde pediu ao pai para contar a história do loteação com que lhe enriquecera a noite do último Natal.

Ah, filho, bobagem, seus amigos querem é aproveitar a festa!

Um dos apresentados retruca:

— Senhor Charles do IBGE, a conversa em alto astral também faz parte.

— Então vamos lá. Na antevéspera do último Natal, vinha eu de volta de um trabalho de assistência social em que distribuímos brinquedos e roupas a crianças e idosos. Embarquei em um ônibus coletivo superlotado e, como sempre, cumprindo com exatidão sua proposta de transportar passageiros em pé e desconfortavelmente, porém sob o consolo “cristão” de garantir ao usuário o suporte democrático e frio do balaústre de alumínio. O veículo se achava completamente fechado, pois chovia forte. O calor no interior da engrenagem de aço devia estar bem acima dos 40 graus. Por sorte, assim que cruzei a roleta, alguém se levantou para descer e eu pude assentar-me.

— Gente, esse é o meu pai. Anda de ônibus para contactar as pessoas, estar próximo, sentir-lhes o drama do cotidiano.

— Prossiga, senhor Charles do IBGE - disse um.

— Cale a boca Zóio Verde, esbravejou outro.

A essas alturas, Charles já estava rodeado de amigos, querendo ouvir sua história romanceada e bem descrita.

— Prossigamos. De repente, o ônibus pára em um ponto da Via Expressa, entra uma morena-escura, bem velhinha, mal conseguindo firmar-se e, ainda por cima, carregando três sacolas plásticas. Logo percebi que a tarefa seria minha: ninguém se levantaria para ceder lugar para a idosa senhora. Pois bem (de bem mesmo!), levantei-me, mas antes cuidei de avisar as pessoas próximas que estava cedendo meu lugar à senhora que acabara de entrar no ônibus. A pobre coitada se nos apresentava tão cansada que zelei em ir até onde estava, a fim de conduzi-la à cadeira em que ao menos se sentiria um pouco mais confortável. E assim agi, sob os olhares dos demais passageiros. Ela se assentou e eu fiquei em pé ao seu lado, observando-a com respeito e admiração. Notei que tinha o olhar distante, e não era apenas o olhar. A velhinha, de lenço na cabeça, guardava ainda os traços de uma bela fisionomia: na certa fora uma mulata de fechar qualquer roda de samba, pagode e, por que não, algum baile grã-fino no passado.

Meu guarda-chuva molhado pingava muito e eu o prendi mais ao encontro de meu peito, para que não respingasse sobre a dona de meus olhares. Novamente, o ônibus pára - zunzum, vozerio. Ouço dizerem que havia um corpo estendido no asfalto. A velhinha me pergunta: “Que foi, meu filho?” E eu lhe respondo: Alguém morreu atropelado aí na pista. Ela, então, passou a mão trêmula no vidro embaçado e ficou olhando fi-

xamente para fora. Silenciosamente, feito os cactos no deserto. Havia nela uma profunda tristeza. Tirou um lenço do bolso de sua blusa e enxugou uma lágrima que a cena lhe trouxe aos olhos. Porém, creio eu que a lágrima já estava lá desde que ela entrara no coletivo com seu semblante tristonho e seu ar de quem carregava muitas dores feitas de risos, saudades e prantos. Senti que eu, um ex-padre, e ela rezávamos pelo jovem estendido no chão sob a chuva e, mais que isso, pedíamos a Deus que cobrisse seus familiares e amigos com o abrigo do consolo.

E lá prosseguiu o ônibus (a viagem deve continuar), parando aqui e ali, até que se aproximou do local onde eu, finalmente, desceria. Curvei-me para me despedir da morena tristonha, que colocou a mão em meu ombro e disse: “Obrigado, filho. Que Deus o acompanhe. Feliz Natal, estou indo ver os meus netos”. E eu levei aquela velhinha, verdadeira dama do lotação, para as telas de cinema do meu coração, num videoclipe sentimental particular.

— Nossa, agora entendo o porquê de Zóio Verde dizer que irá fazer Ciências Políticas. Com um pai desses - disse Rogério, um amigo recente do filho.

A festa já varava a noite. E Zóio Verde e alguns amigos pediram permissão para ir dar uma chegadinha até Indaiá da Pedra. Antônio, filho de Carlos, já com 27 anos e também advogado, foi dirigindo. Ele seria o responsável por todos, pois entre a turma havia alguns de menor idade. Charles e Carlos não sabiam o interesse de eles quererem ir a Indaiá da Pedra, mas entendiam que os jovens enxergavam brilhos que eles experimentaram e também um dia viram. Saíram numa algazarra danada, gritando “viva o Zóio Verde”, o aniversariante

do dia.

— É hoje, Zóio.

— Hoje o quê?

— Você vai desmamar no Cabaré da Pedra.

— Que é isso, Antônio?

— É onde ficam as prostitutas.

— Ah, não vou; não vou não!

Mas, não havia como não ir. Contra a força não há resistência. E, em lá chegando, todos desceram, até o Marquinho, filho do Mané do Cavaco, antigo e considerado maestro da banda local, mais conhecida como Furiosa, com presença obrigatória em toda procissão de Semana Santa.

Zóio Verde, que nem “visgo-mel”, chamou a atenção das mariposas assim que entrou na saleta, onde as mulheres se expunham como se estivessem numa vitrine, num tempo em que não se falava em Aids. Já que era obrigado ao “desmame” da primeira vez, fez questão de burilar a escolha. Flertou, flertou e pronto. Já estava no quarto. Marquinho do Mané do Cavaco tremia dos pés à cabeça, tanto porque seria a sua primeira transa, quanto temia ser pego por ainda ser menor de idade. E por ter demorado nesse chove-não-molha, terminou por ver à sua disposição apenas a prostituta mais velha da casa. A experiente mulher se aproximou dele acarinhando-o delicada e despudoradamente. Perdido num arfar que lhe tirava a fala, ele se viu nuzinho da silva com Ângela Véia, como a freguesia do cabaré costumava chamá-la.

Marquinho dava o que tinha e não tinha. Ângela, uma vez na cama, virou um Diabo de saias, mordendo-o e beijando-o por todo o lado. Já estava em posição de firmar os finalmente, quando ela deu um repentino breque.

— Menino bonito, qual é o seu nome?

— Marquinho, moça!

— E quem é o seu pai?

Marquinho esticou o peito e disse orgulhoso:

— Sou filho do famoso Mané do Cavaco, o maestro da banda.

Nem bem acabara de pronunciar o nome do pai e a mulher lhe dera um solavanco daqueles, quase jogando-o no teto.

— Que foi moça, que foi?

— Fora daqui seu pirralho de uma figa, seu desgraçado. Foi aquele sacana e metido a bonitão do seu pai quem me jogou na vida, aqui na zona.

Marquinho gritava:

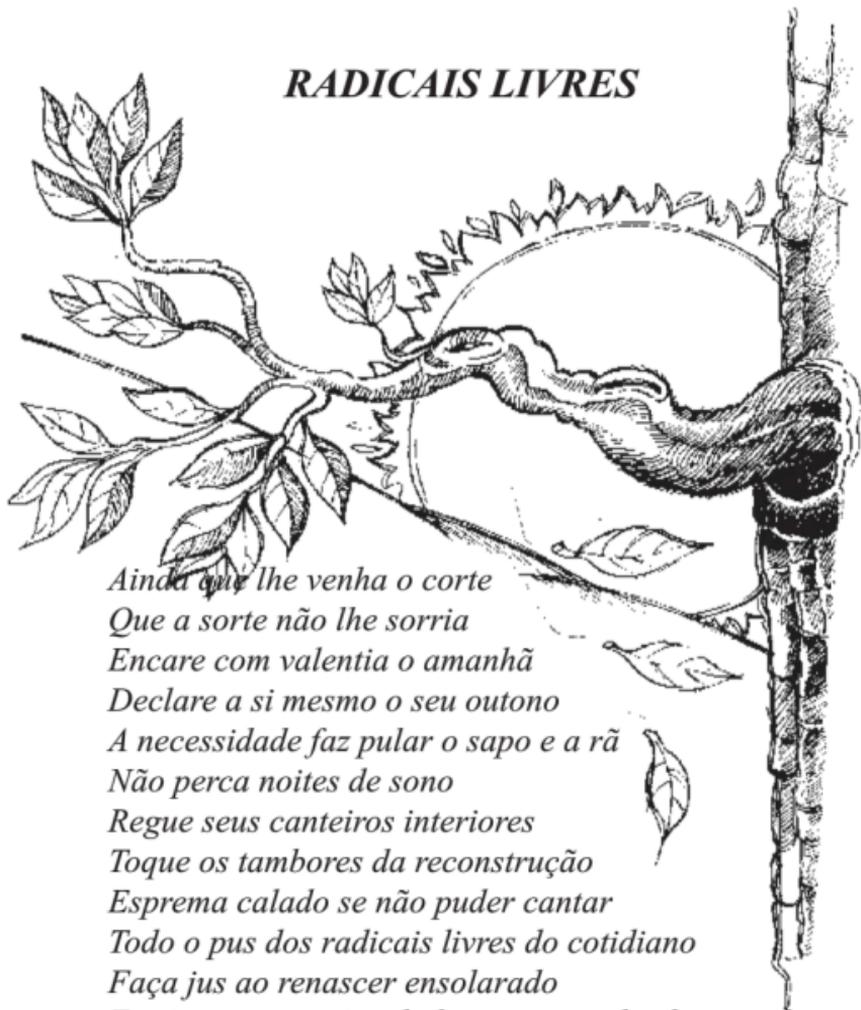
— Chega moça, quebrei o braço. Ai, que é isso debaixo de mim. Deus, é o crucifixo que caiu da cabeceira de sua cama.

Uma prova incontestada de que o Criador é mesmo onipresente, onisciente...

Todos saíram dos quartos. Inclusive um policial, para complicar a história. Não demorou muito e a notícia chegava na “Formiga de Asas”. Carlos e Charles correram ao hospital, mas a turma já estava na delegacia. Carlos, por ser advogado, resolvera a questão com meia dúzia de palavras. A bagunça contornada, voltaram para a fazenda, onde um animado parabéns foi cantado com todos guardando no peito mais uma história para contar em noite de outras festas que certamente viriam. Ainda que outros fossem os personagens.

CAPÍTULO VI

RADICAIS LIVRES



*Ainda que lhe venha o corte
Que a sorte não lhe sorria
Encare com valentia o amanhã
Declare a si mesmo o seu outono
A necessidade faz pular o sapo e a rã
Não perca noites de sono
Regue seus canteiros interiores
Toque os tambores da reconstrução
Esprema calado se não puder cantar
Todo o pus dos radicais livres do cotidiano
Faça jus ao renascer ensolarado
Esteja sempre enjanelado para quando chegar a luz*

Carlos Lúcio Gontijo

Os passos lentos do amigo Zé Alfinete, durante o aniversário de Zóio Verde, deixaram Mari'Stela preocupada.

— Charles, você não achou o Alfinete muito mal de saúde?

— Sim Mari. Eu notei que ele fazia um grande esforço para não transparecer seu verdadeiro estado de saúde. Cheguei a indagar ao Carlos se ele ainda ia à confecção todos os dias.

— E o que disse o meu irmão?

— Ele disse que sim e que, inclusive, ele continua cuidando das compras de tecido em Divisanópolis.

— Bem, tomara que tudo não passe de um dia em que ele não estava bem. E quanto a nós?

— Nós o quê?

— Uai, você, pelo que vejo, está mesmo prestes a entrar com os papéis de aposentadoria no IBGE. E eu tenho que encontrar uma maneira de me encaixar em seu projeto. Afinal, eu o acompanharei de mudança para a fazenda.

— Não se preocupe, Mari. A gente acaba encontrando um meio.

— É, eu sei. Mas há de ser algum trabalho que se aproxime de minha formação. Claro que não penso em abrir um consultório de atendimento psicológico em Indaiá da Pedra,

porém desejo auxiliar na formação de um núcleo de pensamento que melhore o nível intelectual das pessoas, que é, como tudo, produto do meio. As pessoas não progridem sem a alavanca do exemplo positivo que lhes sirva de parâmetro e ponto de referência. Você sabe, Charles, que na maioria das vezes somos reflexo do outro, repetimos a ação dos que nos são próximos.

— É verdade, Mari. Na maioria das vezes nós somos o outro. Isso se torna flagrante quando nos vemos diante de uma situação inusitada e não temos à disposição a experiência do outro.

— Isso mesmo, Charles. Não é fácil agirmos por nós mesmos. Por isso, considero importante manter um núcleo de pensamento que ajude na construção de uma nova mentalidade. Sei que será pouco, mas creio que o primeiro passo deve ser dado.

— Está vendo, mulher: não há com o que se preocupar. Graças a Deus contamos com a vocação para o social de nossa mente. Há muito o que se fazer nesse Brasil assenzalado, em que o governo vive em endêmica sesta inzoneira, insensível aos castigos que correm a céu aberto, sob o banho-maria de falsos eufemismos cristãos, sem a promessa nem a esperança de que algum dia venhamos a assistir ao saneamento das desigualdades sociais, tão dependentes de uma reforma humana, a fim de que o Estado brasileiro abandone os métodos políticos vampirescos com que torna exânguida a sua população.

— Tem razão, Charles. Se Zumbi, do alto de seu pedestal de herói, não apenas do negro e sim da raça brasileira, retornasse aos tempos de hoje, assustar-se-ia com a chibata moderna, que não deixa marcas visíveis nem cicatrizes no corpo físico,

ferindo profundamente a alma, atrofiando mentes e inibindo o poder de mobilização dos neo-escravizados.

— Infelizmente, tudo isso é verdade. Não é fácil ser “formiga de asas”. Estamos inventando um simulacro piorado do tempo do homem das cavernas.

— Como assim, Charles?

— É o neocavernismo sem cavernas. Então, substituídas por marquises, viadutos, cortiços, favelas etc.

O telefone toca...

Mari corre e atende.

— Aqui é o Carlos, Mari’Stela. Não tenho notícias boas.

— O que é, homem de Deus?

— Mari, o Zé Alfinete acaba de falecer. A sua presença é fundamental, pois você é beneficiária de seu testamento.

— Mas, eu?

— Uai, e por que não? Você foi funcionária dele por muitos anos. Mesmo após deixar o emprego para se casar, continuou sua amiga e sempre mandando-lhe modelos e sugestões, no intuito de que ele mantivesse o sucesso conquistado. Não se amofine não. Você merece e é justo. O Zé era um ermitão, um solteirão convicto.

— Está bem. Vou falar com o Charles e sairemos hoje mesmo de viagem.

Deixaram Belo Horizonte na mesma hora...

O enterro do Zé Alfinete foi muito concorrido. Parentes distantes e próximos, que nunca se deram com ele, compareceram, com o pensamento estilhaçado pela agudez da cobiça, esperando com ansiedade a abertura do testamento de Zé Alfinete, trancado a sete chaves no escritório de Carlos, que deixou passar, segundo desejo do falecido, uma semana de

sua morte, para trazer a lume o texto do documento em que Alfinete elegia seus herdeiros.

Numa segunda-feira, pela manhã, Carlos dava ciência a todos de que Mari' Stela era herdeira de todos os bens de Zé Alfinete, que queria que ela fosse presidente de uma fundação, com o objetivo de abrigar idosos e orientar crianças. Apenas um apartamento em Divisanópolis não pertencia à fundação com que presenteara Mari' Stela. O imóvel era destinado a pessoa desconhecida naquela cidadezinha perdida no bucolismo serpenteante de suas montanhas. Tratava-se de um homossexual que se tornara companheiro de Zé Alfinete desde a inauguração de sua confecção, quando ele fora comprar a matéria-prima necessária à implementação de seu ramo de negócio. Gregório Damasceno, era o misterioso homem e herdeiro.

A fofoca na cidade nunca atingiu níveis tão elevados.

— Bem que a gente nunca o vira com mulher - dizia um.

— Que coisa estranha. Isso é coisa do Diabo - sentenciava outro.

Mari, afogada pelo destilar de tanto preconceito e falso moralismo dos habitantes da pequenina Indaiá da Pedra, chegou a baquear:

— O Zé vivia tomando remédios para combater os radicais livres de seu organismo e, no entanto, não existe mal pior que essas pessoas radicais soltas pela cidade.

Charles interveio:

— Mari, o radicalismo campeia por todos os recantos. Um amigo meu, assessor de imprensa de um vereador petista, sofreu na própria pele as agruras do xiitismo que domina determinadas correntes do Partido dos Trabalhadores; todas elas

monopolizadoras da razão, sempre mais imposta que explicada. Um integrante da ala verde do PT, com a mente envolta no radicalismo infantilizante, fora visitá-lo num fim de semana. Comeu, bebeu, “ideologou” sobre a mãe-natureza à vontade e deixou, ao sair, a garotinha, filha única do anfitrião, mergulhada em incontidos soluços e pranto, que lhe impediam a fala. Pai e mãe, sem saberem o que fazer, sequer imaginavam o motivo de tanta dor. O desespero tomava conta, mas eis que, de repente, o telefone toca; era o “petista verde” propagando o enredo de seu carnaval de conversa fiada (sem trocadilho com o telefone), em que a cuíca ronca derramando o choro do radicalismo segregador: “Olha, muito obrigado por tudo. A comida estava ótima, a bebida no ponto, o papo bastante agradável, mas eu soltei o passarinho que se encontrava preso na gaiola. Você sabe, contraria os meus princípios ecológicos! E era exatamente por isso que a criança de três anos perdera a fala: ela vira um radical adulto em ação, soltando o seu canário.

— Gente, que absurdo! - desconjurou Carlos, que acompanhava a conversa.

Os dias que se seguiram foram tumultuados, com parentes do Zé Alfinete descontentes com o testamento, ameaçando entrar na Justiça. Contudo, não havia o que contestar. Zé Alfinete “amarrara” muito bem o documento testamental, que era um ponto sem nó, meada sem fio. Além do mais, os tais parentes não tinham condição moral de apelar judicialmente, dado o afastamento que mantinham do velho Alfinete.

Charles ainda cuidava da papelada de sua aposentadoria e Mari’Stela, agora, é quem tinha pressa, pois a sorte, encaminhada pelo seu próprio semear, lhe sorria. Ela já tinha um

trabalho a fazer.

— Marilda, você não acha o exemplo de Zé Alfinete uma prova de dignidade e respeito aos amigos e à sociedade?

— Em que ponto, Mari?

— Uai, tá pastel, Marilda? O Zé Alfinete não buscou passar a anomalia de sua vida sexual como uma coisa boa e natural, como muitos homossexuais ousam direta ou subliminamente fazer transparecer. E, ainda por cima, colocou todo o produto do trabalho de sua vida à disposição da sociedade.

— Realmente, é um exemplo, não havia pensado nisso. Entretanto, analisando bem, o Zé não acompanhou o modismo que tenta elevar o mundo gay não apenas ao grau de conduta sexual normal, mas como, também, mais prazerosa, a ponto de impor o “bumbum” como a peça-chave na atração física.

— Marilda, vamos parar com o assunto, antes que incorramos no radicalismo a que tanto criticamos.

Charles entra na conversa que, até aquele momento, assistia em raro mutismo:

— É bom mesmo, gente. Disso daí, para chegar-se ao sentimento de superioridade, é um passo. E desqualificar ou subestimar as pessoas por suas preferências sexuais, políticas, religiosas, as roupas que trajam ou o aspecto fisionômico é o procedimento mais ligeiro para cair-se em erro de prejulgamento. Sobre isso vou dar-lhes um pitoresco e sério exemplo: Lamartine Babo, grande letrista e compositor brasileiro, autor de composições famosas como “No rancho fundo”, “Serra da Boa Esperança”, “Eu sonhei que tu estavas tão linda” e tantas outras marchinhas carnavalescas (“Linda morena”, “Teu cabelo não nega”), falecido em 16 de julho de 1963, certa vez, foi passar um telegrama. Assim que entrou no correio, solicitou

à atendente um lápis. A moça, antes de atendê-lo, comunicou em código morse à colega que se lhe achava próxima: “Olha que cara feio, magro e banguela”. Lamartine nem se tocou. Redigiu calmamente o telegrama e, antes de devolver o lápis à funcionária, batucou, em morse, no balcão: “Feio, magro, banguela e, também, telegrafista”.

E os três caíram numa gargalhada só...

— Vamos rir gente, continuou Charles. O que nos importa é a conscientização de que o homem é irmão do Universo, originário do mesmo orvalho que nos descortinou as manhãs, as luzes e as escuridões. E essa filosofia é bem recente como verdade no coração de alguns e simples modismo esotérico no cotidiano de muitos que ainda não perceberam conscientemente o dar as mãos para a caminhada que a Natureza nos ensina: fontes, riachos, ribeirões e rios vão se encontrando, transpondo obstáculos até abraçar o mar em perfeita simbiose. As diferenças de opinião, cor e credo entre as pessoas, ao invés de serem tomadas como um um problema, deveriam ser observadas como uma riqueza colocada ao nosso alcance. Não são poucos os que levam a vida a apagar a chama alheia feito a tempestade que empana as estrelas. Todo conhecimento somente tem serventia se conseguir estender-se a um maior número de pessoas possível. Portanto a radicalização tem sido um estorvo ao desenvolvimento da sociedade. Uma coisa é decisiva: tudo é uma questão de ótica, problema de hora e lugar, necessidades e experiências de vida de cada um. Ao Diabo, o inferno parece tão aconchegante quanto uma sala de estar com lareira; sob a visão do macaco, a macaca é linda. Enfim, nós somente poderemos aferir a dimensão dos sentimentos do outro se nos embebermos na caridade da compreensão, no

gesto de respeito e amor ao próximo. O Estado brasileiro se contenta com os dados de pesquisas que lhe dão a dimensão da pobreza de sua gente e não envida esforços para a solução dos dramas sociais. Estamos perdidos em imponente e masturbatória sociológica, que confunde a filantropia da esmola assistencialista de uma cesta básica de alimentos com a caridade da educação, do emprego, da saúde, do desenvolvimento econômico. Zé Alfinete nos passara, com o seu testamento, não uma simples lição de cidadania, mas sobretudo um importante exemplo de que é preciso pensar na próxima geração - amar o próximo que sequer ainda nascera.



— Mas isso é tanto raro quanto difícil, amigo Charles.

— Isso é verdade, Marilda. Amar o próximo é como vestir uma segunda pele. E disso pode resultar uma calosidade; um calo que dói. E como ninguém quer sofrer pelo outro, todos evitam envolver-se com o próximo.

CAPÍTULO VII

CONTO ESTATÍSTICO

*Por novos toques e temas
Meu amor saiu da gema
Correu clara, feito fagueira
Acendendo fogueiras ao caminhar
Então, faço pranto-chuva particular
Na conta do que suporte e posso
Adoço a dor para regar
A vida nova em que aposto
Gosto de mim e amanhece
Jardim tenro em viço-semente
Não me amofino, refazer-me é compromisso
Tangentes, ouço os sinos do renascer
Não caio no conto estatístico irreverente
Que constitui do tempo que passamos juntos
Um conjunto de sentimentos que se dividido
Daria momentos de amor para a vida inteira
Nego-me a não revivê-la em outros braços
(Informalmente, sem laços nem casamento)
Preciso manter no céu a nossa estrela
Sem os embaraços do véu de seu governo
Embalar pulsares na medida de meu pulso
Pescar seu gozo nos mares da paixão consentida*



Carlos Lúcio Gontijo

Uma tristeza com laivos de alívio tomava conta de Charles. Era sua última semana em Belo Horizonte e sua despedida como funcionário do IBGE, um órgão criado para medir riquezas, mas que se tornara um repetitivo laudo confirmatório de mazelas sociais brasileiras que se eternizam. Charles, que se aposentava em alto cargo, nunca remexeu tanto os fichários de dados que diziam sobre tudo, apesar de se manterem frios nas mãos de administradores públicos insensíveis, que vieram de uma formação acadêmica em que se avilta o ensino de ciências humanas, que perderam assento nos currículos universitários. O resultado desse ensino meramente técnico foi a criação de indivíduos impermeáveis à conscientização sobre os problemas sociais. Charles dizia a si mesmo:

— Ensino sem filosofia nem sociologia é o mesmo que capital que vê o trabalho como simples adereço sem importância, acreditando que é o dinheiro que gera riqueza e não a produção.

Enquanto pensava, Charles folheava. São tantos os menores de rua, tantas são as crianças abandonadas, chacinadas; as crianças menores de 14 anos grávidas; os sem-escola, os analfabetos, os sem-casa, os sem-emprego, os excluídos. Tudo contabilizado, cada ferida apontada em vão, pois nenhuma

recebera o devido tratamento e a única certeza que se tinha era que, aos números coletados, se juntariam outros de igual teor. Charles se sentia um acompanhante inveterado de sepultamentos e velórios sem esperança de que a pobreza social endêmica parasse de eliminar grupos e camadas de pessoas desprivilegiadas, então vistas como uma espécie de sub-raça a que se podia matar ou deixar morrer à míngua.

Mari'Stela chegara à tarde de Indaiá da Pedra, onde ficara para inteirar-se de pormenores sobre a confecção do Zé Alfinete e outros pertences da fundação a que administraria.

Encontrou Charles na hora do almoço e, à mesa, conversaram sobre os novos planos.

— Charles, tive que adotar o Agulha.

— Que Agulha?

— Aquele cão que pertencia ao Zé Alfinete. Você acredita que, passados já sete dias do sepultamento, o cachorro insistia em não abandonar o túmulo?

— Nossa Mãe! - disse Zóio Verde.

— Pois é. O jeito foi eu começar a ir ao cemitério de manhã e à tarde, procurando alimentá-lo e dar-lhe água. E assim passei uns dez dias pajeando o Agulha, até que ganhei a confiança dele.

— E agora?

— Bem, agora ele está lá no sítio, onde ficará até morrer.

— Veja bem, Mari, que amizade. Que beleza de exemplo de afeição.

— Mas, e a cabeça, Charles? Imagino que não lhe deve estar sendo fácil deixar o emprego. Afinal, você não é chamado de Charles do IBGE à toa.

— Não está nada fácil. Porém já era mesmo a hora.

Estou aproveitando cada detalhe. Hoje, como sempre, eu tive mais uma lição de Brasil no trajeto até meu escritório, dentro de um ônibus lotado, junto ao povão sofrido e maltratado por um transporte coletivo indecente e que tem no lucro o seu único objetivo. Em pé, “macaqueando” no balaústre, feito a grande maioria dos passageiros-mercadoria, observei com alegria um jovem que lia um livro de sociologia. Fisguei inclusive o título de um dos capítulos - Previsões sobre a sociedade do futuro -, e fui divagando em silêncio sobre as pesquisas que nos dão conta de que mais de 50% da população brasileira permanecem anos sem abrir nem mesmo um jornal de bairro. Todavia estava ali um espécime raro (um absorto leitor), assim como os micos-leões ou as araras-azuis, uma esperança viva do amanhã.

— Que bom, pai! exclamou Zóio Verde.

— Espere, filho. Nem tudo que brilha é ouro - e continuou sua narrativa:

— Já chegava a sentir dentro de mim um renovar de ânimo, mas eis que, de repente, o meu estimado leitor fecha o livro de sociologia, raspa a garganta, dá uma série de fungados esquisitos e escarra uma placa enorme no assoalho do ônibus. Contive minha frustrante contrariedade, anestesiando-me com a filosofia matuta de que “semente boa não germina em solo ruim”. E, ademais, em nosso país, até sociólogos, políticos, psicólogos, religiosos, pastores e intelectuais - entre outros -, que deveriam dar o exemplo, costumam não entender de gente e, de certa forma, também cospem no povo. A bem da verdade temos uma sociedade estratificada e extremamente violenta, em que o Estado serve de instrumento de espoliação dos cidadãos que, juntos, tanto endureceram quanto perderam

a ternura e convivem, passivamente, com a aplicação da lei do mais forte, aceitando a violência contra determinados segmentos, vendo nos privilégios uma espécie de direito e meta a ser alcançada. A classe dirigente brasileira vê o país como um imenso latifúndio, do tipo casa grande e senzala; administrá-lo é simplesmente deixar os tratores ligados, sem se incomodar com a forma de arar, com a semente ou com as pessoas.

Mari’Stela entra no assunto:

— Mas como você explica a existência de tantos conservadores, Charles?

— Mari, conservar o quê? Essa ordem a que as estatísticas acusam de injustas? Conservadorismo é um estado de espírito de quem se acha entre a cruz e a espada: não se encaminha ao Diabo por medo de si mesmo; e não se dirige a Deus por temer a misericórdia. O que se observa é que a hipocrisia e a arbitrariedade estão para a sociedade como a ferrugem para a ferraria: empobrecem e corroem a sinceridade em que deveriam alicerçar-se as relações humanas. Acho que como Deus fez, intencionalmente, o inferno pequeno para o Diabo, ele enrola o rabo na mente dos homens, na certeza de que alguns se deixarão guiar pelo seu abanar...

— Filho, eu e o seu pai precisamos conversar seriamente com você, pois, pela primeira vez, ficará sozinho. Ou melhor, você morará sozinho e, mais do que nunca, será dono de seu nariz. Você está cursando Ciência Política e esse curso tem o seu valor medido pelo esforço do próprio aluno. Sem leitura e muito estudo, você não terá a devida consciência que o futuro lhe exigirá.

— Está bem, mãe. Mais tarde a gente conversa. Claro, se o pai deixar. Se não lhe trouxer novo caso!

Todos saíram ao encontro de seus afazeres. Charles voltou para o IBGE. Na sua última semana, estava fazendo dois horários sob a desculpa de deixar a casa em ordem para aquele que o substituiria. Contudo, a realidade é que ele queria aproveitar ao máximo aqueles últimos dias.

Não eram poucos os que o desaconselhavam de aposentar-se. Porém, ele se mantinha resoluto.

— Não dá para continuar. A expectativa é de que os salários serão estrangulados, direitos adquiridos com luta e sacrifício serão tragados por gente que não primou sua vida pelo trabalho e portanto não tem a menor consideração por quem batalha e ganha o pão de cada dia com o suor do rosto e não dependurado nas fartas tetas do governo.

— É isso mesmo Charles. Quem tem condição de se aposentar deve fazê-lo sem demora - apoiou o amigo Porfírio.

— Certa feita, gente, eu fui com uma turma jogar futebol numa cidade próxima de Indaiá da Pedra. Os atletas integravam um time da paróquia, ao qual eu incentivava como forma de unir jovens do município através de uma atividade esportiva. Após a partida, que terminara em um justo empate, a direção do “clube” local nos ofereceu um gentil jantar. Tudo corria bem até que um de nossos atletas criou o maior caso com o garçom do restaurante, onde jantávamos. Ao ouvir a discussão corri em pronta intervenção.

— Que foi, Augusto?

— Padre, eles estão nos servindo pratos frios, gelados mesmo!

— Que prato?

— É esse aí no meio da mesa, disse-me, apontando com o dedo.

O prato era maionese. Augusto nunca comera maionese. Era muito pobre e, quando muito, fazia uma frugal refeição por dia. Daí expliquei-lhe que aquele tipo de comida não ia ao fogo...

Tudo voltou ao normal. Mas, ao final, Augusto armou-nos novo fuzuê. E já foi logo gritando:

— Padre Charles, padre Charles!

— Que foi, Augusto?

— Todos têm papel para limpar a boca, menos eu.

Saí a verificar o porquê do fato. Não era preciso ser nenhum Sherlock:

Augusto, no afã de encher o prato, nem notou o guardanapo de papel que estava sobre o mesmo...

Enquanto a turma ria à solta, Charles foi logo emendando: Augusto está longe de servir de exemplo de pessoa gulosa, comilona, voraz, pois os verdadeiros pantagruélicos, os insaciáveis, irmãos gêmeos do personagem “Pantagruel”, de Rebelais, autor francês do século XVI, partem das elites da sociedade, cidadãos de alta linhagem. Não há pasto que lhes chegue. Temos notícia de cerimônia de posse de presidente da República, em que, na esperança de traçar algum cargo entre comes-e-bebes e um bate-papo e outro, os convidados mastigaram e blateraram animal e alucinadamente. Nessa tal festa de posse, sete mil convidados e mais um mil de pessoal de apoio conseguiram comer praticamente quatro toneladas de comida, das quais sobraram apenas 120 quilos, que foram distribuídos aos vigilantes, pessoal de limpeza e outros funcionários do Itamarati, que somavam cerca de 150 pessoas, lá pelas 4 horas da madrugada.

— De onde você tirou esses dados, Charles?

— Eu os descobri num dos limpar de gavetas que venho promovendo.

— Mas deixe-me prosseguir... Naquele dia, o final da comilança de mais uma cerimônia de posse redundou em grande frustração para as crianças das instituições de caridade de Brasília, que não viram a cor nem sentiram o sabor dos lombos de porco e saladas servidos no banquete nada sociológico do presidente, que assumia o mandato com ares de coronel, lobisomem, intelectual, sociólogo e príncipe ungido pela cegueira tépida das urnas, tantas vezes legitimadora de cruéis ditaduras civis. Além do mais, ficou definitivamente provado que o instinto pantagruélico não obedece muito às regras da etiqueta, pois a turma de colarinho branco avançou de início nas carnes nobres, como o camarão, a lagosta e o faisão, que acabaram num piscar de olhos. Ao contrário do que nos prega o adágio popular, os pantagruélicos modernos não têm os olhos maiores do que a barriga: ambos são enormes. E a farra que se observou naquela posse ainda deu origem a uma nova postura, praticada e demonstrada explicitamente em cargos públicos.



e adiou a apresentação ao povo de algum cardápio que garantisse o futuro do Brasil.

— E a sua aposentadoria, onde entra nessa história toda, indagou-lhe Amélia, mais uma que estava prestes a cair fora...

— Ah, não há como conviver com dados que são coletados para se juntar a pesquisas de igual teor, como se a constatação da miséria progressiva servisse de contentamento, como se alguns se felicitassem com a morte de outros. Surrealisticamente, há brasileiros influentes o suficiente para comer até o destino das pessoas, engolir as oportunidades alheias, somar riquezas e bens materiais a que sequer conseguem consumir, mas são pantagruélicos por gosto e natureza, sentem prazer em viver empanzinados, mesmo que rodeados de famintos por todos os lados. Chega, pra mim basta! Qualquer anuário do IBGE é atual, apenas a face do presente é mais feia, carcomida pelo sulco de rugas abertas pelo descaso, a ponto de as maquiagens de última hora não estarem mais enganando o mais humilde dos brasileiros. Não consigo mais servir a essa ordem injusta. Não se surpreendam com o meu discurso. Isso é coisa de cidadão que cai em si: vira caixinha sonora, amplifica a percepção dos sons da vida, torna-se mais sensível e crítico da realidade que o circunda.

CAPÍTULO VIII

REALIDADE



*É de barro a matéria
Quebra-se um dia o jarro
O sangue exala-se da artéria
Etérea é a perda da realidade
Servida em prato de vontade vazia
Carente de trato possessivo
Em que ter é estar vivo
Segue a reboque de seres de pouca luz
E só se traduz pelo toque!*

Carlos Lúcio Gomes

Sobre a verdade, boa ou ruim, constroem-se os pilares da vida. Charles se sentia partido ao meio e se consolava com a oportunidade do recomeço, do refazer, de reear suas potencialidades de ser humano. Os últimos dias em Belo Horizonte se arrastavam entre o germinar de saudades e expectativas.

O telefone toca antes das oito da manhã. Sebastiana atende e grita. — Mari’Stela, Charles, é uma chamada internacional. Da Inglaterra. Charles sai correndo da cozinha onde tomava seu café matinal e atende.

— Aqui é sua irmã Eliza.

Após os cumprimentos de praxe, entraram no assunto.

— Charles, uma prima distante, filha de gente importante, formou-se em economia e especializou-se em problemas latino-americanos.

— E daí?

— Bem, daí é que Amanda pretende fazer estágio de um ano no Brasil. Ela vai integrar uma Organização-Não Governamental, com capital norte-americano, francês e italiano, e fará um trabalho nas capitais brasileiras junto a menores abandonados e excluídos de toda a espécie. E a capital para a

qual ela fora destacada é precisamente Belo Horizonte.

— Bem, em que podemos ajudar?

— Amanda gostaria de alojar-se em sua casa, pois ficou sabendo de seu trabalho comunitário e também sobre o seu filho que estuda Ciências Políticas.

— O que tem isso Eliza?

— Ela acha que encontrará clima e apoio necessários para trabalhar e desenvolver as teses que comporão um livro que pretende escrever.

— É, ela tem razão, pois enfrentará uma missão difícil e desgastante emocionalmente. Pode dizer a ela que estamos abertos a prestar-lhe qualquer ajuda. Esse assunto social já faz parte da vida da família. Eu e Mari’Stela estamos de mudança para uma fazenda que compramos, próximo de Indaiá da Pedra, mas a casa continuará montada, pois o Charles de Jesus continuará morando na capital, para complementar seus estudos e tentar dar início à sua vida profissional. Nossa empregada Sebastiana ficará cuidando da casa. Ela sequer deseja ir-se embora. Acostumou-se com a liberdade e o anonimato da cidade grande. Não quer compromisso sério, mas não abre mão de curtir seus casos amorosos e suas paixões.

— Ela é que está certa, Charles. A vida é para ser vivida e os amores estão aí para ser sentidos. Esta sua irmã solteirona já coleciona no peito muitas paixões, que lhe renderam alegrias e sofrimentos, mas sobretudo lhe deram a plena consciência da importância de ter no coração essa sinergia que o amor nos esparge por todo o corpo.

Quando desligou o telefone, Mari’Stela já estava aflita para saber de que se tratava.

— Não se preocupe não Mari, dessa vez não é notícia ruim. Uma prima distante virá passar um ano em nossa casa.

Mari'Stela ouviu tudo atentamente.

— Por um lado, fico feliz com a oportunidade de auxiliar uma jovem em missão tão relevante; por outro, preocupo-me com o Charles de Jesus, morando praticamente sozinho com uma jovem certamente bela e inteligente, numa fase da vida em que a atração e o desejo brotam no corpo mais que capim tiririca nas plantações.

— Ah, Mari, o negócio é confiar no destino. O que tiver de ser será. Charles recebeu de nós toda a educação e zelo possíveis. Agora, já é o momento de ele enfrentar o mundo sozinho. Temos que nos acostumar com a realidade de vê-lo chegando-nos com seus feitos, colheitas de seu semeio. E não serão poucas as vezes em que haveremos de nos contentar com sua alegria, descobrir a sua felicidade, apesar de se nos apresentar com o avesso de nós. A escuridão que detectamos no passo do outro, muitas vezes é a sua luz, sua conquista maior. Vamos deixar o nosso filho cultivar suas estrelas e descobrir em seus olhos a escala de valor que cada uma delas tem para ele. Poderão não ser exatamente as nossas, mas haveremos de amá-las através do riso dele.

Mari se abraçou a Charles. Na sala um pôster imenso do filho. Olharam-no com a admiração de uma árvore que visse a sua semente crescendo ao lado: rezando por seu sabor doce, torcendo para que seus frutos fossem provados, pois é só se dando e, ao mesmo tempo, recebendo que justificamos e percebemos a razão de nossa existência.

— Que romantismo é esse aí? - indagou-lhes Charles

de Jesus, que saía do quarto.

— Filho, estamos aqui a nos autoconsolar da saudade que nos consumirá, assim que partirmos e deixá-lo só.

— Ah, mãe, ficaremos a apenas 180 km de distância. E, além do mais, estaremos sempre nos vendo.

— Tem razão, Charles, mas eu e sua mãe lamentamos é pelo cotidiano, a convivência diária que será cortada, ainda que nos vejamos todos os finais de semana.

Podia-se notar tristeza nos olhos dos três, porém havia um compromisso tácito de se auto-estimularem para a nova fase de vida.

— Oh, filho, já nos íamos esquecendo.

— De que pai?

— Você vai poder treinar seu inglês, com uma inglesinha que virá morar aqui em casa. Todavia, pelo amor de Deus, demonstre orgulho em falar português, porque isso fará você crescer no conceito da moça, que, aliás, se chama Amanda. A língua, filho, é o prazer oral da pátria.

— Pai, não precisa repetir. O senhor já me disse isso mil vezes. Acho que todos os dias, antes de me passar as lições de inglês.

— Mas não custa repetir. A gente tem que estar sempre atento ao aprendizado. Sebastiana, nossa empregada, que cresceu tanto a ponto de não querer mais morar em Indaiá da Pedra, muito nos ensinou durante as refeições. Ainda hoje, ela disse que seus pratos são enfeitados com verduras e frutinhas por todo o lado, porque o homem se alimenta de paisagem. É a aparência do prato o principal abridor de apetite.

— E isso é realidade, pai. Já me sentei à mesa sem apetite

algum e acabei comendo feito um boi, devido à aparência do prato.

— Pois é, filho, a Sebastiana descobriu através de nós o valor do conhecimento, a possibilidade de enriquecimento por meio da conversa. Segundo ela, Indaiá da Pedra passou a ser apenas um lugar, um prato sem a paisagem das pessoas. E a paisagem sem os amigos que já se foram ou que não cresceram, que pararam no tempo, nada vale. É um prato feio que não nos desperta o apetite do afeto. Pelo contrário, nos enche de tristeza, nos faz consternados diante da semente que não vingou, não viçou.

— Sebastiana tem razão, pai. O desnível cultural, não no sentido acadêmico, mas de visão de mundo, de sensibilidade, acaba separando e distanciando. Não sei quantos amigos meus se perderam assim. Não nos tornamos inimigos, porém não temos o que falar, como se o destino houvesse por bem colocar um ponto final em nossa conversa.

— É isso, meu querido Zóio Verde. Precisamos ter olhos de bateia para vislumbrar a árvore frutífera na floresta e apurar o ser humano, grão de areia na multidão. Rezemos por nós: eu preciso, na fazenda, cultivar o fruto; e você, aqui na cidade, descobrir no ser humano a boa semente da amizade.

— Meu pai, o senhor junto com a minha mãe me deram uma educação inestimável. Ensinaaram-me o valor das coisas materiais, que é tão mais elevado quanto nosso senso e percepção do sentido espiritual que se encontra intrinsecamente relacionado com o toque, o prazer de apalpar, pegar. As pessoas se preocupam e temem a morte por não saber para onde o mistério do desconhecido as levará e, entretanto, passam a vida inteira sem se importar em conduzir o destino de seu

caminhar.

— Graças a Deus, filho, nossa família está unida espiritualmente, nossa herança maior, por intermédio da luta que encetamos contra a exposição do ser humano ao curtume da deseducação e da desinformação que tanto cega o cidadão quanto o leva a aplaudir falsos pregadores e salvadores da pátria, que não crêem em Deus nem o exercitam por intermédio do trabalho social em prol das pessoas menos favorecidas.

— Em verdade, pai, como nos dizem os dados que você freqüentemente comenta conosco, vivemos no Brasil uma guerra civil branca, onde se contam às centenas, aos milhares, as mortes por assassinatos explícitos ou simplesmente consentidos pelo Estado, pela sociedade organizada, ambos indiferentes ao banho de sangue diário. É assim, e por isso, que se dão os extermínios nos morros e favelas, em que morrem crianças e adultos, sem qualquer distinção entre culpados e inocentes. Vêm dessa mesma fonte as mortes por fome, inanição, falta de atendimento médico.

— Não posso negar que me embeveço ao vê-lo falando assim, com essa consciência político-social que eu e sua mãe lhe procuramos passar. Inegavelmente, essa filosofia de se levar vantagem em tudo é uma característica do comportamento imoral que nos foi passado pelo poder público, onde as teias do neoliberalismo já são velhas e sempre foram alinhavadas com



todas as cores da competição e a mais completa ausência do necessário sentimento de cooperação. Examinando a história brasileira, podemos ver que a impunidade é uma tradição: praticamente, optamos por premiar a esperteza, a sagacidade, a desonestidade, a mentira, em prejuízo do mais capaz e competente. Lamentavelmente, filho, desvio de consciência sociomoral de tamanha monta vem exigindo-nos dormir de olhos abertos, pois temos que andar sempre prevenidos, a fim de não sermos passados para trás, enganados, roubados ou traídos, acintosa e exatamente por quem não esperávamos. E tome isso como um conselho para você que ficará sozinho por aqui e, em breve, estará se encaminhando para sua atividade profissional. Entretanto, nada disso deve tirar-lhe a iniciativa boa e salutar de continuar apostando espontaneamente na pessoa, no ser humano iluminado, que não pode ser desacreditado apenas porque existe gente de pouca luz.

CAPÍTULO IX

VINDE A MIM AS CRIANCINHAS



*Diante da lanchonete da esquina
O Jesus menino pivete
Cristo redivivo na cruz da fome
Construída em seu santo nome em vão
Cristão tecendo lucros e dízimos
Aos olhos de criança pintando céu
Sonhando molhos de estrelas
Deliciando luzes em tom pastel...*

Carlos Lúcio Gontijo

*N*a primeira semana na Fazenda Formiga de Asas, Charles e Mari’Stela resolveram dar uma festa para reunir todos os empregados, meeiros e vizinhos próximos, porque sempre acharam que o encontro deveria ser festejado. E como o significado da reunião era a cooperação e amizade, avisaram a todos que cada um deveria levar um prato e uma bebida, por mais singelos que fossem.

Mês de junho, fazia frio. Geraldo Samarone, o caseiro, sugeriu uma grande fogueira e muito quentão, canjica, pipoca. Mari acatou o pedido de Samarone, com o qual gostava de conversar e aprender sobre a vida, através de sua filosofia cabocla.

Os planos para a fazenda eram muitos. Charles pensava até em estimular os meeiros garantindo-lhes cinco alqueires de terra em futuro próximo, premiando os mais produtivos. A novidade agradou a todos, podendo-se notar o brilho da esperança nos olhos de cada um deles.

— Dona Mari’Stela, aquele seu cachorro, o Agulha, é diferente dos outros. É tristonho e solitário. Toda noite de lua cheia põe-se a uivar tão profundamente que chega a causar medo e arrepio.

— Não é nada não Samarone.

E contou toda a história de como o cão viera parar na fazenda.

— Ah, então está explicado. Cachorro não é um bicho inteligente como dizem. É que ele foi criado para agradar o dono. E essa sua vocação passa a ser tida como sinal de capacidade mental ou racional.

— Mas é isso mesmo, Samarone. Servir é um dom, assim como ser um amigo fiel - ponderou Charles, que ouvia a conversa.

— Senhor Charles do IBGE, eu tive uma cadela que viveu 23 anos. Na semana em que morreu ela furou um buraco num barranco próximo da casa e só saía de lá para comer. Quando deu seu último ganido, não tivemos trabalho: seu túmulo já estava escavado, no lugar que escolhera. Como soube não sei, mas o certo é que ela pressentira a própria morte.

— Que buzinaço é esse na porteira? - disse Mari' Stela.

De uma vez só, chegaram Carlos, Verinha, Marilda e Zóio Verde.

— Pensei que não viria mais, filho!

— Claro que não faltaria, pai. Mas é que fui fazer as provas de um concurso. Se passar, poderei seguir seus passos mais de perto.

— Seguir meus passos?

— Sim, meu pai. Apareceu um concurso no IBGE. E pensei cá comigo: não custa nada, mesmo se eu passar, eles não me chamarão antes de um ano. Não é assim que costuma acontecer com os concursos federais?

— É sim. Pelo menos foi assim comigo - asseverou Charles, com os olhos cheios d'água, reflexo de um mar inte-

rior em tempestade de contentamento.

— Charles, conte ao nosso filho sobre o Vicente, um jovem que é filho de um dos empregados da fazenda e que, ao certo, não ficará muito tempo conosco, por ser mundano, meio cigano.

— Não é bem assim, Mari. Vicente é como o vento: pode prender-se um pouco na virada de uma esquina. Mas prosseguirá. Ele não vive de futuro. Seu negócio é o presente. Ainda hoje veio avisar-me de que iria caçar tatu, aproveitando a noite clara. Aos entendiados do cotidiano ou aos enfastiados do capital, passa a idéia de que ele sorri e festeja sob a própria miséria pelo fato de ter esperança em dias melhores, não parando para semear, mas caminhando, caminhando, como se o sol de sua vida se achasse mais à frente, em algum lugar.

— Mas isso é filosofia de maluco - protestou Zóio Verde.

— Deixe-me continuar e você dará razão ao jovem. Vicente é daqueles que não correriam para o terço nem confessionários de igreja caso lhe fosse comunicado o fim do mundo, pois ele vive é do presente. O mundo acaba para ele a cada anoitecer. Aliás, todos os abandonados à própria sorte, tanto pelo governo quanto pela sociedade, vivem mesmo é do presente. Todo dia pode ser o fim da estrada, todo dia é fim de ano, é tempo das orgias do réveillon. Esperança no futuro é coisa de quem economiza o riso de hoje para a gargalhada de amanhã, tem emprego razoável, alguma sobra para uma poupançazinha, tem sonho por nascer via crediário, carnê, consórcio.

Com gente como nosso Vicente não é assim: ele tem que fazer tudo espontaneamente, na hora; não pode esperar. É um

projetista de pequenos sonhos a tempo e a hora; não guarda sentimento de perda nem padece de ressentimentos - simplesmente faz e segue fazendo. O futuro para ele é um processo que experimenta a cada quarteirão: não passa da felicidade de estar vivo a cada dobrar de esquina; de poder desdobrar a gola da camisa que o vento dobrou quando corria da polícia após alguma estripulia - malandra, marginal, mas que lhe era necessária.

— Oh, Charles, você nem bem chegou e já tem assunto e história de pessoas, como se andasse no seu decantado loteação de cidade grande.

— Mas é isso mesmo, Mari. Não é necessário nenhum veículo para se viajar com o ser humano. Basta um pouco de carinho e a humildade da atenção.

— Afaste o lero-lero, Charles. Quero ouvi-lo. Afinal vou ajudar a Mari com os menores carentes da região - disse Verinha, que bem compreendia aquela fala, pois muito sofrera na vida.

— Vicente nunca foi rico nem sei se o baú de sua riqueza de vida teria lugar para guardar bens materiais, pois qualquer coisa que lhe venha às mãos ele transforma em festa, em canudinho para sorver a delícia de momentos simples, mas impagáveis. Já aos seis anos de idade, Vicente deu de fazer suco gelado, o tal de chupe-chupe, e saía vendendo-o pelas vizinhanças de onde morava, até somar o suficiente para comprar cadernos e pasta, a fim de freqüentar o curso primário. Cedo abandonou os estudos, porque sentiu que a escola não o queria por perto, sequer falava a sua linguagem; achava-se embebida em profundo futuro para quem vivia tanta necessi-

dade de presente. E é mesmo assim; os meninos que têm de se auto-sustentar, de lutar pela própria sobrevivência, constroem os vergonhosos índices de evasão escolar no Brasil.

— Mas Charles, ele não tem família.

— O pai dele que trabalha conosco nunca teve tempo para ele, cuja mãe morrera durante o parto. A madrasta o maltratava em demasia.

— Vamos em frente, reclamou Marilda...

— Vicente é daqueles que não se contêm ao flerte da mulatinha do boteco. Vai sempre, por machismo e instinto, aos finalmente. E não adianta ninguém chegar com a conversa de “cuidado, olha a Aids”. Também pudera, a única democracia a que Vicente teve a oportunidade de aprender inteiramente foi a democracia do corpo. Aquela sensação de pleno exercício de seus desejos, por meio do ato sexual, não há campanha de conscientização de última hora que lhe tire. É um homem-tartaruga: seu corpo é a sua casa. Quem o vê, sempre o vê por inteiro, sem subterfúgios. É meio vitrine: aproxima-se dele quem quer, fica quem agradar da verdade estampada tão à mostra. Jamais abusa, mas, se provocado, pode tomar atitudes completamente inesperadas e assustadoras para os que se prendem à etiqueta social - constantemente mais cheia de perfumes e fantasias do que de realidades.

Vicente me contou que, certa vez, foi trabalhar com uns ciganos que conheceu. Era muito moço, garoto ainda, e agüentou muito tempo o emprego, pois a situação do país, só para variar, estava preta e a ordem oficial, como sempre, era apertar os cintos. Dizia ele que entre ser explorado por um cara tido como “bacana” ou pelos ciganos, melhor encarar a pirataria

cigana. Pois bem, precisamente assim, Vicente entrou no ramo de vender tachos de cobre, vasilhame e mil e um apetrechos. Foi com os ciganos que ele aprendeu como vender um cavalo ruim de montaria: coloca-se sob o baixeiro quatro sabugos ou pedras e, depois, vem-se com a sela, que deve ser apertada ao máximo possível. Então o pobre do animal, para não sentir ou apenas ter diminuídas as dores em seu dorso, começa a trotar como se pisasse em ovos. E não há quem escape da volúpia de querer comprar cavalo tão cobiçado. Ainda ontem, pensando nessa história, ao comprar um cavalo para sair a vistoriar a fazenda tive o cuidado de levar o Vicente, para que ele olhasse debaixo da sela...

Risadas sonoras ouviram-se. Era Charles do IBGE ainda pesquisando, ainda preocupado com o ser brasileiro. E todos notaram que ele não admitiria que se esboroasse todo aquele conhecimento. Ou seja, estaria ao lado de Mari'Stela na obra social de assistência a menores abandonados e idosos.

No outro dia, de tanto falar no Vicente, Charles foi procurá-lo. Conversou demoradamente com ele e o convenceu a ir trabalhar na Casa de Assistência ao Menor e ao Idoso, onde seria aproveitado como chofer, que era o de que mais gostava, possuindo até carteira de motorista. Mari'Stela gostou da idéia, pois afinal teria como motorista uma pessoa com experiência nas dificuldades por que passam os abandonados ou filhos de família sem recursos.

Mari'Stela passou no escritório do irmão Carlos, que preparava a papelada da Fundação Alfaiate Zé Alfinete e, ao mesmo tempo, os procedimentos legais necessários à ampliação da confecção, que passaria a englobar uma sapataria,

com o objetivo de atender à população carente com sapatos resistentes e a baixo custo. Saiu a acompanhar o irmão até o banco, depois ao cartório. E assim acabou sendo convidada para o almoço.

Verinha a recebeu com a maior alegria e já querendo saber qual seria a sua tarefa na casa de assistência. E Carlos tomou a palavra.

— Irmã, estou impressionado com os dados de que dispõe o seu marido. Charles tem o Brasil nas mãos e na cabeça. Ele me emprestou parte de seus levantamentos, sendo todos eles seguidos de comentários, que são verdadeiras pérolas. Hoje, lendo uma parte de suas anotações pude concluir que a queda do comunismo soviético abriu espaço para a implantação final do capitalismo selvagem, que, através do neoliberalismo, dividiu o mundo em duas categorias econômicas: os países que dão lucro e os que dão prejuízo. Surgem, assim, políticas e planos de governo em que há uma espécie de seletividade racional, capaz de articular um secreto desejo de trabalhar no sentido inconfessável de eliminar determinado número de pessoas a fim de possibilitar o bem-estar de outras, então colocadas no grupo de privilegiados.

— Pois é, Carlos, por aí bem podemos aquilatar quanto trabalho em termos de assistência e conscientização nos espera!

— Podemos, então Mari, dizer que, infelizmente, os objetivos finais da competição promovida pelo capitalismo vazio de democracia econômica se revestem de filosofia bastante parecida com a tresloucada supremacia de raça pregada por Hitler, pois, de certa maneira, a política praticada pelos governantes visa promover a seletividade, escolhendo e defendendo o interesse de

castas ou pessoas analisadas como mais capazes e merecedoras da dádiva de viver em plenitude e prazer, ao passo que outros indivíduos são tidos como cidadãos de segunda categoria.

— Já ouvi o Charles falar muito a respeito disso, Carlos.

— Eu também, Mari. Mas agora estou estarecido, ao ler as anotações do Charles. E não é preciso irmos longe para que sintamos delinear em horizontes obscuros a imagem da guilhotina invisível e sempre pronta (ou afiada) a executar as ordens do poder em constante afã de dar cabo à sua condenável sanha de sacrificar inocentes e indefesos, considerados um estorvo inteiramente descartável.

— É, Carlos. Todos nós abrigamos na lembrança os efeitos de planos econômicos que sucumbiram não pelo fato de ser ruins, mas pela ousadia de propiciar alguma capacidade de consumo à grande maioria, provocando o imediato desabastecimento de gêneros alimentícios. Destarte, isso nos prova que, se há aquele que pode comprar volumosa quantidade de produtos é porque existe muita gente que nada pode adquirir, vivendo à margem do mercado de consumo.

— Pois é, Mari, Charles prestou ao IBGE um inestimável serviço através da análise de dados coletados a respeito da sociedade brasileira, mas a realidade é que nós, o seu reduto de amigos, somos os principais beneficiários de sua inteligência e de seu conhecimento. Pelo que ele nos diz, o mundo, frigidamente, caminha para a legalização dos processos de exclusão da maioria em benefício de uma minoria gananciosa e insensível, repleta de racionalidade e escassa de emoção. Há, portanto, um inequívoco senso de ganho capitalista conduzindo os atos dos que deveriam orientar sua ação rumo à cooperação

e ao germinar do sentimento de harmonia entre os povos.

— É, gente, a coisa está mais do que feia! - Interveio Verinha. - Pelo que posso depreender, podemos inferir que há efetivamente quem dê graças a Deus pela morte dos outros.

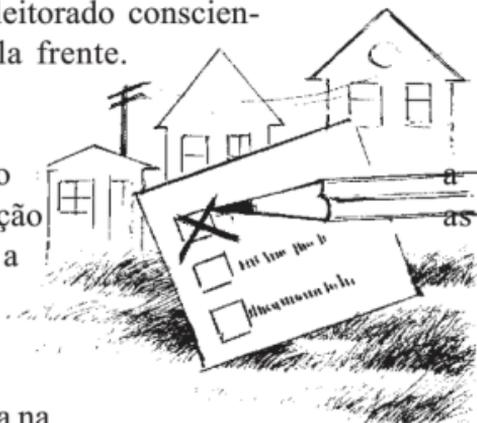
Assim, sob o manto de elevadas preocupações sociais a fundação presidida por Mari' Stela crescera, tornando-se modelo e referência nacional, recebendo visitas rotineiras de organismos estrangeiros, que passaram a ser os principais sustentáculos e suportes financeiros de uma missão tão árdua quanto incompreendida em um país cristão que visualiza a pobreza como uma predestinação divina e não fruto incontestado do egoísmo e da ganância dos homens.

A base da estrutura bem-sucedida da Casa Zé Alfinete, como ficou popularmente conhecida, tinha em Charles o mentor intelectual, que formava grupos de palestrantes e conscientizadores, lançando mão de sua boa oratória e dos dados de que dispunha sobre os problemas brasileiros. Mari' Stela cuidava da parte psicológica do projeto e da pedagogia de alfabetização de crianças, jovens e adultos; Marilda tinha a incumbência de administrar o atendimento a idosos e Carlos cuidava de pendengas advocatícias. A paróquia, por intermédio de padre Cirilo, abraçou o Deus vivo anunciado e vivenciado pelo trabalho comunitário que se multiplicava em assistência, conscientização, auxiliares e seguidores, chegando mesmo a manter setor de orientação a pequenos e médios empresários, o que desaguou em um grande crescimento econômico na cidade e, também, no campo, pois Zóio Verde vinha de quinze em quinze dias com um grupo de universitários e técnicos em agricultura que se prontificaram a dar aulas aos agricultores

e proprietários menores de terra. Padre Cirilo dizia a seus pa-
roquianos sobre o Deus que está em nós mesmos. Em nossa
consciência, na fraternidade e na força de nosso braço. Convo-
cação ao labor social se transformou em terço de oração. Deus
não era apenas proclamado, era exercitado tanto por religiosos
quanto por ateus, que o exercitavam inconscientemente, através
do estender de mãos e do amor ao próximo.

O sucesso foi tão grande que, em apenas três anos de
funcionamento, a missão conscientizadora conseguiu der-
rubar nas urnas a política de família que imperava na prefei-
tura local. A velha oligarquia de Indaiá da Pedra não
conseguiu manipular o eleitorado conscien-
tizado que encontrou pela frente.

Antônio, filho de Carlos,
também advogado, era
o novo prefeito, disposto
abrigar em sua administração
idéias que transformaram a
cidade em tão pouco tem-
po.



A princípio, as-
sim que passou uma olhada na
contabilidade municipal, ficou estarecido e chamou o
velho Carlos à prefeitura.

— Pai, o que faço? É roubalheira demais. Agora vejo
o porquê de, nos últimos anos, todos os prefeitos terem feito
tantos convênios de saúde e ampliações no hospital, sem no
entanto isso se reverter em melhoria significativa no atendi-
mento à população.

— É, Antônio, mais uma vez nos remetemos a Charles. Ele sempre diz que o que gastamos no Brasil com saúde é o dobro do que se gasta em Cuba, porém a nossa mortalidade infantil é de sessenta por mil e a dos cubanos é de nove por mil. A corrupção é a razão principal da diferença.

— Então o que faço?

— Penso eu que você deve dar uma de Vicente.

— Que Vicente, pai?

— Aquele de que Charles nos falou quando de sua mudança para a fazenda e que agora é motorista da ambulância e do caminhão da Casa Zé Alfinete.

— Como assim?

— O Vicente dá atenção é ao presente. E é assim que você deve proceder agora. Ou você perde tempo numa devassa, em que se desgastará e consumirá o seu tempo de governo, ou arregace as mangas e faça uma administração tão boa que impossibilite e afaste de vez essa oligarquia que roubou durante todos esses anos as escassas verbas da municipalidade, além de vender favores inconfessáveis.

— Isso mesmo, pai. É assim que agirei. Tenho de levar para a prefeitura esse clima de auto-estima instalado no cidadão indaiá-pedrense. Até as condições de higiene individual e pessoal foram melhoradas. A gente está vendo pelas ruas gente em trajes humildes, mas limpos. Os barracos de chão batido cheiram a frescor, graças ao trabalho diário da Casa Zé Alfinete. Hoje nosso cidadão não confunde pobreza com imundície e falta de higiene...

— Filho, essa é a saída. Instaurar uma comissão de inquérito para averiguar os erros do passado seria colocar em

risco o presente. A população de Indaiá da Pedra está falando hoje é do Cristo ressuscitado e não do Jesus morto. Há esperança e vida nas pessoas. Você não pode erguer sobre elas o peso da imobilidade administrativa. A guilhotina que decepará a cabeça dos corruptos será exatamente uma boa administração - honesta, transparente e profícua.

— Está falado, meu velho Carlos: meu governo matará, exterminará os indolentes do passado por intermédio do trabalho.

CAPÍTULO X

SEDA PRONTA

*Respeito seu jeito de amar
Esse gostar em velado ferver
Seu fechar de olhos para não derramar
(Nem lágrimas, nem gozo nem estrelas)
Você quase nunca está
Mas fica em mim
Meio assim, meio assado
Vida frita no malpassado
Grávido em enjôos e entôos sonoros
São mil os disfarces perfeitos
Eu aceito, imploro por fantasias
E me entrego, nada nego
Mágico farol dos meus dias
Em seu peito eu me esfrego
Lençol e travessieiros quarando em luz
Todo sentido me conduz à seda pronta
Tudo é realce nessa maquiagem
Viagem que às vezes quero evitar
Mas em outra face você me encontra
Abelha tonta em mel, espero pelo levitar!*



Carlos Lúcio Gontijo

Zóio Verde andava de um lado para o outro no aeroporto. Amanda, a inglesinha, chegaria naquele dia. Não se punha a pensar em sua fisionomia, pois aprendera que uma mulher para ser realmente linda tem que ser mais que simplesmente bonita. Enquanto esperava, observava os anúncios comerciais ao redor, denunciando que o Brasil estava irreversivelmente integrado ao plano de globalização econômica. Pensou em Indaiá da Pedra, onde seus pais comandavam um projeto simples, porém exemplar. Do tipo recomendado pelo escritor soviético Tolstoi: “Pinte a sua aldeia e será universal”, ou seja, construir e valorizar o que possuímos é fundamental à preservação de nossa identidade particular, para que a terra prometida pela globalização econômica nos torne um pouco americanos, japoneses, ingleses, franceses, italianos, alemães; mas, sobretudo, mais brasileiros. Riu de si mesmo, ao se imaginar um pequeno projeto de fecundação global. Afinal, era filho da união de uma mulata brasileira com um inglês e, ainda para completar, ex-padre.

Aterrissa o avião. Não lhe foi difícil descobrir entre os passageiros a nova amiga e companheira de casa. Inglês é inglês em todo o lugar, comprovou. Se auto-apresentaram e

se auto-observaram. Ela, um metro e setenta e oito de altura, Charles um metro e oitenta e cinco. Duas silhuetas esguias, um lindo contraste de pele. Amanda já arranhava um português misturado com espanhol, e Charles logo se propôs a ensinar-lhe português, o que lhe seria exponencial em seu trabalho junto às comunidades de base de Belo Horizonte, como integrante de uma Organização Não-Governamental. E assim, não demorou muito e já estavam adaptados a uma certa ordem de atividades: trabalho e estudo o dia inteiro e aulas de português à noite.

— Zóio Verde, Zóio Verde, vocês estão brincando com fogo! - disse Sebastiana, ao servir o café.

— Que isso, Tianinha. Namoradeira aqui nessa casa é você.

— Deixa de ser bobo, meu menino. Eu estou de olho, vocês estão se contendo. É muito respeito. Muita recomendação dos familiares de ambas as partes. Mas não tem jeito.

— Não tem jeito o quê?

— Ah, um dia, vocês vão se amar. Respeitosamente, é claro.

Zóio Verde deu uma gargalhada e saiu correndo para a faculdade.

Ele agora havia encostado o carro. Pegou a mania do pai, preferindo o contato com as pessoas. Temia elitizar-se e perder o senso de realidade, transformando-se num intelectualzinho metido a besta, gerando mais calor do que luz, incapaz de fornecer à sociedade a distribuição ou o benefício do conhecimento adquirido em curso superior, que considerava um desmedido privilégio, se tivermos em mente o grande número de brasileiros que jamais terão a mesma oportunidade - ainda

que queiram. Era por isso que já estava integrado à causa social, dando sua cota de colaboração ao trabalho de seus pais, em Indaiá da Pedra.

E os dias se passavam correndo. Escola, trabalho, idas e vindas da fazenda...

Veio, então, um feriado prolongado. Àquela altura, Amanda já chamava Charles pelo apelido: Zóio Verde. Estavam na Formiga de Asas, irradiando felicidade e não havia dúvida, os suores e libidos que exalavam de seus corpos, quando casualmente se tocavam, tilintavam como se os convidassem à materialização da festa do amor que viviam interiormente.

— Vamos cavalgar, Amanda?

— Ah, Zóio Verde, eu não sou boa nisso. Só tive umas aulinhas...

— Vamos lá, eu ensino!

Zóio Verde correu a preparar os cavalos. Primeiro partiram numa só montaria. Podia-se notar a pele alva de Amanda ardendo em brasa, num arrepiar de pêlos indisfarçável. Ouvia-se o tanger, antes inaudível, do suor cristalizado em agudez ardente cortando os poros que se tocavam, extasiando dois seres em desejo consentido. Corpos se estendendo em céu aberto para que um pintasse no outro as suas estrelas, suas luzes e deuses, que disputavam a primazia de decorar aquele espaço sideral de dois corpos amantes.

Não cavalgavam, deleitavam o momento. Nem perceberam a chuva de verão que estava prestes a cair.

— Amanda, vem chuva.

— E agora, Zóio Verde. Estamos longe da sede. Não vai dar para retornar.

Zóio Verde tentou localizar-se, pois se perdera em nuvens...

— Que sorte, estamos próximos do estábulo. E o local é limpo e bem cuidado, como o papai exige.

E para lá se mandaram, numa corrida feita aos risos e abraços, porque já não represavam o mar que guardavam e disfarçaram por tanto tempo.

Seus corpos ganharam mil olhos. Cada cortina, cada segredo se abriu em leque, apavonando-se, exibindo-se em libido que a tudo inundava. Quando perceberam já era quase noite...

— Amanda, vamos embora. Meus pais devem estar preocupados.

— E não é sem razão! Olha só a hora!

Montaram no mesmo cavalo, não mais como dois corpos, mas feito um só facho



de luz, um feixe de amor em que alguma chama divina acabara de atear o fogo da paixão, que só se contenta com o tato, com o penetrar, o sentir, o possuir do corpo em que habita o espírito em que se autodespertaram, num encantamento mútuo, num entorpecimento só alcançado por aqueles que bebem os licores derramados pelas ervas alucinógenas naturais do coração, que benzem e ungem todo ato sexual curtido no doloroso varal da felicidade vivida pelos que se encontram em contato imediato com a nave do verdadeiro amor. Zóio Verde e Amanda saíram para cavalgar, mas fizeram mais: cavalgaram-se.

— Nossa, filho, que preocupação! Repreendeu

Mari'Stela, assim que os avistou.

— O filho do patrão arrumou encrenca! Cochichou o caseiro Samarone, ao companheiro do lado.

— Que encrenca o quê. Desde quando uma loura alta, bonita e de olhos azuis é encrenca. Vai se danar, Samarone. Eta inveja.

— É, pode até ser pensamento de invejoso. Mas que é encrenca, é.

Charles nada disse, nada comentou. Pôs-se no lugar do filho, resmungando consigo mesmo: "Onde já se viu sol não se apaixonar por horizonte ou luz não gostar de iluminar paisagem bonita. Nós é que aproximamos a fagulha da palha. Não podemos nem pensar em protestar. E quem sou eu para aconselhar, se larguei a batina pelos encantos de uma mulher que até hoje me enfeitiça".

— É, meu Charles, o coração de nosso filho já tem dono.

— Que o amor deles navegue, filosofou Charles.

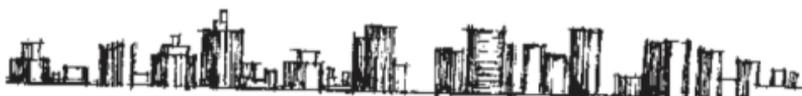
Voltaram para Belo Horizonte como se fossem um novo casal. Quando adentraram o portão de casa, Sebastiana sorriu satisfeita. E foi logo exaltando a sua adivinhação:

— Bem que eu lhe falei, Zóio Verde. Mas é melhor assim. Vocês são dois jovens normais. O pior seria se não acontecesse nada. Eu ia acabar receitando um médico para os dois e teria que ser um especialista em pingüins, vocês bateriam todos os recordes de frigidez...

— Vamos parar Sebastiana. Chega, chega... Gritaram em coro risonho, em um sonoro canto de contentamento.

CAPÍTULO XI

“SÓ-BEIJA”



*Meu amor de lábio que sobeja
Enche de beleza as medidas
Preenche os espaços da vida
A cada vitrina que no caminho veja
Faz ninhos de sonhos e sinas
Quer isso comprar ou aquilo deseje
Por mimo é menina no olhar
Mulher de entrepernas que acaricia
Balbucia eternas promessas
E o tempo fica sem pressa
Eu entro nessa de entrega
Topo todo o abraço-esfrega
Enforco e liberto-me em seus laços
O corpo aberto em carne-flor
Vódica com cereja à borda do copo
E a gente borda junto o amor
Que só-beija...*



Carlos Lúcio Gontijo

A vida de Zóio Verde seguia na mais perfeita normalidade e os fatos alvissareiros se davam em prodigiosa seqüência. Fora aprovado no concurso do IBGE e acabara de ser convocado para apresentar-se: formara-se em Ciências Políticas; e Amanda lhe dedicava um grande, um amor sobejo na dimensão e na quantidade de carinho, afagos e beijos. Em Indaiá da Pedra seus pais inventaram um protótipo de sociedade-paraíso, em que todos se ajudavam; a Fazenda Formiga de Asas era a mais produtiva da região e seu pai havia promovido o assentamento de cinquenta trabalhadores sem terra, tornando-se até assunto de reportagens nacionais e internacionais.

De repente, o telefone que há anos só trazia boas notícias, anuncia a borrasca.

— Charles, meu filho. Houve uma terrível e repentina enchente na região que inundou toda a várzea, que se acha submersa. Seu pai acabou acidentando-se ao tentar e conseguir salvar uma criança de dois anos. Está internado com traumatismo craniano. Os médicos apostam que ele não morrerá, mas temem que ele fique com graves seqüelas.

— Sebastiana, Tiana, o papai foi acidentado.

— Que foi, meu menino?

— Uma enchente, um temporal. A fazenda está submersa.

— Cadê Amanda?

— Ela deu um pulinho ali no supermercado.

— Então vá adiantando. Jogue as coisas dela na mala. E zuniram estrada afora...

Assim que colocaram os pés em Indaiá da Pedra, correram até a casa de Carlos. Encontraram apenas Verinha, que lhes passou os detalhes e os acompanhou ao hospital.

— Mãe, como está o pai?

— Ainda está na UTI, porém não corre mais risco de vida.

— Então, vou imediatamente para a Formiga de Asas, pois aqui nada posso fazer. A Amanda ficará com a senhora, fazendo companhia.

— Você nem imagina o caos que encontrará pela frente.

Ao se aproximar da fazenda Zóio Verde se comoveu, não propriamente com os danos, mas ficou arrebatado pela demonstração de solidariedade que estampava diante de seus olhos. A semente plantada por seu pai prosperara e estava viva no meio das águas. Podiam vislumbrar centenas de pessoas, a cidade se deslocara para a fazenda: ricos, pobres, jovens, velhos, brancos e negros. Zóio Verde chorou copiosamente...

Demorou uma semana para a água escoar, secar de vez. Nesse ínterim, Charles já deixava o hospital. Nada de seqüelas em relação aos movimentos. Charles não falava coisa com coisa. Queria tanto voltar para a fazenda, que o jeito foi levá-lo, porque os médicos acharam que contrariá-lo seria muito

pior.

— Como é, Samarone? Vamos ter muito trabalho para arribar nossa Formiga de Asas. Dessa vez, teremos que ser teimosos, fazer jus ao nome que demos a essa gleba de terra.

— É, patrão, enquanto houver força no meu braço, pode contar comigo.

Zóio Verde ligou para um amigo técnico em agricultura, a fim de que fosse dado um parecer sobre os estragos. Assim que o amigo Lauro chegara, ele mandou chamar o Samarone, que conhecia a fazenda como a palma da mão. Lauro revirou tudo.

— Se fosse só a enchente, tudo bem. Mas o pior é que a várzea recebeu uma quantidade incalculável de areia e pedregulhos, acompanhada de formigas de toda a espécie.

— E daí, doutor; daí, doutor? Indagava Samarone, desesperado.

— Bem, vai ser necessário muita paciência para corrigir o solo. Para colocá-lo de novo no ponto, serão gastos pelo menos uns seis anos.

— Nossa, Lauro, é muito tempo.

— Mas não tem jeito, amigo Zóio Verde.

— Agora, só tendo paciência. Não se retira esse monte de areia do dia para a noite. E as formigas têm que ser atacadas com técnica, porque senão, usando excesso de veneno, acaba-se arruinando o solo. Aconselho-o a comprar algum terreno vizinho, a fim de transferir as atividades daqui para outro local. Acho que isso sairá mais barato do que atacar a recuperação a ferro e fogo.

— Oh, Zóio Verde, o Fernandão, nosso vizinho de fundo,

já nos propôs vender o seu terreno.

— É coisa boa, Samarone?

— E eu sou lá de indicar para nós terreno ruim?

— Então, está resolvido.

Dessa forma, Zóio Verde foi até a mãe que aceitou as explicações do filho, que pensava em manter o nível de atividade da fazenda e, com isso, não ter que passar pela dor de dispensar empregados tão devotados e amigos.

No outro dia, Mari' Stela diz ao filho:

— Charles de Jesus, resolvemos a questão pela metade, pois, dentro de sua mente fragilizada, o seu pai quer a fazenda inteira. Não compreende a desativação da parte afetada, repetindo sem parar: é meu trabalho, é meu trabalho.

— A solução, a única, mãe, é convivermos com a insanidade dele. O Samarone é de confiança e eu estarei aqui todos os finais de semana.

— Pai Charles, pai Charles - era Zóio Verde chegando junto com Amanda, que andava meio cabisbaixa, pois sua mãe não passava bem e ela teria que viajar de volta à Inglaterra.

Na varanda, de frente para a paisagem e aquela movimentação de gente trabalhando, Zóio Verde passava as novidades da cidade grande ao pai, que, mesmo com a mente meio conturbada, não perdera a intimidade com os dados estatísticos.

— Pai, como o senhor sabe, eu agora ando de ônibus pra baixo e pra cima. Até tomei gosto pela coisa.

— Ah, então, você tem história pra contar. Eu sei que tem, vamos lá, filho!

— Outro dia entrei num daqueles vermelhões, que são o reflexo exato do descaso dos concessionários para com o con-

forto dos passageiros. O danado do ônibus, a que os trocadores apelidaram de salão de rodas, praticamente é desprovido de assentos.

— Uai, filho, a coisa piorou. Como é isso?

— O negócio é o seguinte, só tem uma fileira ímpar de um lado e outro. Ou seja, as cadeiras não são dispostas aos pares, a fim de abrir espaço para caber mais gente em pé...

— Eta mundo cão, filho!

— Pois é. Era gente em pé que não acabava mais. Todavia, o motorista sempre parava para entrar mais um. E foi assim que entrou no “salão” uma mocinha de uns dezesseis ou dezessete anos no máximo. Toda embonecada, cheirosa, cabelo ainda pingando água. Um verdadeiro milagre, um fresco na paisagem da via pela qual trafegava aquele latão vermelho sob um calor intenso. Entre mim e a morena...

— Só podia ser da cor! - cortou o pai.

— Como ia dizendo-lhe, entre mim e a morena havia um passageiro. Por intuição, percebi que aquele vestido tão curto, apertado e decotado, tendo a segurar aquilo tudo apenas uma estreita e delicada tirinha no ombro, não resistiria a tantas freadas, arrancadas e curvas bruscas. Dito e feito: os seios rijos e bem-feitos da jovem saltaram para fora...

— E você, o que fez?

— Observei que ela não tinha como “guardá-los” sem alguma ajuda e, para sua infelicidade, achava-se cercada de homens por todos os lados. Condoí-me com a sua situação, pedi licença à pessoa que estava entre mim e ela.

— Nossa, que cena!

— Disse-lhe: licencinha, desculpe-me, vou pegar a

alça de seu vestido. E ela muda. Dei uma ajeitada: olha, vou dar um nó. Então, dessa vez, ela resolve responder-me, completamente enrubescida: “pode dar”. Colocado tudo em seus devidos lugares, recebi uma sonora vaia da rapaziada que lambia os beiços, enquanto a moça me agradecia baixinho e timidamente. Senti-me um verdadeiro “peripatus” em matéria de comportamento: estava só, feito um animal em extinção e ainda vivendo um tempo de delicadezas possíveis.

— Não se avexe não, filho. Você fez o certo. Eu agiria assim. Você não está só, ao menos somos dois peripatus.

Os dias se passavam assim. Eram tempos difíceis para Zóio Verde, o dia lhe parecia curto para tantos afazeres e responsabilidades. Amanda, silenciosa, não lhe levava nem o incomodava com os seus problemas. Se perguntada, respondia com beijos e abraços de lhe tirarem o fôlego.

— Filho, você não tem notado que Amanda está triste-nha? Não é mais aquela pessoa falante.

— Eu já observei isso, mãe. Porém se lhe pergunto sobre sua mãe, ela só beija, beija, beija.

Samarone entra na varanda, e diz um com licença meio desconfiado e matreiro.

— Dona Mari’Stela, o senhor Charles anda conversando com os formigueiros. Passa o dia inteiro anotando números num caderninho com marca do IBGE.

— O que é mesmo, Samarone?

— Pois é. Ontem ele me chamou e disse que perdeu todo o seu tempo de vida fazendo pesquisas que serviram aos ricos, que assim tomaram ciência de quantos pobres iriam matar ou a quantas andava o seu progresso na socialização da miséria.

E gritava que, infelizmente, só começara a trabalhar por uma reforma humana tarde demais.

— O que mais, Samarone?

— Pelo que entendi, ele está contabilizando as formigas.

— Como?

— É, Zóio Verde, ele diz que, como não conseguia, feito o povo, exterminar os males que exauriam a fertilidade de seu solo, ele, pelo menos, almejava saber quantas eram as formigas causadoras de seu infortúnio.

— E só hoje você vem nos falar disso?

— Uai, eu pensei que vocês soubessem. Todavia, hoje me preocupei, porque ele fechou o caderninho, brandindo-o ao vento, deu chutes num formigueiro e se dirigiu a mim:

“— Mestre Samarone, posso morrer em paz, afinal contei formigueiros grandes e pequenos, fiz uma média e tenho o número aproximado de formigas que devastam o nosso terreno”. E, depois, dirigiu-se meio zambo em direção da casa...

Zóio Verde

Mari’Stela saíram aos gritos e em um só sopetão:

— Charles, Charles, Charles!

Ao chegarem no quarto, Charles já estava morto, com o caderninho de anotações ao lado, em que se lia na abertura: “Passei a vida pesquisando formigas pesquisando formigas morri. Não há segredo metafórico nessa afirmação, pois gente, aos olhos dos que manipulam o poder, não passa de formiga”.

Charles de Jesus, que arriscara ler em voz alta a última



mensagem do pai, passara dos soluços ao pranto incontido, chorado nos braços da mãe, de Samarone e de Amanda, num sentido e prolongado juntar de lágrimas.

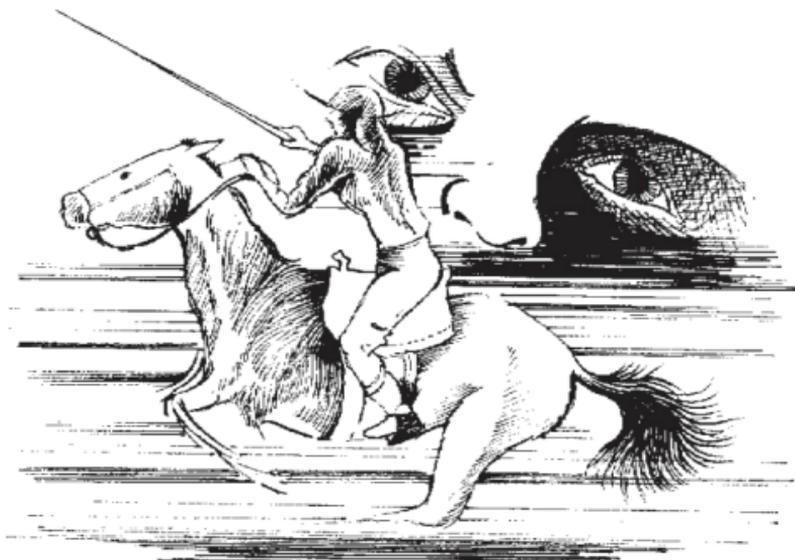
No outro dia o sepultamento de Charles congestionou o trânsito na cidade, que nunca vira tanta autoridade junta, nem tanta gente simples, que devia todo um processo de mudança e reviravolta em suas vidas à palavra e à ação daquele que devotou o seu trabalho à construção de uma sociedade menos desigual. Abraçado à mãe, à Amanda e familiares, Zóio Verde soluçou:

— Vejam quanta gente, que homenagem inaudita. Meu pai conscientizou as formigas...

Mais tarde, voltando ao caderninho de pesquisas do pai, vê a seguinte data no final do relato ensandecido: “29 de maio, Dia do Estatístico e do Geógrafo”. Coincidentemente, ou não, o dia em que morrerá o seu pai, que ainda grafara abaixo da data: “Quando retiramos o papel azul que envolve as maçãs, nós as comemos; quando rasgarmos por inteiro o invólucro azul da atmosfera que protege a Terra, seremos digeridos pelas forças do Universo. Mais fácil a análise de solo terminar em correção da lavoura, que a pesquisa social endireitar os homens alicerçados na desigualdade de muitos para a felicidade de poucos”.

CAPÍTULO XII

EVAPORAÇÃO



*Arreio o cavalo baio da saudade
E saio por aí feito raio
Carregando balaio de lembranças
Tropeço em desejos
Em beijos caio
Apesar da procura de outros afagos
Tateio e trago a fumaça de sua presença
Que evapora do corpo em que vagueio...*

Carlos Lúcio Gontijo

— **A**s vezes, é tão difícil acreditar na eternidade. O amigo fica doente, tomba ao nosso lado, o sangue talha e deixa de correr. A gente, então, para não desanimar, fala em Deus, põe fé nas luzes e num reviver, um ressuscitar intangível...

— Mas ainda bem que é assim, mãe, e nós agora podemos transformar nosso pai, marido e amigo em estrela, tomar cerveja e continuar festejando a vida por nós e por ele, como se nosso Charles estivesse presente na ausência. Vez por outra, mãe, vou tomar o “marvado” daquele conhaque de que ele tanto gostava.

— Filho, você tem sido tão forte. Seu pai morre, a mulher amada toma chá de sumiço e não manda notícias, apesar de nossa insistência.

— O que fazer, mãe, o jeito é levar a vida. Ando meio desligado, andando em nuvens. É como se tudo estivesse evaporando sob meus pés.

— Isso passa, isso passa. Os tempos felizes retornarão - esperançou-lhes Marilda, que agora morava na fazenda, junto com Mari’Stela.

Zóio Verde substituíra o pai por completo. Dividia seu tempo entre a capital mineira e Indaiá da Pedra, onde se tornara

o conferencista disputado, o conscientizador admirado pelos pequeninos e tão respeitado quanto temido pelas oligarquias da região, onde o trabalhador ganhara níveis bastante elevados de conhecimento sobre seus direitos e principalmente deveres, insistentemente decantados por Zóio Verde como a única fonte da qual se emanam todas as conquistas. Segundo ele, não havia direito legítimo sem a comprovação do dever cumprido.

Em meio a tamanha desordem e contratempos, Sebastiana o premia com um fato novo e inesperado.

— Oh, meu menino, sei que você anda cheio de agruras e eu temo estar trazendo-lhe mais um problema.

— Vai dizendo logo, Tiana. Já perdi o medo de assombração. Nos últimos meses já vi todas a que tinha direito.

— O drama é que, com 46 anos, eu estou grávida. E tem mais. Não quero casar não. O pai, a quem muito amo, é casado. Eu sempre soube e aceitei o relacionamento como podia ser. Não tenho a intenção de prejudicá-lo. Ele vive bem com a mulher e filhos. Foi ironia do destino, uma dessas peças que a vida nos prega, como se fôssemos passarinhos presos em seu visgo.

Zóio Verde vibrou com a surpresa. Rapidamente ligou para a mãe. Todos compreenderam a dedicada Sebastiana, que era um membro da família desde os 14 anos. Foi uma gravidez repleta de cuidados e mimos, sob a desculpa de que a parturiente era de meia-idade.

Enquanto isso, funcionalmente tudo ia bem. A Casa Zé Alfinete; a fazenda Formiga de Asas, toda recuperada; Mari'Stela, ainda uma bela mulher eternizada em sua cor morena, era personagem requisitada em toda festa e solenidade,

mantendo-se casada com Charles por meio de sua grande obra social. Zóio Verde era o único com problemas pessoais de grande monta. Não era viúvo nem era solteiro, sequer se casara com a mulher que amava e da qual não havia meio de se obter notícias. Usou de todos os meios, lançou mão do prestígio da família, e nada. Para agravar o caso, a irmã do pai, Eliza, que de tudo fazia para arrancar informações, morrera.

Mari'Stela, preocupada, recorreu aos conselhos do irmão Carlos, que a ouviu atentamente.

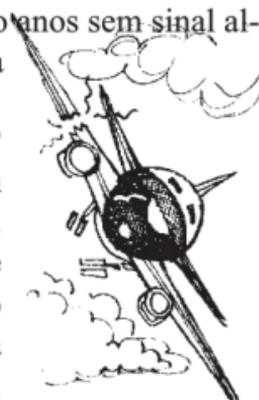
— Bem, se é assim ... Passados oito anos sem sinal algum, a solução é a gente cortar o mal pela raiz.

— De que jeito Carlos, de que jeito?

— Vamos inventar que ela morreu num acidente de avião, falsificar uma carta. Afirmar que o corpo não foi encontrado, e pronto. Ele sofrerá, mas enfrentará um fato real, que logo cicatrizará, pois ele é ainda muito jovem. O que ele não pode é ficar a vida inteira com esse talvez monstruoso e enlouquecedor na cabeça.

Dessa maneira, Carlos e Mari'Stela combinaram a armação, sob a promessa de que jamais revelariam a trama tão solidária quanto diabólica. Carlos teve o cuidado de recorrer a amigos que mantinham contatos comerciais e de amizade com ingleses. E assim foi feito.

Zóio Verde recebera a notícia ao lado da mãe, que estava em Belo Horizonte à espera do parto de Sebastiana, que já os havia convidado para o apadrinhamento. Ele chorou feito um



desesperado, mas podia-se extrair um certo alívio, porque, durante todos aqueles anos, a possibilidade de que Amanda houvesse morrido era uma variável com que Zóio Verde trabalhava, mentalmente, todos os dias.

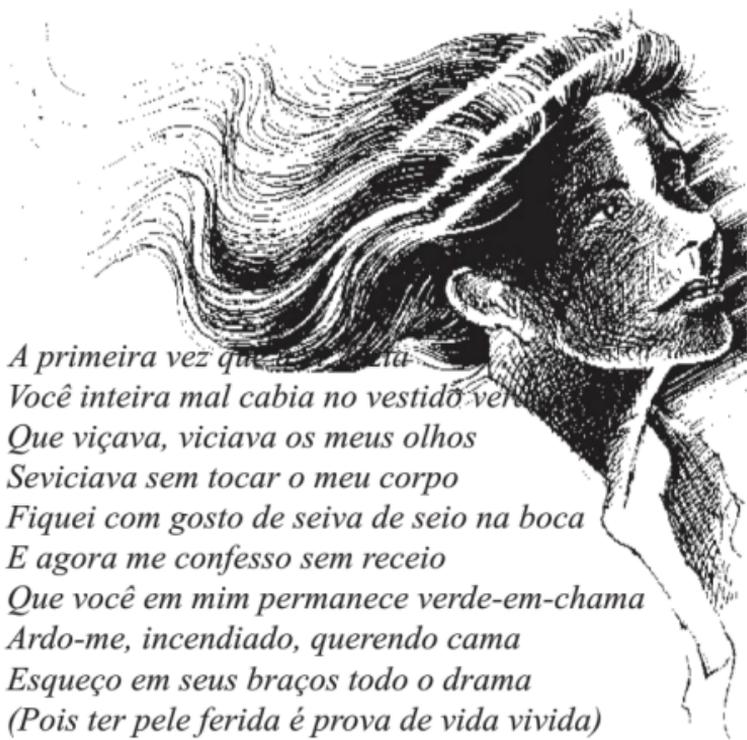
Daí, então, veio o batizado da filha de Sebastiana, que lhe deu o nome de Amanda, transformando-a no xodó de Zóio Verde, que a tratava com carinho e afeto de pai. O correto é que a garota lhe encheu a vida. Vez por outra, ouvia-se ele dizer em voz alta: —Deus tira e ao mesmo tempo envia o lenitivo, enquanto nos reserva um novo refflorir.

A essa altura, Zóio Verde já era diretor regional do IBGE no Estado de Minas Gerais e nem por isso deixara de andar de ônibus. Repetia freqüentemente: “Preciso ver gente. Tenho que aquecer os números frios que me jogam sobre a mesa. Relatório meu não é, nem deve ser, a soma simplista de dados matemáticos. Pretendo sempre ser o grito do imponderável, o porta-voz da formiga que queira criar asas”.

Entregue, inserido no contexto social, Zóio Verde pôde enfrentar de peito aberto, como os coqueirais, os vendavais da vida. Não se perdera nas enchentes nem no vazio dos desertos, estio algum passaria despercebido por seu olhar, seu espírito voaria de bom grado e aceitaria qualquer nesga de céu que se lhe abrisse após as tempestades, com que a vida experimenta, indistintamente, a força de vontade e a energia espiritual de todos os seres humanos.

CAPÍTULO XIII

ENCONTRO-CHAMA



*A primeira vez que te conheci
Você inteira mal cabia no vestido verde
Que viçava, viciava os meus olhos
Seviciava sem tocar o meu corpo
Fiquei com gosto de seiva de seio na boca
E agora me confesso sem receio
Que você em mim permanece verde-em-chama
Ardo-me, incendiado, querendo cama
Esqueço em seus braços todo o drama
(Pois ter pele ferida é prova de vida vivida)
Em meio à queimadura por mim consentida
Peço socorro, balbuciado, para ser salvo
Desculpa-desejo para ser alvo de sua ternura
Em jato-candura da água-saliva de um beijo*

Carlos Lúcio Gontijo

Zóio Verde passou a ter na afilhada Amanda a sua válvula de escape. Ela era a sua alegria. Tanto que procurava sempre chegar em casa o mais cedo possível, antes que ela dormisse, para paparicá-la.

Pensava em seu amor de mesmo nome. Vez por outra se comparava ao cachorro Agulha, pertencente ao Zé Alfinete, que, quando o dono morrera, não queria sair de cima do túmulo até que sua mãe, Mari'Stela, lhe estendeu a mão. E dizia, repetitivamente, a si mesmo: "Agora estou aberto a novo amor, alguém captará o ressonar térmico de minha pele, revestindo-me do pólio do desejo outra vez". Era início de primavera, um feriado. Charles resolveu tomar um ônibus qualquer, como se o seu coração fosse indicar-lhe algum endereço.

Argumentava consigo que não há dor que não tenha compensação futura. Crescemos com a poda, feito as árvores ou a lã das ovelhas, e tudo o que está no mundo é para nos ensinar que nunca devemos chorar os caminhos que nos separam, pois eles costumam nos preparar para o encontro definitivo com a felicidade.

Na verdade Charles estava cansado daquela lareira fria em seu olhar, fruto de ter assistido à vida passar como uma

sombra evanescente em seu olhar. A história de sua família e a sua consciência de vida lhe garantiam que só amam, escrevem, compõem canções e constroem os que acreditam na esquina, no milagre da surpresa, os que não deixam de caminhar por não saber a direção. A vida é, sobretudo, uma luta constante; são muitas as armadilhas. No entanto, nada disso nos impede o canto. Assim nos ensinam os pássaros, que, se embelezam com a sua sonoridade natural o ambiente doméstico de quem os engaiola, não deixam, ao mesmo tempo, de estar, a todo o instante, lembrando ao seu algoz que a liberdade não pode ser encarcerada: ela sempre persiste. Se não é pelo vôo, acontece até pela música ou o gemido renitente e sofrido daquele que é alvo de torturas, que tanto enlouquece quanto aniquila os regimes ditatoriais.

Praticamente, Zóio Verde estava no fim de sua autoterapia, acreditando que todos precisam cantar, não perder o dom da vida, pois toda luta, todo amor, todo gostar nos abre feridas, que apenas cicatrizam ou podem ser cauterizadas sob o fogo brando de alguma paixão verdadeira. Nós, simples mortais, não podemos deixar passar em branco qualquer flerte-luz de olhar parado em admiração sobre nós feito água de lagoa. Carimbemo-lo com um beijo global, repleto de espontâneo e sensual liberalismo espiritual - talvez, o nosso melhor momento.

Dessa forma, Zóio Verde tomou o ônibus. Cheio, apesar de ser feriado, pois os concessionários diminuem os horários e número de coletivos em circulação. É preciso manter o desconforto, o desrespeito. No meio do caminho sem destino, o passageiro que estava a seu lado se levanta e assenta uma

morena daquelas de chamar a atenção. Boa estatura, esguia, seios rijos (fura-bolo, como costumava comparar um amigo), bem-vestida. Tão cheirosa que ele quase falou em voz alta: eis aí a primavera de pernas, anda, fala, perfuma, encanta.

Trocaram olhares. Parecia que se conheciam. Lá pelas tantas, passados muitos quarteirões, Zóio Verde, em faísca de recordação, lembra de quem se tratava. Recompõe-se, ajeita-se e arrisca:

— Desculpe-me, mas eu não a conheço?

— Acho que sim. Eu o vi um dia num ônibus que vinha de Contagem.

— Isso mesmo. Foi o dia em que seu vestido soltou a alça.

— É. E você me ajudou. Eu fiquei toda desconcertada com a situação. À época eu tinha uns dezesseis ou dezessete anos, pois isso já se passou há uns dez anos.

— Isso mesmo. Uns dez anos.

— Mas o que tem feito, qual o seu nome?

— Meu nome é Charles, mas os amigos e toda a família me chamam de Zóio Verde. E o seu nome?

— Meu nome é Luzia.

— Belo nome. Eu trabalho no IBGE e ajudo minha mãe administrar uma fazenda deixada por meu pai no interior de Minas. E você?

— Bem, eu dou aulas de geografia em colégio estadual. E, no mais, vou levando a vida.

— Aonde vai agora?

— Nada de especial. Estou indo ouvir um pouco de música, tomar um chope gelado e bater papo com uns amigos. Você não quer ir?

— Não vou atrapalhar nada não? Não vai ser incômodo para você?

— Que nada. Será bom, a turma gosta de fazer amizade.

Não demorou muito e chegaram no barzinho. Tipo danceteria, churrascaria etc. Zóio Verde encontrou o de que mais gostava: gente esclarecida com quem conversar. Nada de conversa vã e supérflua. Luzia se comportava como líder da turma, esbanjando consciência social e política. De repente, Luzia entrou no assunto de menores grávidas, de forma altiva e sem rodeios, mesmo tendo à mesa um recém- conhecido com o qual trocava lânguidos olhares.

— Gente, muitos falam sobre as menores grávidas como se falassem de um dejetto, carente de saneamento básico e não de assistência. Eu vim do Ceará. Aos nove anos, por ter um desenvolvimento físico avantajado, caí nas mãos de uma gangue de prostituição de menores. Acabei grávida aos dez anos. Tenho 27 anos e uma filha de 16, que trouxe comigo, numa verdadeira odisséia de dificuldades, para Belo Horizonte, em busca de uma irmã por parte de mãe, que muito me ajudou. Se esperasse por apoio de entidades assistenciais eu estaria n'água, como diz o povoão.

— É, Luzia, eu acabo de conhecê-la e você me coloca em discussão um dos pontos em que o IBGE só faz coletar agravamentos. Todo o quadro do problema aponta para o mais completo abandono dos menores de rua: são filhos gerados por pais abandonados, não são protegidos nem pela sociedade nem pelo Estado, sempre perdidos na tragédia da falta de planejamento consistente, que tanto facilita a pulverização de recursos quanto a criminosa malversação de verbas escassas.

— É, Charles. É assim que surgem as meninas grávidas. Crianças abandonadas, sem oportunidade de educação, assistência à saúde e possibilidade de profissionalização, passam a ser vistas como seres selvagens. Uma espécie de sub-raça, animais a que se pode caçar através de esquadrões da morte, patrocinados por representantes das elites que se julgam prejudicados ou que já foram atingidos de alguma forma pelas crianças abandonadas.

— Sabe, Luzia, o que nos dói é ter consciência de que, por exemplo, passados 15 anos de seu problema, os casos de exploração sexual de crianças estão aí, povoando o noticiário dos jornais. A grande realidade é que o tempo passa e nada se faz para que a afronta à vida seja contida através da diminuição da pobreza material, que tanto prejuízo leva à formação intelectual humana. Cerca de 18% das crianças e adolescentes brasileiros vivem em famílias com renda inferior a um quarto do salário mínimo, enquanto um milhão e meio de meninas vivem da prostituição.

Ciro, um economista, intervém:

— Então, não há ninguém verdadeira e desinteressadamente lutando por eles e parece que ninguém os salvará da falta de sensibilidade de nossas elites, da falta de decisão política do Estado, da falta de família, de carinho, de esperança.

Dessa forma, de papo em papo, de conversa em conversa, as horas se passaram. Cada um do grupo buscou seu canto e, quando deram por si, Zóio Verde e Luzia descobriram que estavam a sós. Daí, então, passaram a falar mais sobre a vida de um e outro. Trocaram endereços e combinaram de se ver no final de semana. Como a casa de Luzia ficava em seu caminho,

Zóio Verde fez questão de deixá-la em casa no mesmo táxi que o levava.

No outro dia, Sebastiana logo percebeu a mudança. Zóio Verde cantava enquanto tomava banho. Ria à mesa de café como se tivesse visto um bando de passarinhos verdes. Cabreira, a empregada lhe indaga:

— Que alegria é essa? Pelo que deduzo, esse riso seu está vestido de saias.

— É isso mesmo, Tiana, estou saindo pra vida.

— Já era tempo, meu menino.

— Pois é, Tiana, ontem, dentro daquele meu bendito vício de andar de ônibus, conforme meu pai sempre fizera, eu encontrei Luzia. Uma morena bonita, que faz até lembrar minha mãe, e como luzia! Que luz!

— Oh, sonhador, o relógio está andando. Vai chegar atrasado no IBGE!

— Hoje nada importa. Ganhei todo o tempo do mundo.

E, realmente, este era o pensamento de Zóio Verde. Antes de ir para o seu trabalho, passou em uma floricultura. Escolheu um buquê tão grande que até a atendente lhe chamou a atenção.

— Vai assustar a moça.

— Assustar não, menina. Eu vou é emocionar. Dê-me cá o cartão, deixe-me catucar minha veia romântica, há tanto tempo enferrujada.

E escreveu:

“Quando apagaram a luz de minha vida, encontro você e descobri que o sentimento ainda LUZIA em mim”.

Assim que recebeu o buquê, Luzia lhe telefonou. Era

desejo demais, e o encontro do fim de semana fora antecipado para aquele mesmo dia. Zóio Verde liga para Sebastiana:

— Não me espere para jantar.

Sebastiana fica feliz. Não cabendo em si, liga para Indaiá da Pedra e conta para Mari’Stela a novidade.

— Prepare-se patroa. A família enfrentará as delícias e turbulências de uma nova paixão. A casa ficará pequena outra vez.

— Que raio de metáfora é essa, Sebastiana?

— Ah, Mari’Stela, o Zóio Verde, finalmente, encontrou uma garota pela qual se interessa.

— Minha Virgem Maria. Que boa notícia, que maravilha, meu Deus!

Enquanto isso, Zóio Verde mal conseguia esperar pela hora do encontro. Jantaram, dançaram, revelaram-se. E o coração foi guardando fitas, fotografando na retina tatos, beijos, afagos. Amaram-se naquela noite com a volúpia de marujos que chegam do mar, de prisioneiros que se libertam de seus grilhões, sugaram-se como a terra do deserto recebe a água da chuva esperada, seus corpos se tocaram feito sagradas catedrais, e tangeram como se fossem sinos; semearam em seus canteiros interiores, fertilizados com sangue e carne, a semente cálida do amor, cujo fruto desabrocha no corpo em forma de desejos e libidos, que mancham os lençóis e alvejam a alma.

Na semana seguinte Zóio Verde viajou para Indaiá da Pedra. Tinha de falar com a mãe sobre seu amor por Luzia e prepará-la para recebê-la. Queria que não houvesse surpresa e que Luzia tivesse a melhor das impressões. A vontade de estar com a mãe era tanta que ele fora direto à Casa Zé Alfinete,

onde sabia estar sua mãe, em seu trabalho de todo o sábado pela manhã. Foi logo entrando e pegando a mãe num sem mais nem menos que ela quase caiu da cadeira.

— Levanta mãe, receba seu filho redivivo. Eu renasci, mãe...

Mesmo já tendo sido avisada pela empregada Sebastiana, Mari'Stela chorou abraçada ao filho.

Conversaram durante muito tempo. E, como todo apaixonado, Zóio Verde debulhou toda uma seqüência de ladainhas sobre os predicados de Luzia. Todos verdadeiros, mas, em compensação, todos ampliados pelas lentes de seu coração.

— Bem, mãe, é isso aí. Agora vou ver como estão as coisas na fazenda...

Mal Zóio Verde saiu pela porta Mari'Stela telefonou para Carlos, que estava em seu escritório, pois todos os sábados ele se dedicava a cuidar de causas advocatícias de pessoas pobres e pouco esclarecidas.

— Alô, me chame o Carlos.

— Carlos do céu, o nosso plano deu certo. Zóio Verde até já encontrou um novo amor. Aquele “talvez” sobre o destino que Amanda levava o estava matando.

Do outro lado, o irmão comemorava chegando até a dar gargalhadas de contentamento.

Na Formiga de Asas, Zóio Verde chegou brincando com todo mundo, dando o maior abração no velho negro Samarone, o caseiro e amigo. Com a mão no ombro de Samarone saiu pelo pasto afora, perguntando sobre



tudo e a tudo festejando. Dirigiram-se a uma parte do terreno onde uma turma preparava o terreno para o plantio de hortaliças. Samarone ofereceu e Zóio Verde, para seu espanto, aceitou um gole de pinga da roça acompanhada de um pedaço de torresmo como tira-gosto.

— Que pinga boa, velho Samara!

— É especial mesmo, Zóio Verde.

— Vamos nos assentar à sombra de uma árvore, enquanto papeamos e vemos a rapaziada no batente.

Bem defronte da árvore sob a qual se acomodaram, puseram-se a observar a beleza da paisagem, enquanto “pescavam” a conversa dos capinadores.

— Izaltino, você ficou sabendo que o Abelardo perdeu a mulher?

— Tomei conhecimento sim, Nestor. Acho que tem uns vinte dias.

— Pois é, e o danado do homem nem esperou a defunta esfriar e já está com outra em casa. Você não acha isso um absurdo?

— Absurdo por quê, Abelardo? Luto tem que terminar mais cedo ou mais tarde. Já vi gente que está de luto há vinte anos e que foi um verdadeiro cão para a companheira. Até parece que é autopenitência, remorso pela ruindade praticada. Na maioria das vezes, a prova de amor ocorre em tomada de posição completamente ao avesso do comportamento exigido pela sociedade.

— Como assim, Izaltino?

— Quando se perde uma companheira que nos ensinou o valor e a importância de uma boa companhia, a gente não con-

segue mais viver sozinho. E a melhor forma de homenageá-la é colocando um outro amor verdadeiro em seu lugar, como forma de mantê-la materializada na vida e no coração. É estranho, mas os que mais choram seus mortos são exatamente aqueles que, em vida, lhes faltaram com afeição ou nada fizeram por eles.

Zóio Verde ouviu a explanação de Izaltino silenciosamente. Aceitando a clarividência daquela filosofia cabocla como uma realidade e até mesmo como um consolo, uma luz no fim do túnel dos que perdem o ser amado. Levantou-se e disse:

— Eta Izaltino sabido, sô!

— Sabido nada, patrão. Eu apenas não contrario os ensinamentos que a vida me dá. A natureza não briga com a natureza. Quem tem o hábito de contrariar a natureza é o homem.

— Está vendo, Zóio Verde. Isso tudo é fruto das palestras, dos seminários, da alfabetização e conscientização, iniciados com seu pai e continuados pela Casa do Zé Alfinete, dirigida por sua mãe.

— Graças a Deus fizemos esse trabalho. Cumprimos com nossa missão e temos empregados que sabem o que querem e o que dizer.

E saíram rumo à sede, onde iriam almoçar na grande roda - uma grande casa de sapé, em que todos comiam juntos, misturando-se patrões, empregados, visitantes e quem mais chegasse. Coisa do velho Charles, que de tudo fazia para quebrar a diferença e a distância entre as pessoas. Achava que, assim procedendo, criaria ambiente propício para a troca de informações e conhecimentos.

A felicidade faz os dias correrem. Não demorou mui-

to e Charles já estava casado com Luzia. Nascera logo em seguida sua primeira filha, que fora batizada com o nome de Mari'Luzia. Tudo seguia na maior normalidade, até que um dia a filha que Luzia tivera aos 11 anos e que viera morar junto com a família, aproveitando-se da ausência da mãe, atirou-se nos braços de Zóio Verde, dizendo-se estar apaixonada e não conseguir mais se conter. Zóio Verde foi pego em tamanho inesperado que se permitiu alguns afagos até que a consciência lhe falasse mais alto. Afastou Gisele mansamente, não queria magoá-la. Resolveu logo tomar as medidas que julgou necessárias. E, sem afobação, mas com muita calma, entendendo inclusive os sentimentos da jovem, os quais poderiam muito bem não passar de uma simples admiração, uma passageira confusão em sua mente. Assim, pegou as mãos de Gisele e disse:

— Olha, depois disso não dá para você continuar conosco. Porém, não vou deixá-la ao deus-dará e, também, nada vou contar para Luzia. Você mesma arruma uma desculpa para sair. Diga que quer morar sozinha, o que quiser. E eu lhe darei uma mesada, enquanto a encaminho a um emprego. Não aja de supetão. Espere uns dias e fale com Luzia. E eu, por meu lado, apoiarei a sua decisão.

— Está bem, desculpe-me. Perdão, mas não há como mandar no coração. Eu me afastarei, prometo.

Dessa forma decidiram e com presteza levaram o plano à frente. Luzia até achou natural o desejo da filha, já com 23 anos, que julgou estar apenas em busca de auto-afirmação. Zóio Verde não faltou com a palavra, arrumando para Gisele um emprego no escritório de uma cadeia de postos de gasoli-

na e restaurantes de um amigo dos tempos de escola. E tudo ficou no esquecimento e despercebido, a não ser aos olhos de Sebastiana, observadora que só ela.

— Olha, meu menino, essa moça saiu daqui porque estava ardendo de paixão por você.

— Que besteira, Tiana. Está ficando louca...

Gisele sumiu de suas vistas. Só ia visitar a irmã lá de vez em quando, escolhendo sempre os horários em que sabia não ter o perigo de encontrar-se com Zóio Verde. A realidade é que Gisele se sentia no pior dos mundos. Sua vida era trabalho, escola e casa. Raramente saía para uma diversão. E foi numa dessas raras saídas que ela vira um jovem que lhe chamara a atenção. Era a cara do Zóio Verde. A diferença era a pele um pouco mais clara e os olhos, que eram azuis. Chegou mesmo a rir interiormente: "Quem sabe eu troco o Zóio Verde pelo Zóio Azul".

Mal sabia Gisele que o jovem estava de olho nela, e, assim que se livrou do pessoal que o acompanhava, fez questão de se aproximar de sua mesa.

— Por favor, posso assentar-me ou está esperando por alguém?

— Pode tomar assento. Não estou à espera de ninguém.

— Logo vi. Ninguém deixaria uma mulher tão bonita à sua espera por tanto tempo.

— Bobagem. São seus olhos. Mas, e você, o que faz por aqui?

— Nasci na Inglaterra, cresci em Roma, criado por meu avô e, depois, um tio que foi meu tutor. Estou cursando medicina na Universidade Federal de Minas Gerais. E no mais,

ando à procura de um pai misterioso.

— E qual é o seu nome?

— Meu nome é Charles de Amanda Ross.

— E o meu é Gisele.

Daquele encontro veio um romance licoroso, daqueles que se transformam em chuva torrencial de libido e sóis abraçadores. Afastada da casa de Zóio Verde e querendo firmar sua independência, Gisele demorou quase um ano a contar a boa-nova à mãe, que àquela altura curtia outra gravidez, dessa feita de um menino. Contudo Gisele, já refeita da paixão extemporânea por Zóio Verde, resolvera revelar seu romance à mãe. Afinal, estar frente a frente com Zóio Verde não era mais problema e, então, marcou um jantar de aproximação. Seria uma sexta-feira, pois Zóio Verde ainda ia todos os sábados para a fazenda.

— A campainha, Sebastiana - gritou Luzia.

Sebastiana abriu a porta. Era Gisele e Charles. Sebastiana ficou até trêmula e em seu peito a tácita exclamação: — Meu Deus, é o Zóio Verde, porém de olho azul. E a apresentação foi enfileirando uma série de espantos. Luzia ficou perplexa, Zóio Verde atônito e Mari’Luzia, já bem grandinha e observadora inocente, não se conteve:

— Moço, você é a cara de meu pai.

Como coincidências acontecem... A hora do espanto passou e começaram a conversar. O rapaz começou a falar sobre sua vida; Zóio Verde a contar sobre o IBGE, a fazenda, a Casa do Zé Alfinete.

— Pois é, senhor Charles, a vida me levou a falar três idiomas. Falo inglês, porque minha mãe era inglesa; falo ita-

liano, porque após a morte de minha mãe, que nem conheci, meu avô me levou para a Itália; e aprendi português porque meu pai, do qual herdei o nome, mas desconheço o sobrenome e nem sei se ainda vive, é brasileiro. Aqui de Belo Horizonte.

Foi assim que Zóio Verde, sempre disposto a ajudar os outros, se interessou pelo problema do xará.

— Mas qual é o seu nome completo?

— Gisele não lhes disse?

— Não, ela não nos falou nada.

— É Charles de Amanda Ross, com dois esses!

Zóio Verde arrepiou-se todo, mas superou.

— De onde veio este nome?

— Pelo que me consta, Charles era (ou é) o nome de meu pai e Amanda o nome de minha mãe, que morou no Brasil durante um ano trabalhando numa Organização Não-Governamental. Como o senhor trabalha no IBGE eu até trouxe uma espécie de livro inacabado, cujo título é “Olhos verdes da salvação”.

— Cadê, cadê?

— Calma, vou tirar da pasta.

Zóio Verde folheia o manuscrito avidamente. Não havia dúvida - estava diante de seu filho.

— Corra Sebastiana, prepare uma água com açúcar. Zóio Verde não passa bem.

Lentamente, Zóio Verde recupera o fôlego. E diz:

— Você é meu filho. Eu sou o seu pai. Nunca pensei que você existisse.

Correu ao telefone e ligou para a mãe. Marilda foi quem atendeu.

— Chame a mamãe pra mim e segure-a. É notícia boa e forte.

— Depressa, Mari'Stela - gritou Marilda

— Alô, mãe. Desculpe-me o mau jeito, mas vou logo dizendo: estou aqui diante de seu neto mais velho, com vinte anos.

— Como?

— É Charles de Amanda Ross, filho meu com Amanda...

O telefone cai das mãos de Mari'Stela. Do outro lado, Marilda grita:

— Está tudo bem, Zóio Verde. Como você me disse que era notícia supimpa, eu estava a postos, com calmante e tudo. Ela já está bem.

— Dê-me o telefone, Marilda.

— Filho, vamos já para aí. Vou ligar para o Carlos. Vamos até Divisanópolis de automóvel e alugaremos um táxi-aéreo.

— Mas já é tarde, mãe!

— Segure o meu neto. Quero conhecê-lo ainda hoje.

— Está bem mãe, está bem...

— Uma coisa não estou entendendo. Eu nem sabia que sua mãe saíra daqui grávida e, além do mais, passados oito anos de seu desaparecimento, apareceu-me uma carta dizendo que ela morrera em um acidente aéreo e que nem o corpo fora localizado.

— Não sei de onde veio essa carta, mas a verdade é que no terceiro dia de seu regresso a Londres, minha mãe lhe escreveu uma carta e quando atravessava a rua para postar a correspondência foi colhida por um ônibus. Entrou em coma e

a carta foi interceptada por meu avô, que estava aturdido com a doença de minha avó e via, de repente, a filha entre a vida e a morte. Além do mais, diante de toda aquela aflição, ele colocou toda a culpa de sua desgraça naquele que a engravidara, tornando-se, inclusive, um racista prussiano, pois minha mãe já lhe havia falado de sua cor. Mamãe ficou em coma por mais de quatro meses, porém a gestação teve continuidade. Nesse período minha avó morreu e meu avô se agarrou a mim de unhas e dentes, requerendo para si uma exclusividade desmedida. No sétimo para oitavo mês de gravidez, minha mãe não suportou mais e faleceu, enquanto os médicos cuidavam de me retirar com vida de seu útero. E essa prematuridade me levou a ficar no hospital por sessenta dias, sob a mais atenta dedicação de médicos e enfermeiras... Há de se ressaltar que, mesmo arroubado pelo rancor, meu avô não relutou em aquiescer ao desejo de minha mãe, manifestado por ela minutos antes de sair para ir ao correio naquele dia fatídico, colocando em mim o nome de meu pai, seguido do dela.

Zóio Verde era consolado por Luzia, ao passo que Gisele conversava com Sebastiana que a inteirava da história do passado, a fim de que ela não ficasse boiando, flutuando diante da cena, sem saber de nada. Não tardou e chegavam Carlos, Mari'Stela e a inseparável Marilda.

História reprisada e recontada. Novo demorado repuxo de lágrimas...

— Mas quem me fez a caridade de mandar aquela carta, meu Deus.

— Por que saber disso agora, Zóio Verde? Não importa mais.

— Importa sim. Porque eu devo a essa pessoa a felicidade de viver este momento. Se não fosse aquela pá de cal sobre o passado, eu não teria forças para esperar vinte anos. Reconstituí a minha vida, ressemeei-me por dentro e, agora, posso abraçar o passado com a alegria de um presente construído, erguido sob o alicerce de um amor igualmente grande.

Carlos e Mari’Stela entreolharam-se.

— Seja quem for, ou quais forem os autores dessa trama, o fizeram por amá-lo, por querê-lo bem. Só pode ser, filho.

— É isso mesmo, Zóio Verde. A carta foi uma verdadeira tábua de salvação e, pelo menos, acertara em uma coisa: Amanda estava realmente morta, asseverou Carlos.

Gisele, então, mais tarde, se casa com o médico Charles de Amanda, que vai morar e clinicar no hospital de Indaiá da Pedra e juntar-se ao trabalho assistencial da Casa Zé Alfinete, o ponto central que cingia e unia a alma de toda uma família voltada para o bem-estar social do ser humano, do próximo. A bem da verdade, a máquina de costura de Zé Alfinete, exposta no centro da sala de entrada da casa assistencial, ainda alinhavava o calor humano que cobria os que se uniram em torno do desejo de um mundo mais justo e sem lugar para a hipocrisia e a falsidade.

CAPÍTULO XIV

BRAÇOS DE LUZ

*Esbarrei-me num cego
Que ferindo o meu ego
Indagou-me sem pestanejar
Você não costuma olhar por onde anda?
E quando entrei em um parque
Um jovem com meios-braços
Sem mão esquerda nem direita
Numa sintonia perfeita
Bolinava com fidalguia
E divinamente abraçava
Com mãos feitas de luzes em feixes
Que navegavam pelo corpo da namorada
Apaixonada, entregue àquele deslizar de peixes
Fui-me embora apassurado para casa
Ganhei asas com o ensinamento
De que sem se perder na traça dos lamentos
O cego enxerga e o sem-braços abraça!*

Carlos Lúcio Gontijo

Provação e lágrimas costumam ser a tocha úmida que nos ilumina em nossos caminhos. O quebra-cabeça da vida de Zóio Verde se juntara. Do alto do edifício em que trabalhava, ele assistia ao mundo e agradecia à vida que colocara pedaços de céu e alguns infernos em seu coração. Em dias de mormaço e paradeiro, ficava a conversar consigo mesmo:

Excesso de atividades e doses cálidas de idealismo têm o dom de fazer-nos mais disponíveis a aceitar o próximo como ele é. Sou um homem da montanha: acredito no obstáculo e na planície, por isso tornei-me alpinista do sentimento humano, minerador de almas, que jogo na bateia do coração, não para apurar algumas preciosidades, mas tão-somente para apreender e compreender a intimidade dos anseios. As pessoas não devem jamais ser modificadas em sua essência, a qual nos compete procurar apenas sensibilizar em relação ao todo, ao compromisso que temos uns com os outros.

Sou um homem da montanha, das proximidades, mas alegro-me pelos que têm no mar o seu porto-seguro - aprendo com eles. E creio, piamente, que não é preciso de se levar uma martelada nos dedos para se saber da dor: a sensibilidade continua sendo um veículo insuperável para nossas viagens.

As coisas seguem entre encontros e desencontros, mas

sempre em progressão, construindo ao longo do caminho bastantes laços verdadeiros sobrepondo aos fracassos (às vezes, simples incompreensões passageiras, atrasos do espírito em busca de perfeição, fenômeno que não passa de nosso eterno galgar graus de consciência menos rudes e mais civilizados no tocante à convivência e respeito), e ensinando-me que vale a pena apostar no ser humano, na possibilidade de semear amizade.

Uma vez ou outra, ainda vivo a noite, reviro ruas, olhares e bares madrugada adentro, ciente de que é mais fácil fazer um amigo em torno de uma rodada de cerveja do que de um copo de leite acompanhado de insosso bolo de farinha de trigo, ou uma coxinha fria de lanchonete, impedindo-nos os horizontes de sonhos, dos quais poderia emergir algum assunto fora do queixume doentio sobre os espinhos do dia-a-dia de todos nós.

Optei, então, pela forma simples, porém elevada, filosófica; pelo sentimento revelado com espontaneidade e a surpresa nova de um dobrar de esquina na memória, onde o novo é o velho que esquecemos de cultivar por inteiro. Enfim, cada um toca o instrumento da vida à sua maneira. É assim que, embora exerçamos individualmente nossas preferências, gostos e prazeres, construímos o arco-íris que é de todos nós - a nossa Casa Zé Alfinete -, união de todas as cores, raças e crenças. Descobrimos amigos, apesar das divergências: que existem graças a Deus, para o desespero da mente autoritária dos que não têm colírio e usam óculos escuros.

Estava perdido em tal velejar de pensamento quando o telefone toca. Era a secretária chamando-o naquele final enfadonho de tarde de sexta-feira:

— Dr. Charles, o secretário do Trabalho solicita que o

senhor lhe faça um levantamento sucinto sobre o nível educacional da população ativa de Minas Gerais.

— Pode dizer-lhe que, na próxima quinta-feira, o relatório estará pronto e em mãos.

Desligou o telefone e resmungou:

— Saber, ele sabe. É o mesmo de sempre. Resultado contíguo ao nada que se fez. O deseducado continuou deseducado, o analfabeto permanece analfabeto e o semi-alfabetizado continua metido a besta...

Pegou a pasta, pôs o paletó debaixo do braço e se mandou. Ia dar uma caminhada, passar pelo parque municipal, tomar um chope e ir ao encontro da família.

No bar do amigo Noca, “estacionou” um pouco. Pediu um chope bem gelado. E Noca lhe perguntou:

— Charles do IBGE, você que sabe das coisas, já encontrou pela frente uma jeritataca?

— Eu não!

— Pois é, uma vez eu tive que chutar um bicho desse e perdi minhas botas. Não tinha jeito, era um beco estreito, lá próximo de Indaiá da Pedra, onde você tem a sua fazenda. O bicho vinha em minha direção e não teve outra maneira, era ele ou eu. Meti-lhe os pés.

— E daí, Noca?

— Uai, o resultado é que perdi as minhas botas. O bicho, que parece um gambá, deixa uma catanga que não sai de jeito nenhum. Você que mexe com dados estatísticos, que são uma tristeza só, sabe muito bem que tem gente graúda tão responsável por nossas mazelas que são como a jeritataca.

— Que comparação esdrúxula é essa, Noca?

— Uai, tem gente que se você se aproximar muito, en-

costar nela, pega um mau cheiro daqueles!

Zóio Verde riu, aferindo em seguida:

— Há pessoas tão falsas e frias que se você as deixar esquentando sob o mormaço do tempo, elas suam e dá para arrancar-lhes o rótulo-fantasia!

Ainda sorrindo foi caminhar no parque, no meio do verde, respirando o frescor das árvores, enquanto se punha a conversar consigo mesmo:

Triste Brasil, em que um cidadão comum é capaz de ter uma visão tão negativa de suas autoridades. E o pior é que o Noca está certo. Também pudera, numa visão realista, o nível de democracia das realizações de um governo se mede mais pelos que não foram prejudicados por suas ações do que por aqueles que a administração pública tenha prejudicado. É por isso que, toda vez que vejo uma estrela brilhando solitária após uma tempestade, eu percebo, nessa lição de luz, a escuridão dos homens desprovidos de horizontes.

Em consonância com autores capazes de nos mandar rasgar seus livros e apagar suas idéias antigas, teremos, algum dia, presidente da República que nos solicite que o esqueçamos, mas, para compensar tudo isso, poderemos sempre encontrar lenitivo na simplicidade iluminada de pessoas comuns - assim como o Noca -, abrindo clareiras em nosso interior, marcando-nos tão profunda e indelevelmente que a gente não as esquece jamais.

Não está sendo fácil conviver com uma sociedade em que predomina o espírito neoliberal, no qual as pessoas andam perdendo a espontaneidade, a capacidade de se mobilizar, pois à frente de tudo está o cálculo do custo- benefício, jogando por terra sonhos e idéias, porque qualquer luta, qualquer

opção no sentido de mudança requer abertura para perdas e sacrifícios. A chamada sociedade organizada se prende hoje a insignificâncias em substituição a seus sonhos de grandeza. Cada pessoa cuida de se amarrar a seus minguados salários, aceita passivamente a socialização da miséria, acreditando que é melhor pingar do que faltar. Todos se põem dispostos a viver meia-vida no decorrer de uma vida inteira. Isso explica o movimento pé-descalço dos sem-terra, quebrando a inércia de nossas esquerdas pensantes cujas idéias não conseguem sair do papel, porque significaria desagradar e perder a proximidade com a direita endinheirada.

É angustiante o fato de nos deparar com esse fechar de portas a que as pessoas se entregaram, tanto por desconfianças desmedidas quanto por temor de sofrer ou passar por danos no campo emocional, fazendo do coração uma espécie de cofre, onde alguém pudesse entrar na calada da noite e promover desfalques, roubos, pregar a peça dos precatórios. Ou seja, confundimos por demais a realidade da conta bancária com a necessidade do faz-de-conta e de sonhos que o amor e o amar nos cobram.

Preocupa-nos essa visão do neoliberalismo econômico transportada ao amor, tomado como sentimento de troca material e não como uma entrega, uma volúpia incontida proporcionada por uma libido licorosa, em que não há interesse algum em saber quem pagará a conta, pois amar sempre vale a pena. Toda experiência amorosa é uma aproximação com a eternidade, ensinando-nos que os amores ficam em nós, presos em liberdade, num feliz arrastar de correntes. E ninguém alcança essa dádiva sem escancarar as portas de seu coração e dispensar os balanços e as estatísticas de perdas e danos,

créditos e débitos, vantagens e desvantagens.

Ia assim divagando quando lhe chamou a atenção um rapaz que não possuía as duas mãos, dispondo apenas de meios-braços e, no entanto, para quem tinha olhos para ver, podia-se observar claramente que ele beijava e abraçava apertado a namorada, completando seus braços com as mãos e os dedos gerados pela luz de sua alma que, como o espírito de todos nós, não mede custo-benefício e tão-somente se embebe e sorve a seiva dos momentos, infinitos em sua brevidade, em que consegue juntar num só feixe de doação todos os sentidos e desejos, sem a intervenção de governos (informalmente, como nos diria o economista), sem cartórios, sem carimbos nem dogmas religiosos, com o corpo, em metamorfose, transformando-se em polvo sinérgico, com mil braços de luz.

Pára um momento, põe as mãos nos bolsos e, chateado, dialoga com seus ouvidos: Esqueci a porta de minha sala aberta. As chaves estão sobre a mesa, o molho tem as chaves de todos os arquivos. Tenho que voltar ao IBGE". Apressou o passo, começava a cair uma ligeira chuva de verão, estava bem-disposto, deixou o corpo sentir o gosto de manga de chuva, como costumam dizer na terra de onde veio.

Fora uma produtiva caminhada, quando chegasse em casa teria o que contar. Pensou em Deus: energia criadora para os que crêem; e inconscientemente construído na apologia dos que põem fé no efeito das coincidências.

— Bom-dia, digo, boa-noite, Manoel.

— Uai, o senhor por aqui, a essa hora, e todo molhado, doutor!

— Esqueci-me de minhas chaves. Como me encontrava próximo daqui, resolvi dar um pulinho. Não demora muito e

minha roupa já estará enxuta, sob a ação do calor do corpo e o mormaço do tempo.

— Mas, e você, Manoel, parece-me meio chateado. Está menos risonho.

— Ah, Dr. Charles, a gente aqui trabalha em dupla à noite. E agora fiquei sabendo que virá para trabalhar comigo, um ex-chefe de segurança, que me demitiu da empresa onde eu trabalhava antes de vir para cá. Eu era recém-casado e passei um aperto danado por causa dessa demissão.

— Bobagem sua, Manoel, a vida não foi boa pra ele, tanto que ele está vindo trabalhar ao seu lado, e não é mais chefe. São as voltas que a vida dá.

— Mas ele continua, para mim, um inimigo. Vai ser difícil demais, Dr. Charles. Até parece castigo e provação dos céus.

— É, Manoel, talvez seja. Mas é melhor pensar nisso como uma lição. Vou contar-lhe uma historinha:

— Quando menino, eu ia passar as férias na fazenda de uns amigos. Lá perto de Indaiá da Pedra, onde hoje minha família possui terras. Os meninos da redondeza tinham a mania de se juntar para jogar bola num local chamado de “Buraco do Chico Sabino”, nome que veio de um antigo dono da fazenda, onde em uma planície, um pequeno vale, que ficava a uns vinte ou trinta metros abaixo de um esbarrancado. Para terem acesso à tal planície, gerações de meninos fizeram e mantiveram ao longo dos anos escadinhas rudimentares, feitas com enxadas e enxadões.

— Mas isso não era perigoso, Dr. Charles?

— Era, Manoel. Porém, lá no fundo estava um paraíso: existia, ou melhor, foi feito pela molecada, um campinho de

jogar bola. Com trave e vestiário escavado no barranco. Pois bem, um belo dia, à tarde, depois de uma manhã chuvosa, bastou que se nos abrisse uma nesga de céu para que fôssemos ao Buraco do Chico Sabino.

— Até imagino, desenho na mente a alegria de vocês.

— E ponha contentamento nisso, Manoel. E quando a partida ou “pelada”, como chamávamos, começou, escutamos ao longe os gritos de um colega maldoso e bastante temido, de nome Jairo, que costumava avacalhar e até acabar com nossa brincadeira. Jairo bradava: — Vou vacalhar, vacalhar! Seu grito cortava os caminhos e chegava aos nossos ouvidos.

— E daí, doutor, o que vocês fizeram?

— Nós não fizemos nada, a providência divina é que tomou conta da pendenga do Jairo.

— Como assim, doutor?

— Continuávamos o jogo afobadamente, como se, no íntimo, quiséssemos aproveitar os últimos minutinhos. E, de repente, escutamos o barulho de alguém rolando as escadinhas abaixo. Era o Jairo que havia tropeçado logo na entrada do acesso ao campinho. Quando desceu toda aquela ribanceira, gemia ao chão, próximo da trave do gol, mas não conseguiu firmar-se para levantar, pois havia quebrado os dois braços e a clavícula.

— E daí, o que vocês fizeram?

— Aí, Manoel, nós estendemos a mão para o “inimigo” em dificuldade.

— O que o senhor quer dizer com isso, doutor?

— Quero dizer, Manoel, que é chegada a sua vez de estender a mão para o seu ex-chefe de segurança. Certamente ele é hoje outra pessoa. Além do mais, a própria natureza nos

ensina que o inimigo de ontem pode ser o amigo de hoje.

— Não estou entendendo, Dr. Charles.

— Já lhe explico. Você já ouviu falar em vulcão?

— Sim, já ouvi.

— Olha, o vulcão, quando expele suas lavas, é como se fosse inimigo da terra: queimando-a, destruindo-lhe todo o verde. Mais tarde, lava e terra se juntam, como num abraço, e enchem de fertilidade o solo que outrora nos parecia irremediavelmente sem vida. A Natureza nos ensina que a extensão dos chamados infortúnios está diretamente relacionada com nossa vontade de crescer, reflorescer, levantar fogaréu das cinzas, desenhando, na prancheta da realidade mas com o compasso do coração e a força do próprio braço, o tempo novo.

— É isso mesmo, Dr. Charles. Isso acontece com as enchentes, que tanto destroem quanto constroem. Devo desarmar meu espírito.

— Sábia decisão, Manoel. O mundo, o homem e a sociedade são movidos a probabilidades, essa realidade irreal das estatísticas.

— Como assim?

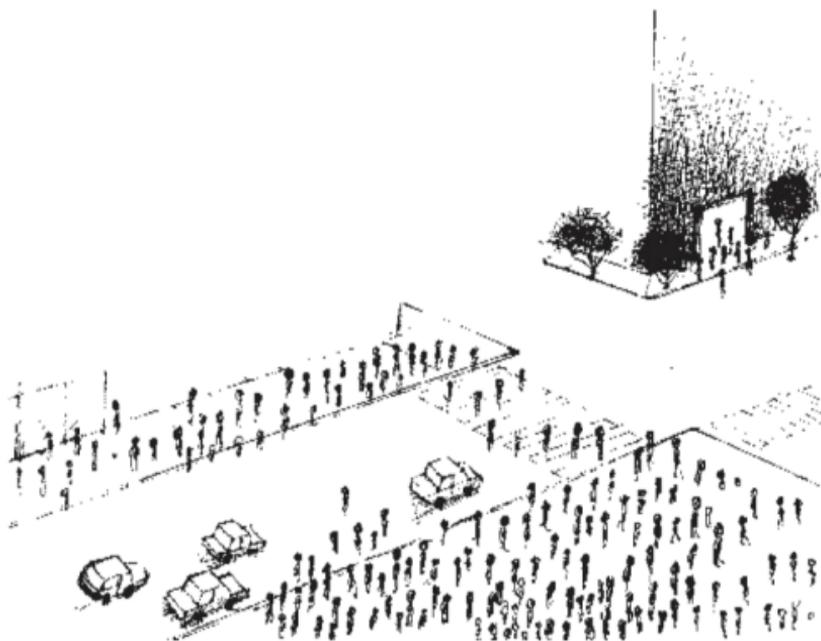
— Olha, só para exemplificar: Deus está para os homens como a pedra rara para o garimpeiro. Ou seja, podemos não encontrá-lo, mas é um conforto crer em sua existência. Enfim, quem somos nós para desacreditar no progresso humano-espiritual de uma pessoa?

Dito isso, ou isso passado, Charles subiu. Não acendeu as luzes de sua sala; bastava-lhe a penumbra que lhe era fornecida pelas luminárias do corredor. Vislumbrou a velha agenda que pertencera ao velho “Charles do IBGE”. Folheou-a brevemente, deteve-se na abertura, em que lia com o tatear

dos dedos o que a memória sabia de cor:

TODA MANHÃ, QUANDO ACORDO, NÃO DESPERTO; APENAS ASSISTO À LUZ. DESPERTAR É SÓ QUANDO COMEÇO A COLOCAR MINHAS CORES NA PAISAGEM...

Pôs-se inerte diante da janela, de onde se via a cidade iluminada. Os carros pequeninos, lá embaixo, pareciam de brinquedo. As pessoas, alvos de suas pesquisas, mais pequeninas ainda: pareciam formigas tontas, erradias, à procura do formigueiro. Lembrou-se de seu pai, sentiu-se um contador de formigas...



BIOGRAFIA (I)

*“(...) Salivo gostos no prato do desejo
Estar vivo é deixar-se consumir
Doar braços e toda a alma
Sob a calma de estar inteiro aos pedaços.”*

Ao contrário desses versos, parte do poema “Pedaço inteiro”, que se acha inserido em nosso quarto livro (*Aroma de Mãe*), biografia é uma tentativa de apresentar a pessoa de corpo inteiro. Pois bem, abreviando, somos filho de José Carlos Gontijo e Betty Rodrigues Gontijo, vimos de Santo Antônio do Monte, Oeste de Minas Gerais, onde jogamos futebol no Flamengo local, cursamos o primário, o ginásio e parte do Curso de Contabilidade, complementado em Belo Horizonte, cidade em que cursamos Jornalismo na Fafi-BH, o que nos possibilitou estarmos no “Diário da Tarde” desde 26 de outubro de 1977, onde hoje exercemos as funções de articulista, editorialista e revisor na Editoria de Opinião. Passamos, também, pelo “Diário de Minas” e fomos editor do “Tribuna de Mariana”.

Lançamos *Ventre do Mundo* (poesia, 1977), *Leite e Lua* (poesia, 1977), *Cio de Vento* (poesia, 1987), *Aroma de Mãe* (poesia e prosa, 1993) e *Pelas Partes Femininas* (poesia e prosa, 1996).

Somos portadores de título de honra ao mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), de “Troféu Magnum de Cultura”, homenagem do Colégio Magnum Agostiniano aos 100 anos de Belo Horizonte (1997), membro da Academia Interamericana de Literatura

e Jurisprudência, e da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos (Anápolis - GO).

Por fim, mas um bom começo, somos casado com Conceição Nina de Oliveira, e pai de Amanda e Lucas: nossa certeza de estarmos vivos na carne, quando nos integrarmos às luzes e energias do Universo, essa consciência sem tato, mas sentida e imensamente viva nos momentos de alegria, emoção, gozos e arrepios diante do amor e toda a entrega verdadeira - seja no convívio com os amigos sinceros, nos braços da pessoa amada ou, como nós agora, na sublime missão de escrever um livro. Esse patrimônio gráfico da humanidade, erguido no papel que fala, uma aldeia universal extra-sensorial, voltado para o leitor (rizoma de todo o processo criativo), pois existe para ser admirado, folheado, tocado, visto, revisto, feito a paisagem e tudo o mais que nos rodeia, exatamente como expressamos em verso antigo que tivemos a felicidade de “parir” um dia:

“Os olhos são o cio das luzes

BIOGRAFIA (II)

Mesmo sem celular, chegarei para o Natal.

“Feito uma noite perdida, a intimidade descoberta não se recupera jamais.”

É Natal, tempo de se fazer profissão de fé na construção de um mundo em que os encontros sejam uma busca normal, um desejo natural dentre os homens e as mulheres. Haveremos, enfim, de juntar argamassa suficiente, que nos possibilite um nível de conscientização capaz de conter nosso instinto de acreditar que nossa ação ilegal particular é sempre um delitozinho de nada, um erro perdoável, sem importância nem grande significado. É assim quando jogamos lixo nas vias públicas ou cortamos uma árvore, pensando que uma arvorezinha a mais ou a menos não faz falta e que estamos todos perdoados, pois, afinal, somos ardentes defensores da Floresta Amazônica, da Mata Atlântica, das baleias, micos-leões, araras-azuis etc., que dessa forma, sob a filosofia da depredação inocente, individual, vão sendo devastados, dizimados e extintos um a um, silenciosamente.

É Natal, a necessidade de união é proclamada aos quatro ventos e cantos deste Planeta sem juízo, embebido em egoísmo de extremo pendor materialista. Todavia, em vez de assuntar sobre o cadinho da corrente do entrelaçar de mãos irmãs, nós queremos é falar da verdadeira dádiva que é não ser encontrado, de vivenciar o regozijo de estar em lugar não-sabido, indeterminado, sem lenço nem documento, conforme nos diz a canção popular.

Somos provenientes de uma cidade do interior de Minas Gerais, Santo Antônio do Monte, ali percebemos o que é não ter individualidade, com vida pessoal e intransferível sendo conhecida, em detalhes, por toda a sociedade. As ruas, nas cidades pequenas, não terminam à porta de seu lar: penetram casa adentro, invadindo a sua intimidade. Em defesa desse quadro comunitário, chamam a isso de calor humano, que talvez seja uma assertiva verdadeira, pois são muitas as labaredas e o fogaréu lançados pelas línguas inconfidentes, que permeiam seu procedimento entre a fofoca maldosa e o constante ressuscitar de “silvério-dos-reis”.

Uma amiga jornalista indagou-nos outro dia sobre o porquê de nós ainda não termos o nosso celular. Nem pestanejamos na resposta: - Vimos de lugar pequeno, onde derrubaram uma igreja de pedra, construída no tempo dos escravos, para erguer em seu lugar uma espécie de galpão com uma torre do lado. Somos de alma boêmia, poeta, jornalista, estamos trabalhando em nosso romance *O Contador de Formigas*, e temos plena compreensão de que a criação se estreita, seca a fonte, à medida que restringimos os nossos horizontes e deixamos que uma multidão (família e familiares no meio) se acerque de nós e passe a nos monitorar. Os momentos de solidão, desprendimento e relaxamento são o nicho em que se dá a nossa preparação psicológica, nossa autoterapia, para o contato com a família e até mesmo para a convivência amistosa no ambiente de trabalho.

Consideramos o celular um fator de restrição à individualidade, demarcador de espaços e territórios, capaz de nos encontrar nas cafuvas, no fundo dos botecos, nos balcões lusco-fusco, ao pé das sombras e luzes da árvore da vida, à beira do abajur de olhos e olhares que acortinam ou iluminam lugares mais inocentes, ungidadas sacristias, se comparados com a maledicência de que são cheias as línguas descansadas de gente enfatiada de viver sua vidinha, tanto guardada em diabólica pureza triste quanto vazia de gestos de salvação de si mesmo.

Enfim, há momentos de encontro e de ser desencontrado. Notícia ruim segue a galope, por isso, se vez ou outra desaparecemos nessa centenária Belo Horizonte - sem mares, mas de muitos portos -, não nos procurem, porque não estamos querendo ser achados e apenas exercen-

do supremo direito de semear no fundo de nós, entre lágrimas e risos espontâneos, a calma, a compreensão, a aceitação, os abraços e todas as demais formalidades que a sociedade organizada exige dos homens a que denominam de respeito e família: tidos como quadros prontos e emoldurados, expostos à mesmice de uma galeria entre quatro paredes, à qual não se permite a pintura nova. Entretanto, fiéis aos nossos compromissos, raízes da essência de nosso espírito, juramos de pés juntos (no bom sentido da vida e não da morte) que, mesmo não usando celular, chegaremos a tempo, e felizes, para a ceia de Natal, as comemorações de ano-novo e todas as festas que os que nos são próximos-caros jogarem no cardápio de nossa agenda.

**(Artigo publicado no jornal DIÁRIO DA TARDE,
na edição do dia 25-12-97.)**



Luís Carlos Prestes e o pastor protestante

*(...)Filho, tu ainda tens mãe/ É o estribilho da canção que ouço/
Ergo-me com as forças de “coluna prestes”/ Faço em mim a revolução
de que falavas/ Então eu creio, respiro profundamente/ No ar cheiro de
seio que me alimenta/ Mãe, sinto-me menino novamente (...)*

Aprendemos muito cedo que todo exército, uma vez embebido em sangue, é vermelho, nem precisa ser comunista. Em princípio, todos os países são capitalistas, vivem do trabalho, da produção, comercialização e do lucro. A diferença entre as nações, assim, está no sentido que se dá à administração e ordenamento da riqueza criada com o esforço e o suor de todos: em nome de uma minoria, se no liberalismo; de uma maioria, se no socialismo.

Há, portanto, dois caminhos a serem discutidos ou seguidos por livre determinação dos povos: democratização dos mecanismos da economia, para os que vivem no liberalismo; ou maior abertura e incremento do intercâmbio no campo da comercialização, para os que praticam o socialismo, conforme ao que hoje assistimos acontecer na China, com uma população de 1,3 bilhão, que, apesar de todos os incentivos e exigências do serviço governamental de controle da natalidade, se nos apresenta com um crescimento anual estimado em cerca de 15 a 20 milhões de indivíduos.

Todavia, no momento, o que estamos decididos a comentar não é sobre a existência ou não do comunismo, mas a extrema realidade de que a civilização não pode encaminhar-se para o futuro sem que se ergam instrumentos capazes de minorar o recrudescimento da fome e da miséria, que atinge um número cada vez mais elevado de pessoas. Foi exatamente essa a principal mensagem que nos fora deixada pelo líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, que ficou famoso em todo o mundo por causa da “Coluna Prestes” (que se deu em 1924, quando ele ainda não se havia integrado às lides do comunismo, a que abraçou em 1930), mas que tem em seu idealismo a sua essência mais benfazeja,

pois, sem firmeza de propósito e de caráter, ninguém consegue mobilizar pessoas em torno de uma idéia ou arregimentar alguma simpatia de terceiros pela causa por que luta, seja ela política, científica, religiosa. Em síntese, o materialismo histórico não pode pretender resumir toda a filosofia comunista no fim do comunismo na Rússia ou na queda do muro de Berlim. Isso seria jogar fora muitos ensinamentos e lições de que o progresso da humanidade não deve, de maneira alguma, abrir mão.

Isso posto, vamos à nossa experiência, ao nosso travar conhecimento com o nome e a figura de Luís Carlos Prestes, de que ouvimos falar ainda menino, com uns oito, nove anos. Minha mãe, Betty Rodrigues Gontijo, falecida no dia 19 de dezembro de 1989, ocasião em que escrevemos o poema, que, em parte, usamos na abertura desse artigo, era uma mato-grossense da gema, nascida à beira do rio Araguaia, numa fazenda de propriedade do meu avô Joaquim Alcides, um pernambucano cabra-da- peste, bravo que só ele, destemido e casamenteiro, que se enviuvou de três mulheres, com as quais teve um total de 19 filhos.

Pois bem, Luís Carlos Prestes, fugindo de valorosos caçadores (mais tarde, politicamente, cassadores) de comunistas, num tempo em que os mesmos representavam a personificação do mal, os comedores de criancinhas, foi dar às portas da fazenda do pastor protestante Joaquim Alcides, o meu avô pernambucano. Lá se aportou e foi bem recebido, com toda a honraria de um admirador embevecido. Passados dois, três dias que o cognominado “Cavaleiro da Esperança” se achava “hospedado” na casa do pastor, fazendeiro e simpatizante da causa comunista, eis que, sem mais nem menos, um capataz vem correndo avisar que a polícia já se encaminhava para o recinto. Da janela, Joaquim Alcides avistou a turma de fardados. Era a milícia chegando. Não dava tempo para nada: correu, pegou Luís Carlos Prestes pelos braços e o meteu dentro de um guarda-roupa, retornando à sala e postando-se bem no centro com uma Bíblia nas mãos e em tresloucada oração. Assim que entraram no casario, os soldados foram logo lhe perguntando se havia visto Luís Carlos Prestes. Ao ouvir o nome do comunista, o pastor se pôs a benzer-se e a gritar freneticamente: sai Demônio, bicho do Diabo, Satanás... Bem de acordo com a propaganda que se fazia de Prestes. Dessa forma, pensando estar

lidando com um louco, demente de matar com pau, os tais soldados se mandaram, pois não tinham tempo a perder.

Luís Carlos Prestes ainda ficou mais algumas semanas nos arredores, chegando até a assuntar meu avô sobre aquela que seria muito tempo depois minha mãe, porém foi logo demovido de seu sonho porque o pastor foi resolutivo e enfático em sua resposta: a moça já está comprometida com outro. Prestes, então, já tomado de amizade pelo fazendeiro-pastor, resolveu afastar-se da casa, montando acampamento em mata de difícil acesso, em meio dos alagados, a fim de não comprometer seu benfeitor, caso fosse descoberto. Um dos meus tios, um menino que se incumbira de pegar a conoa todos os dias para levar uma marmita de comida para Prestes, acabou recebendo como pagamento uma rápida iniciação à sua alfabetização. Era o líder comunista, que, se vivo estivesse, teria completado 100 anos no dia 3 de janeiro, já naquele tempo distante, mostrando-se ciente de que reside na capacidade intelectual do povo a principal riqueza de um país, seja para fazer uma revolução, dizer não



PATROCINADOR

Dessa feita, não fomos tão bem-sucedidos no tocante a patrocínio como se deu com *Aroma de Mãe* (patrocinado por admiradores de nosso trabalho: Wilson Ricardo, Conceição Santos, Vicente Bolina de Oliveira, residentes em Santo Antônio do Monte) e o *Pelas Partes Femininas* (com o apoio das empresárias de Contagem Héliida Stael Mendonça, da Forno de Minas; Ângela Flores Furtado Filogônio, da Minasgás; e Rosana Basile, da Pakalolo. Todavia, não podemos reclamar, pois chegamos até a realizar uma edição intermediária, composta de uma coletânea, em dois volumes, de nossos cinco primeiros livros e, depois, muitos amigos foram correndo atrás da diminuição de custos, o melhor orçamento, para *O Contador de Formigas*, além da ajuda - o “paitrocínio” - de meu pai, José Carlos Gontijo.

Mais uma vez, nossa obra literária foi abrilhantada pela arte e a competência de **Nivaldo Marques**, um artista sensível, de primeira linha, formado em Comunicação Visual, co-autor de livro de quadrinhos educativo, ilustrador de jornais e inúmeras produções literárias de editoras.

As dificuldades e a importância do trabalho cultural independente, que não aluga a pompa de selos editoriais, nós lhes deixamos, explícitas abaixo, na fala de algumas personalidades.

* “AARTE exige elaboração demorada e o controle do processo por um indivíduo. Produção em massa não é arte. Está mais para entretenimento. Vivemos numa sociedade em que só tem valor o que tem valor no mercado. Então a poesia não tem valor, não vale nada. Por isso, ela está à margem desse delírio massificante que transforma tudo em coisa alguma” (Ferreira Gular, poeta).

* “A PRODUÇÃO independente, embora ainda incipiente, é a via que aponta novo procedimento e contribui com o conceito de posse do produto como parâmetro para a regionalização cultural” (Clodomir Ferreira, professor da UnB e escritor).

* “O QUE SE chama de universal é o regional de alguém posto para todo o mundo” (José Ramos Tinhorão, pesquisador e crítico musical).

* “ACREDITO que virá uma fase em que toda arte será necessária pelo simples fato de ser arte numa sociedade utilitária, desumana, cruel, antiartística” (Aderbal Freire Filho, diretor teatral e dramaturgo).

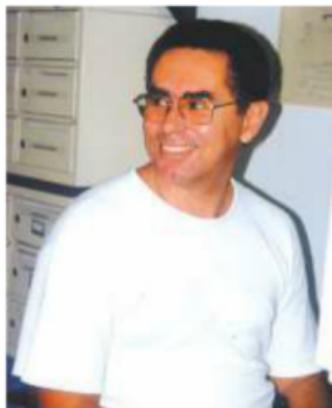
que o Criador não nos conduz / Pois deixou em nossas próprias mãos / O livre-arbítrio de acender ou apagar a luz!" A partir destes ingredientes, o autor trama todo o desenrolar das vidas dos personagens.

O poeta Manoel de Barros disse que *Quem ama exerce Deus*. É isto que padre Charles, Mari'Siela, Zóio Verde e todos os personagens desta história fazem, pois, nas palavras do próprio Carlos Lúcio, "Deus não era apenas proclamado, era exercitado tanto por religiosos quanto por ateus, que o exercitavam inconscientemente, através do estender de mãos e do amor ao próximo". E é nessa busca de exercer Deus que o "Charles do IBGE"- nova identidade assumida pelo padre Charles após deixar a Diocese - empenha toda a sua vida, lutando por uma sociedade menos hipócrita e mais solidária. Acaba os seus dias contando as formigas que agora destruíam a sua amada fazenda "Formiga de Asas". Botou pra ferver, deixou quebrar sem se importar em se perder, e foi aceito: teve um enterro glorioso. Foi fiel às suas crenças, como bem confirmam estes versos feitos para ele: "... Na conta do que suporto e posso / Adoço a dor para regar / A vida nova em que aposto".

Em *O Contador de Formigas* Carlos Lúcio é um conta-dor de formigas, as formigas que somos todos nós, cuja dor maior é querer um mundo melhor que este mundo real de que dispomos. Neste livro Carlos consegue ampliar a esperança e, ainda que em ficção, consegue "Uma República em substantivo livre (Nem velha nem nova)".

Que cada leitor seu "Esteja sempre enjanelado para quando chegar a luz". A luz que nos traz *O Contador de Formigas*, pois nesta obra, *As antiteses* conçoçam.

BerenicyRaelmySilva
Psicóloga e jornalista



*Caiu o muro de Berlim
Mas cercas separam quintais e jardins
Mais nos seduzem os cristais
Que as curvas que unem os casais
Tememos o fugidio, o etéreo
Tudo que é mistério nos amedronta
Defendemos de unhas e dentes a matéria
Miséria esculpida em pensamentos lassos
Negamos simples abraços de amizade
Enquanto pesquisas percorrem a cidade
E vão medindo à guisa de mera informação
Os níveis da quimera de nossa infelicidade!*

Carlos Lúcio Gontijo

*No palco solidário da arte do amor e da vida em parceria não
há espaço para os que optam pelo egoísmo da carreira solo*
